

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/RELAÇÕES PÚBLICAS

ESTER MARTINS DE ARAÚJO

RELAÇÕES PÚBLICAS NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA: desafios éticos encontrados na prática de pesquisa na graduação de
Relações Públicas

São Luís
2026

ESTER MARTINS DE ARAÚJO

**RELAÇÕES PÚBLICAS NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA:** desafios éticos encontrados na prática de pesquisa na graduação de
Relações Públicas

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social/Relações Públicas da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito de Grau de Bacharel em Relações
Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Saraiva de
Oliveira Jerônimo

São Luís
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Araujo, Ester Martins.

RELAÇÕES PÚBLICAS NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL GENERATIVA: desafios éticos na prática de
pesquisa na graduação de Relações Públicas / Ester Martins
de Araujo. - 2026.
114 f.

Orientador(a): Luciana Saraiva de Oliveira Jerônimo.
Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Relações Públicas, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, 2026.

1. Relações Públicas. 2. Prática da Pesquisa Em
Relações Públicas. 3. Inteligência Artificial Generativa
(iag). 4. Uso Ético e Responsável de Iag Na Pesquisa. 5.
Metodologia da Pesquisa. I. Oliveira Jerônimo, Luciana
Saraiva de. II. Título.

ESTER MARTINS DE ARAÚJO

**RELAÇÕES PÚBLICAS NO CONTEXTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA:** desafios éticos encontrados na prática de pesquisa na graduação de
Relações Públicas

Monografia apresentada ao Curso de
Comunicação Social/Relações Públicas da
Universidade Federal do Maranhão, como
requisito de Grau de Bacharel em Relações
Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Saraiva de
Oliveira Jerônimo

Aprovada em: 21/01/2026
Nota: 10,0 (dez)

Profa. Dra. Luciana Saraiva de Oliveira Jerônimo
Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Kamila de Mesquita Campos Pessoa
Examinadora 1
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Walline Alves Guimarães
Examinadora 2
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, Alfa e Ômega, Criador de todas as coisas, digno de toda honra, louvor e glória, por todo o amor, misericórdia e graça derramados sobre a minha vida, minha casa e minha família. Foi Ele quem me sustentou em cada etapa dessa caminhada, guardando-me, cuidando dos meus caminhos, dos meus anseios e fortalecendo-me nos momentos de dificuldade. Sem Ele, nada disso seria possível.

À minha avó, Sônia, minha eterna gratidão. Mulher de fé, guerreira e forte, que me ensinou os caminhos do Senhor, sempre torceu por mim, cuidou de mim e me amou incondicionalmente. Levarei comigo, por onde quer que eu vá, tudo aquilo que aprendi ao seu lado. Minha infância foi muito mais feliz graças a você, vó.

Agradeço ao meu esposo, Márcio, por ser a base e a rocha da nossa família, por todo o apoio, paciência e compreensão ao longo desse processo. Por ser meu suporte nos momentos mais difíceis, por acalmar minhas angústias, acolher minhas ansiedades e estar ao meu lado em todas as circunstâncias. Sua presença, cuidado e dedicação à nossa família foram fundamentais para que eu conseguisse concluir esta etapa. Sou profundamente grata por todo o amor e incentivo.

Ao meu filho, Miguel, agradeço por todo o carinho, amor e companhia. Por tantas vezes estar comigo em sala de aula, mesmo sem compreender o que acontecia, oferecendo sorrisos, carisma e encantando colegas e professores, tornando essa caminhada ainda mais significativa. À minha orientadora, professora Luciana Jerônimo, expresso minha mais profunda gratidão por toda a excelência, paciência, dedicação, compreensão e acolhimento ao longo deste processo. Obrigada por aceitar caminhar comigo, por me ouvir, me fortalecer e por sempre tentar extrair de mim o melhor que eu poderia oferecer. Sua postura humana e comprometida com a educação fazem de você uma inspiração. Jamais esquecerei a professora que você foi e sempre será para mim.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam ao longo desse período e à Universidade Federal do Maranhão por todas as oportunidades e por ter se tornado a minha segunda casa ao longo desses anos. Os conhecimentos adquiridos e amigos que tive jamais esquecerei.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho e para a realização de mais uma etapa da minha trajetória acadêmica.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa visa identificar os desafios éticos percebidos e/ou enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam o seu cotidiano acadêmico para, posteriormente, produzir recomendações que os ajudem com esses desafios. Por meio de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, construiu-se quatro camadas de ações: a primeira composta de pesquisa bibliográfica e de revisão de literatura sobre o uso de IAGs na prática da pesquisa, em que ilustra-se teoricamente sobre os princípios desse uso; a segunda camada que consistiu de uma pesquisa empírica utilizando a técnica de grupo focal para coleta de dados que contou com participação de nove alunos divididos em dois grupos; a terceira camada que foi a de interpretação das percepções registradas, por meio da adaptação da técnica de análise de conteúdo do registro dos grupos e a quarta camada, ou seja, a construção de recomendações próprias para o uso ético e responsável da IAG no nível da prática de pesquisa desses estudantes. No final da pesquisa empírica, percebeu-se que os estudantes de Relações Públicas da UFMA têm uma preocupação tardia com o letramento de inteligência digital; que precisam compreender que o pesquisador deve assumir a responsabilidade total pelo uso de IAGs para melhoria de sua pesquisa; que precisam ser orientados por regras claras para que haja transparência no uso que fazem da IAG; que precisam mitigar riscos ao usarem ferramentas de IAG a partir da consciência desses riscos; que o combate ao plágio é um comportamento moral indispensável no mundo acadêmico; que habilidades de análise, síntese e discussão dos resultados de pesquisa é da autonomia humana, portanto intransferível às IAGs; e que o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa também depende de orientações institucionais. A partir dessas percepções, desenhou-se sete conjuntos de recomendações práticas para o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa em Relações Públicas para o curso da UFMA.

Palavras-chave: Relações Públicas. Prática da Pesquisa em Relações Públicas. Inteligência Artificial Generativa (IAG). Uso ético e responsável de IAG na pesquisa. Metodologia da Pesquisa.

ABSTRACT

This research aims to identify the ethical challenges perceived and/or faced by Public Relations students at UFMA when using generative artificial intelligence tools in their research practice, understanding how such challenges impact their academic daily lives in order to subsequently produce recommendations that help them with these challenges. Through exploratory qualitative research, four layers of actions were constructed: the first consisted of bibliographic research and a literature review on the use of GAI in research practice, theoretically illustrating the principles of such use; the second layer consisted of empirical research using the focus group technique for data collection, with the participation of nine students divided into two groups; the third layer was the interpretation of the perceptions recorded, through the adaptation of the content analysis technique of the groups' records; and the fourth layer was the construction of recommendations for the ethical and responsible use of IAG in the research practice of these students. At the end of the empirical research, it was noticed that UFMA Public Relations students have a delayed concern with digital intelligence literacy; that they need to understand that researchers must take full responsibility for the use of AI tools to improve their research; that they need to be guided by clear rules so that there is transparency in their use of AI tools; that they need to mitigate risks when using AI tools based on awareness of these risks; that combating plagiarism is an indispensable moral behavior in the academic world; that skills in analyzing, synthesizing, and discussing research results are human autonomy and therefore non-transferable to AI; and that the ethical and responsible use of AI in research also depends on institutional guidelines. Based on these perceptions, seven sets of practical recommendations were designed for the ethical and responsible use of GAI in Public Relations research for the UFMA course.

Keywords: Public Relations. Public Relations Research Practice. Generative Artificial Intelligence (GAI). Ethical and responsible use of GAI in research. Research Methodology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Post da Fapesp no Instagram em 31 de maio de 2025	12
Figura 2 -	Tela do Facebook com vídeo das universidades, com diretrizes para o uso de IAG	15
Figura 3 -	Notícia sobre consulta pública no MEC a respeito do uso de IA	15
Figura 4 -	Princípios para o uso ético e responsável de IAGs	24
Figura 5 -	Temas para discussão no Grupo Focal	29
Figura 6 -	Post da Universidade.br no Instagram no dia 1 de julho de 2025	39
Figura 7 -	Estrutura de recomendações de uso ético e responsável da IAG na prática de pesquisa na graduação de Relações Públicas	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	RELAÇÕES PÚBLICAS E O DESAFIO ÉTICO NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS GENERATIVAS NA PRÁTICA DE PESQUISA	12
2.1	Desafios éticos na prática da pesquisa	13
2.2	Ética e moral: dois conceitos básicos para nossa reflexão	16
2.3	A ascensão da IAG na prática de pesquisa nas universidades brasileiras	17
2.4	Princípios para o uso responsável de IAGs na prática da pesquisa	19
3	ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA PESQUISA	26
3.1	Protocolo do grupo focal	27
4	INTERPRETAÇÃO DAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE USO DE IAG NA APRENDIZAGEM DA PRÁTICA DA PESQUISA	30
4.1	Sobre compreensão das ferramentas de IAG ou Letramento em Inteligência Digital	30
4.2	Sobre responsabilidade autoral	32
4.3	Sobre transparência no uso da IAG	34
4.4	Sobre mitigação de risco no uso da IAG para replicabilidade	36
4.5	Sobre combate ao plágio e manutenção da originalidade do autor	39
4.6	Sobre a preservação da agência humana	41
4.7	Sobre uso eticamente orientado das IAGs	44
4.8	Sobre o medo do uso das IAGs	47
5	DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES PARA O USO ÉTICO E RESPONSÁVEL DE IAG PARA ESTUDANTES DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UFMA	49
5.1	Recomendações para o uso ético e responsável da IAG na prática de pesquisa na graduação de Relações Públicas	49
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	58
	APÊNDICE A - Orientações de universidades brasileiras sobre o uso de Inteligência Artificial Generativa (IAG) em pesquisas	59
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	75
	APÊNDICE C - Termo de Autorização de Imagem e Depoimento	76
	APÊNDICE D - Grupo Focal 1	77
	APÊNDICE E - Grupo Focal 2	99

1 INTRODUÇÃO

Com foco na eficiência e na produtividade dos processos, a Quarta Revolução Industrial é marcada pelo avanço tecnológico, pela robótica e pela internet das coisas. Entre esses, a Inteligência Artificial Generativa (IAG) se destaca como um elemento central, redefinindo a maneira como interagimos, nos comunicamos e produzimos.

Sem dúvidas, as IAGs contribuem de forma significativa com a pesquisa científica, atuando como auxiliadoras dos pesquisadores em diferentes processos, podendo acelerar e facilitar a pesquisa. Porém, essa poderosa tecnologia vem acompanhada de grandes desafios éticos no seu uso na prática de pesquisa, levando pesquisadores a enfrentarem dilemas em relação a: 1) compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG; 2) Autoria humana; 3) Transparência no uso; 4) Integridade da pesquisa acadêmica; 5) Combate ao plágio e originalidade do autor; 6) Preservação da agência humana; e 7) Uso eticamente orientado.

Notícias sobre fraudes em pesquisa científica ocasionadas pelo mau uso da IAG estão a cada dia mais comuns, colocando em risco a credibilidade da pesquisa científica brasileira, além disso, o seu uso desenfreado pode levar ao declínio das futuras pesquisas, perda de habilidades necessárias para o fazer científico, perda de senso crítico e a perda da confiança nas universidades e suas pesquisas.

Essa dissertação é composta por seis seções. Na primeira, a introdução, apresentam-se o contexto da pesquisa, sua justificativa, objetivos e metodologia. Na segunda seção, deu-se início a fundamentação teórica com uma contextualização sobre a IAG na prática de pesquisa, assim como os seus princípios: a) compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG, b) autoria humana, c) transparência no uso de IAG, d) integridade da pesquisa acadêmica, e) combate ao plágio, originalidade e direitos autorais, f) preservação da agência humana e g) uso eticamente orientado,

A seção três é dedicado a metodologia, nela mostra-se o caminho percorrido para a concretização do objetivo da pesquisa que é identificar os desafios éticos percebidos e/ou enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam no seu cotidiano acadêmico para, posteriormente, produzir recomendações que os ajudem com esses desafios. Optou-se por uma pesquisa empírica por meio da técnica de grupo focal desenvolvida com os estudantes de Relações Públicas da UFMA que estavam cursando regularmente a disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO

EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01) no curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Após uma visita à turma para apresentação do tema e do convite para a participação, nove alunos fizeram parte do grupo focal, que, posteriormente, foi dividido em dois grupos.

A seção quatro aborda a interpretação das percepções dos estudantes sobre o uso de IAG na aprendizagem da prática da pesquisa. A análise foi separada de acordo com os princípios e temas escolhidos para sorteio, como descrito na seção três, onde consta o detalhamento do processo de pesquisa.

A seção cinco apresenta as discussões e recomendações acerca do uso das IAGS na prática de pesquisa. A partir das percepções observadas na análise de dados, desenhou-se sete conjuntos de recomendações práticas para o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa em Relações Públicas para o curso da UFMA: a) Buscar o Letramento em Inteligência Digital, compreendendo ferramentas de IAG; b) Primar pela transparência no uso da IAG; c) Assumir responsabilidade autoral na prática da pesquisa; d) Mitigar os riscos de uso da IAG na prática da pesquisa; e) Combater o plágio e manter a originalidade da produção científica com o uso da IAG; f) Preservar a agência humana e sua autonomia ao usar a IAG; e g) Ser ético e responsável no uso da IAG conforme estas orientações. Por fim, na seção seis, foram apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa, suas contribuições acadêmicas e as perspectivas para investigações futuras.

2 RELAÇÕES PÚBLICAS E O DESAFIO ÉTICO NO USO DAS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS GENERATIVAS NA PRÁTICA DE PESQUISA

No último livro da pesquisadora Carolina Terra, *Tópicos Avançados em Comunicação: para entender as relações públicas e a comunicação contemporâneas. Reflexões e tendências* (2025), a temática inteligência artificial generativa (IAG) volta a ser abordada tanto pelas contribuições que seu uso traz como, por exemplo, “automatização de trabalhos repetitivos, geração de *insights*, traduções e revisões de textos, atendimento e personalização de mensagens para públicos específicos” (Terra, 2025, p. 90), etc. quanto pelo fardo que seu uso ocasiona ao profissional de Relações Públicas, como por exemplo: “Impacto no trabalho dos profissionais de comunicação [...]. Questões de ética e transparência [...]. Impacto no público: questões referentes à cessão de dados, de direitos de uso de imagens, propriedades e afins podem ser sensíveis e passíveis de contestação”. (Id. Ibidem.).

No ambiente da pesquisa científica, ocorre a mesma dualidade quanto ao uso das IAGs. Ora contribuí para o avanço dos resultados da pesquisa ora para sua fraudeção. Em 31 de maio de 2025, a página da Fapesp no Instagram, @pesquisa_fapesp, publicou a seguinte informação: “Revista de ciência da computação tem 1.561 artigos retratados, recorde para um único periódico” (ver Figura a seguir).

Figura 1- Post da Fapesp no Instagram em 31 de maio de 2025



Fonte: Instagram @pesquisa_fapesp (2025)

O pesquisador com maior número de *papers* cancelados foi um turco, docente da Universidade de Istambul, que discordou das retratações. Notícias como essas estão se tornando cada vez mais frequentes. Em outro momento, uma pesquisadora e psicóloga comportamental, Francesca Gina, professora de Harvard Business School, referência em pesquisa sobre honestidade, manipulou dados de estudos científicos. Após uma investigação interna, ela foi demitida por fraude (Pleno News, 2025). Essa foi a primeira cassação de cátedra registrada na instituição desde os anos 40. Certamente, o mundo da pesquisa científica está enfrentando sérios desafios diante das IAGs. Mas quais são eles?

2.1 Desafios éticos na prática da pesquisa

As dificuldades, os desafios e as preocupações diante do uso da Inteligência Artificial Generativa (IAG), pelo ser humano, são inúmeros e incalculáveis, uma vez que essa tecnologia está em constante avanço. No meio científico e acadêmico enfrentam-se dilemas em relação à autonomia, privacidade, originalidade, autoria e integridade das produções científicas. Nesse cenário, o livro *Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa* (2025), orienta pesquisadores sobre o uso ético e responsável dessa tecnologia, chamando atenção sobre as razões que levam professores e pesquisadores a temer o uso de IAG e sobre a necessidade de diretrizes para isso

É nesse cenário que uma onda de incerteza parece se abater de forma ampla sobre institutos de pesquisa, universidades e revistas acadêmicas atualmente. O avanço da Inteligência Artificial Generativa e sua centralidade no debate público colocaram várias questões às instituições acadêmicas mundo afora. Frequentemente explicitado pelo temor generalizado de que “estudantes” entreguem trabalhos de que não são autores, **o impacto da IA Generativa sobre Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração Acadêmica é muito mais profundo e inclui dilemas ambientais, questões de direitos autorais, proteção de dados e os perigos de aninhar camadas de opacidade no coração de processos não inteiramente controláveis por pesquisadoras e pesquisadores.** Modelos de IA **podem trazer velocidade, eficiência e viabilizar atividades que nem se imaginava serem possíveis, mas também afetam nossas compreensões sobre autoria, validação, replicação e sistematicidade.** Eles podem aumentar a precisão de certos processos, mas também inserir alucinações e vieses não perceptíveis ao longo de diversas ações. (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p. 8, grifos nossos).

A IAG traz diversas possibilidades de automação, como redação de textos, preenchimento de formulários, tradução, síntese, organização e estruturação de conteúdos,

resumo e análise de dados por meio de comandos de linguagem natural (LLM) chamados *prompts*. Aplicadas ao nosso contexto acadêmico, ferramentas de inteligência artificial generativa ajudam o pesquisador a realizar diferentes partes da pesquisa científica ou ainda são instrumentos de apoio para facilitar ou acelerar certos trabalhos, emulando a função de assistentes de pesquisa. Nesse sentido, “a expectativa é que sejam assistentes e não supervisores da pesquisa” (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p.13).

Por outra perspectiva, vale ressaltar que essas tecnologias são pertencentes às grandes empresas, Big Techs, uma boa parte delas com sede nos Estados Unidos, ou seja, grande quantidade dessas ferramentas, segundo Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024), pode privilegiar visões de mundo estadunidenses, favorecendo a sua visão científica. Além disso, tais modelos de IAG são treinados através de interações com humanos e os dados disponibilizados através dessas interações tornam-se parte do sistema, tendendo a reter a maior parte dos bancos de dados a partir dos próprios testes.

Outro ponto importante sobre desafios e preocupações com o uso das IAGs é o viés presente no banco de dados e nos algoritmos. Essas ferramentas são alimentadas através de inúmeros dados obtidos através da internet, podendo reproduzir desigualdades históricas, sociais e estereótipos já presentes nos conteúdos contidos nesses bancos de dados, consequentemente, impactando a forma como interagem e respondem. Diante disto, é importante a mitigação de vieses nas IAGs, possibilitando a ampla participação da sociedade diante do uso dessas ferramentas, seja através de processos jurídicos, das pesquisas e da alimentação da ferramenta.

É oportuno observar que a necessidade premente no uso dessas ferramentas pelo ser humano pode comprometer seu senso crítico e criativo, trazendo preocupações com a pressão de produção e publicação acelerada de artigos científicos, às vezes de baixa qualidade e com plágio, além da tentativa de manipular indicadores de impacto científico. Até setembro de 2025, apenas sete universidades brasileiras possuem diretrizes para uso de IAG. (Figura 2)

Figura 2 – Tela do Facebook com vídeo das universidades, com diretrizes para uso de IAG



Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?v=2038587950010596> (2025)

Essas normativas e recomendações parecem expressar o consenso de que professores, pesquisadores e alunos se tornem agentes na disseminação de boas práticas de produção científica para a sociedade (Alves, 2023; Fonseca e Campiglia, 2023; Unesco, 2023; União Europeia, 2024). A preocupação com o uso ético da IAG na educação no Brasil levou o Ministério da Educação a realizar, em outubro de 2025, uma consulta pública (Figura 3).

Figura 3 – Notícia sobre consulta pública no MEC a respeito do uso de IA



Fonte: Portal CONSECTI (2025)

Certamente, proibir o uso dessas ferramentas no meio acadêmico não é uma escolha; a ferramenta pode ampliar aprendizados e otimizar processos na produção de conteúdo. A capacitação e orientação podem ser um caminho mais seguro a seguir. Na perspectiva de uso honesto e adequado de IAG na produção de conhecimento científico, “a ética surge como elemento principal e obrigatório, exigindo, antes de tudo, informar-se, conhecer, experimentar e avaliar para melhor agir” (Santaella, 2023, p. 22). Mas o que se entende por ética? Como ela pode tornar-se a principal categoria desta pesquisa sobre o uso de IAG?

2.2 Ética e moral: dois conceitos básicos para nossa reflexão

Segundo Talle (2006), moral e ética são habitualmente empregadas como sinônimos, ambos referindo-se a um conjunto de regras de conduta consideradas obrigatórias. Por sua sinonímia, muito se confunde moral e ética, apesar de estarem relacionados, os dois conceitos têm significados diferentes.

A moral está ligada ao fenômeno social, ou seja, conjunto de deveres e normas que definem o que podemos ou não fazer em sociedade. Vindo sempre na primeira pessoa do singular, é o pensamento constante sobre os limites de conduta (Talle, 2006).

A ética, por outro lado, está ligada à reflexão filosófica ou científica, saindo do singular; agora, falamos de coletividade. De acordo com Andrade (2009, p. 2), “a ética confere um direcionamento ao agir humano, porque dispõe, no imenso corpo de textos filosóficos que dela tratam, os princípios que ajudam o homem a exercer sua autonomia frente a situações que exigem posicionamentos”. Seguindo a mesma linha de pensamento, para Valls (2017, p. 07), ética “é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas”.

De acordo com Marcondes (2008, p.10-11), a ética comporta três grandes divisões, a saber:

- a) Ética descritiva: “conjunto de costumes, hábitos e práticas de um povo”. Mesmo que seja de modo implícito, define o comportamento adequado naquela sociedade;
- b) Ética normativa: trata-se de preceitos que estabelecem valores e deveres. É nesta dimensão que se encontra o código de ética de uma categoria profissional; e
- c) Metaética: de sentido mais reflexivo e filosófico. Trata-se de uma reflexão sobre a própria ética, seus pressupostos e fundamentos.

Simões (1995, p. 122) considera a ética, ao lado da estética, como um dos principais elementos que devem conduzir a função e as atividades das Relações Públicas. Em tudo o que é

realizado pela organização, estão automaticamente incluídos os princípios “da arte de bem viver”, que são a ética.

A ética não está só. Ela é acompanhada da moral. As duas são indissociáveis na prática. A moral está ligada ao fenômeno social, ou seja, conjunto de deveres e normas que definem o que podemos ou não fazer em sociedade. Vindo sempre na primeira pessoa do singular, é o pensamento constante sobre os limites de conduta (Talle, 2006). Segundo Cardi (2003, p. 64), “a moral é tanto um conjunto de normas que determinam como deve ser o comportamento quanto ações realizadas de acordo ou não com tais normas”. Desde pequenos, somos expostos a aquilo que é moral e imoral de acordo com a cultura com a qual convivemos, porém é através do livre-arbítrio que cada um decide ser imoral ou moral, podendo prejudicar a si ou os outros indivíduos.

Existem quatro tipos de moral:

- a) Individual: referindo-se ao conjunto de valores pessoais que podem ser influenciados por experiências e crenças pessoais;
- b) Social: baseada em normas aceitas por uma comunidade para regular o comportamento pessoal.
- c) Religiosa: nasce nos ensinamentos de uma religião específica.
- d) Laica: baseada em princípios universais, promovendo o respeito independente de dogmas religiosos.

A moral pode variar conforme amadurecemos e nos tornamos mais autônomos. Além disso, as nossas escolhas morais podem variar de acordo com nossas emoções, intuições e adequação ao contexto social (Brasil Escola, 2025).

Então, nas argumentações desta pesquisa sobre o uso de IAGs, os dois conceitos estarão presentes e precisarão ser guiados por princípios, particularmente quando se abordam as perspectivas da *ética descritiva* e da *moral social*.

Sobre a ética descritiva, que aborda como uma decisão ética é tomada e como se desenvolve um sistema de valores, há aqui uma aproximação com a ética kantiana (Kant, 2002 [1785] quando em *Metafísica dos Costumes* aborda situações mais concretas do ser humano dentro de um quadro de deveres. Do *imperativo hipotético* (ação como subjetivamente necessária) passa-se ao *imperativo categórico* (ação como objetivamente necessária) que pode transformar-se em *imperativo da moralidade* (a forma da ação que se guia por um princípio objetivo).

Os imperativos hipotéticos “representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de conseguir qualquer outra coisa que se queira (ou que é possível que se queira)” (Kant, 2002 [1785], p. 45). Traduzindo para esta pesquisa. Quando se utiliza a IAG para melhorar o próprio texto, a finalidade é subjetiva. Não se pensa no outro, mas sim na própria qualificação. Essa finalidade é atingida. O propósito é possível ou real. Parafraseando Kant, quem deseja

aperfeiçoar o próprio texto ou o tempo de fazê-lo deseja também o meio indispensável para essas finalidades que esteja em seu poder. As regras de uso das IAGs que uma pessoa segue para fazer o bem são as mesmas regras que uma pessoa segue para fazer o mal (fake news, deep fake, etc.). Nesta lógica, estão embutidos os imperativos de habilidades e de sagacidade que não necessariamente produzem o bem-estar de todos. Precisa-se avançar para o *imperativo categórico*, ou seja, “sem referência a qualquer outro propósito, isto é, sem qualquer outra finalidade – declara a ação como em si objetivamente necessária, vale como princípio apodíctico-prático.” (*Id. Ibid.*) Ele determina imediatamente como deve ser o comportamento para o bem-estar de todos. Traduzindo para este trabalho. O uso das IAGs deve ser responsável para o bem de todos que sofrem os efeitos de seu uso, apesar de suas regras. Já o *imperativo da moralidade* é a norma que obriga os sujeitos à boa prática no uso das ferramentas de IAG para o bem de todos. Todos os imperativos, segundo Kant (*Id. Ibid.*), “são fórmulas da determinação da ação que é necessária segundo o princípio de uma vontade de qualquer forma boa”.

É com essa argumentação lógica que refletir-se-á sobre o problema ético do uso de IAGs na prática da pesquisa em ambientes acadêmicos brasileiros.

2.3 A ascensão da IAG na prática de pesquisa nas universidades brasileiras

Até a década de 1980, não havia interesse significativo dos pesquisadores brasileiros sobre IA, porém, a repercussão dos sistemas especialistas¹ motivou vários pesquisadores do Brasil a iniciarem suas pesquisas. Em 1988, Antônio Eduardo Costa Pereira lançou o primeiro livro sobre IA chamado *Inteligência Artificial: um curso prático*, nele foram descritos diversos algoritmos avançados em diversas áreas, sendo adotado por diversas universidades brasileiras.

¹ Um software de IA que buscava emular a capacidade de tomada de decisão de um especialista humano em um campo específico, tinha como objetivos resolver problemas complexos e oferecer conselhos ou sugestões.

Philippe Navaux, então coordenador do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1984, teve a iniciativa de criar o Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial (SBIA), onde reuniu diversos pesquisadores, que em 2012, passou a ser chamado de *Brazilian Conference on Intelligent Systems* (Bracis) passando por diversas transformações e reflexões sobre a IA no Brasil. Entre 1984 e 2019, ocorreram 28 edições (Costa *et al.*, s.d.). As dividiu em três fases.

A primeira, entre 1984 e 1994, com 11 edições e 364 artigos publicados, com foco na IA simbólica. A segunda fase, entre 1995 e 2012, com 378 artigos. Nesta fase, o estado do Maranhão sediou o SBIA pela primeira vez. O evento ocorreu em 2004, em São Luís, na UFMA. Costa *et al.*(s.d.) descreveram a terceira fase de 2013 a 2020 com 556 artigos.

No ano de 2024, o Brasil ficou entre os 20 maiores produtores de pesquisa em IA, com 6.304 publicações científicas registradas no período de 2019 a 2023, conforme o relatório divulgado pelo site da Capes (2024). Percebe-se, portanto, um aumento significativo da pesquisa em IA no Brasil.

A Academia Brasileira de Ciências tornou públicas em novembro de 2023 “Recomendações para o avanço da inteligência artificial no Brasil”. Esse documento faz uma análise em nível global, apresentando recomendações para o Brasil. Na seção de educação, enfatiza que os modelos devem ser transparentes, atendendo às necessidades dos estudantes brasileiros, levando em consideração a cultura, idiomas locais e contextos socioeconômicos. Além disso, ressalta a necessidade de alunos e professores se tornarem experts no assunto IA para utilizar de forma eficiente essa tecnologia (Academia Brasileira de Ciências 2023).

A pesquisa Inteligência Artificial na Educação Superior, realizada pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (Abmes), no ano de 2024, mostrou que 29% dos alunos entrevistados utilizam ferramentas de IA diariamente e 42% semanalmente. Ao serem questionados sobre os benefícios, os entrevistados citam a possibilidade de aprender com mais facilidade, o acesso aos conteúdos mais atualizados e diversos, a melhora na eficiência e a agilidade na resolução de dúvidas e problemas. Os principais desafios expostos foram: a falta de interação humana, a dependência excessiva de tecnologia e os erros nas avaliações e correções feitas por IA (Agência Brasil, 2024). Diante disto, algumas universidades resolveram regulamentar o uso da IAG na academia, com o intuito de evitar o uso clandestino sem a devida transparência e políticas necessárias.

Estudada há mais de três décadas a IAG na educação brasileira já percorreu um longo caminho, porém ainda está em processo de consolidação e desenvolvimento, as oportunidades advindas com essa tecnologia são inúmeras e se, aplicadas da maneira correta tem o poder

contribuir de forma significativa para a pesquisa, porém os desafios ainda são um dilema que precisam de atenção.

Portanto, quais são os princípios para o uso responsável da IAG na prática da pesquisa que precisam ser abordados e discutidos?

2.4 Princípios para o uso responsável de IAGs na prática da pesquisa

Segundo Poole & Mackworth (2017), a Inteligência Artificial Generativa tende a ser definida em associação com sistemas computacionais, máquinas e *software* que procuram mimetizar a inteligência humana, para aprender, resolver problemas e reconhecer padrões.

A pesquisa terá foco na Inteligência Artificial Generativa (IAG) que é uma divisão da Inteligência Artificial com foco no desenvolvimento de sistemas que podem criar conteúdos novos e originais. Para isso, os sistemas são alimentados com grande volume de dados. Estes treinam a IAG para realizar diversas tarefas, desde as mais simples até as mais complexas. Tal treinamento faz com que a IAG aprenda o padrão dos dados fornecidos e, a partir dele, possa gerar respostas originais seguindo esse mesmo padrão.

A característica mais marcante desse tipo de IA é a semelhança do conteúdo criado por ela com o criado pelos seres humanos, o que faz com que, em muitos casos, seja difícil distinguir o que foi criado pela IAG e o que foi feito totalmente por uma pessoa. Essa tecnologia promissora traz preocupações e incertezas para a produção de conhecimento e de ciência em todos os campos científicos. Na graduação de Relações Públicas não seria diferente. A IAG oferece oportunidades e desafios ao início de sua prática de pesquisa.

Nesse contexto, ferramentas de inteligência artificial são aquelas que ajudam o pesquisador a realizar diferentes partes da pesquisa científica, ou ainda são instrumentos de apoio para facilitar ou acelerar certos trabalhos, emulando a função de assistentes de pesquisa. A expectativa é que sejam assistentes e não supervisores da pesquisa (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024). Algumas universidades brasileiras se prepararam para isso, mesmo que as orientações, futuramente, fiquem datadas. Ver Apêndice A.

Considerando o apêndice A, foram escolhidos alguns princípios gerais para o uso de ferramentas de IAG visando orientar para o uso ético e responsável, segundo Sampaio; Sabbatini; Limongi (2024):

- a) Compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG: antes de qualquer passo, pesquisadores devem compreender adequadamente os termos de serviço, as políticas de

privacidade e as implicações de segurança associadas a essas tecnologias. Tais modelos de linguagem não são voltados para a pesquisa científica e, na maioria das vezes, são lançados antes de estarem prontos, e não seguem todos os campos da segurança, já que as empresas buscam se manter no topo da disputa pelo melhor modelo na corrida de mercado, viabilizando o lucro. Como pagamento, os usuários entregam seus dados para as empresas, que fazem uso deles para melhorar seus produtos (Morozov, 2018). Outro ponto importante é que os dados coletados e retidos por essas ferramentas, na maioria das vezes, são coletados e retidos sem consentimento, por isso, faz-se necessário o conhecimento dos direitos de propriedade de dados para que não seja violada a Lei Geral de Proteção de Dados, Lei nº 13.709/2018. Conteúdos como vídeos, fotos, áudios e imagens compartilhados podem ser acessados por outras IAGs. Para mitigar riscos, é recomendado evitar compartilhar dados confidenciais ou com implicações de propriedade intelectual ao usar ferramentas de IA generativa (Sampaio e Sampaio, 2024, p.19). A compreensão das ferramentas de IAG pode evitar compartilhamentos indevidos. A UNESCO (2024), no *AI Competency Framework for Teachers*, chama de “letramento em inteligência artificial”.

A palavra “letramento” se origina da expressão inglesa *literacy*, remetendo ao termo em latim *littera*, que significa “letra”. De acordo com o dicionário, letramento significa: o processo pedagógico de aquisição de domínio da capacidade de ler, escrever e interpretar textos. É indiscutível que o domínio dessas habilidades oferece ao sujeito uma vida digna, inserindo-o na sociedade e expandindo a sua capacidade na área intelectual.

Letramento em IA refere-se à necessidade de habilidades necessárias para o uso dessa nova ferramenta de comunicação de forma crítica e eficaz, contribuindo para o desenvolvimento dos pesquisadores. Em busca de uma conceituação teórica para definir, ensinar e avaliar o letramento em IA, são propostas quatro dimensões, a saber: conhecer e compreender, usar e aplicar, avaliar e criar e abordagem de questões éticas, conforme Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024).

As instituições, por sua vez, precisam de uma abordagem voltada para a capacitação docente, através de infraestrutura adequada e recursos computacionais, palestras, workshops e afins para que os pesquisadores possam ser letrados em IA mantendo o seu protagonismo e usando a IA como uma assistente, preservando o seu pensamento crítico. O desenvolvimento destas competências deve focar na formação de

pesquisadores capazes de analisar criticamente resultados gerados por IA identificar limitações e vieses e validar informações de maneira rigorosa.

Se, usada de maneira ética a IAG é uma grande aliada da pesquisa acadêmica, devemos usar essa tecnologia de forma útil para exploração de ideias, planejamento da pesquisa, identificação de lacunas, possíveis novos campos de pesquisa, sugestão de temas, objetivos e problemas, revisão, edição e transcrição podendo significativamente o processo da pesquisa, sempre colocando como centro as ações o princípio da agência humana.

- b) Autoria Humana: A responsabilidade pelos conteúdos gerados pela IAG, assim como a revisão e edição para evitar citações e informações incorretas, inventadas ou tendenciosas, são tarefas essenciais e intransferíveis dos autores, uma vez que a responsabilidade e a prestação de contas (*accountability*) são essenciais para assegurar o uso ético da IAG na pesquisa. IAGs são ferramentas; são neutras, portanto, são incapazes de assumir responsabilidade moral ou legal pela originalidade, precisão e integridade do conteúdo que geram. Somente humanos podem garantir que esse conteúdo reflita as ideias dos autores e esteja livre de plágio, fabricação ou falsificação, incluindo textos e imagens gerados pela IAG (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024). A autoria humana pressupõe *responsabilidade autoral*.
- c) Transparência no uso: Consideradas como caixas-pretas, as IAGs têm sua programação protegida por seu fabricante e registro protegido por leis de segredo industrial. Poucas são as informações sobre o colossal banco de dados absorvido por uma IAG disponibilizadas. Sendo assim, é necessário que o pesquisador seja transparente quanto ao uso dessas ferramentas. Pesquisadores que fizerem uso de Inteligência Artificial Generativa devem descrever na *coverletter*² e no manuscrito como utilizaram a ferramenta para garantir transparência, replicabilidade e confiabilidade da pesquisa (Cambridge, 2023; COPE, 2023; ICMJE, 2023; Oxford, 2023; Zielinski *et al.*, 2023; Perkins, Roe, 2024; Soares *et al.*, 2023). A disponibilização dos *prompts* e seus resultados, o *link* com o *login* da conversa completa com a IAG, o seu modelo, tipo, versão e data das consultas são importantes e necessários para uma abordagem transparente, promovendo a confiança no ambiente científico. Algumas editoras e revistas sugerem a inclusão de uma declaração ao final do manuscrito (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024), imediatamente antes das referências, com o termo

² É uma carta de apresentação com um resumo da pesquisa, sua importância e originalidade. É o primeiro contato do editor ou avaliador com o trabalho que será submetido a uma revista ou instituição.

“Declaração de IA e tecnologias assistidas por IAG no processo de escrita”. Nela, os autores devem especificar a ferramenta utilizada, o motivo e a forma de aplicação, evidenciando cada etapa da pesquisa que teve uso de IA. A descrição de como o pesquisador utilizou a IAG gera transparência no uso e, por conseguinte, *credibilidade do conteúdo*.

- d) Integridade da pesquisa acadêmica: Em setembro de 2024, o jornal *El País* publicou o artigo “*A fraude de um reitor*”; nele, é exposta uma atividade reprovável: a criação de um cartel de citações. O reitor Juan Manuel Corchado foi um dos mais citados no mundo da computação por seus trabalhos acadêmicos. Corchado usou o seu conhecimento em IAG para manipular o sistema criando perfis falsos para citar a si mesmo com o intuito de conquistar relevância e impacto para o seu trabalho e, consequentemente, inflar o seu currículo acadêmico. No mesmo sentido da denúncia da Fapesp (ver Figura 1, seção 2). Por causa de fatos como esses, a área educacional tem mostrado resistência em relação ao uso de IAG em pesquisas e outras atividades acadêmicas, pois o seu uso indevido pode comprometer a sua integridade e quebrar as normas da academia, tendo repercussão no mundo inteiro, afetando a credibilidade das instituições.

Como já vimos acima, a IAG é um sistema pouco decifrável com baixa clareza sobre o seu funcionamento. Isso é particularmente problemático quando se trata de recomendações de leituras, métodos estatísticos ou representações visuais na ciência. Um dos principais riscos é a possibilidade de as IAGs produzirem respostas que, embora pareçam plausíveis, podem ser descontextualizadas, factualmente incorretas ou distorcidas pelos vieses do modelo (Liao, Vaughan, 2023; Rahman et al., 2023; Cong-Lem et al., 2024; Khan et al., 2024).

A IAG pode comprometer os resultados da pesquisa através dos vieses presentes em seu sistema; ela pode reproduzir respostas diferentes para o mesmo *prompt*. Uma revisão humana rigorosa é essencial para manter a honestidade da pesquisa, assim como verificar, através de fontes confiáveis, as informações disponibilizadas, documentar todos os *prompts* e resultados, inclusive os que não foram usados no resultado final, contribuindo para que a IAG siga de acordo com a ética científica. Essas práticas ajudam a garantir que as pesquisas e os resultados auxiliados por IAG sejam mais bem avaliados, compreendidos como transparentes, confiáveis, replicáveis e válidos, observando-se claramente os limites de tais ferramentas, conforme os já citados Limongi, Sampaio e Sabbatine (2024). O uso honesto da IAG preserva a *integridade da pesquisa*.

- e) Combate ao plágio, originalidade e direitos autorais: Não é novidade que a IAG coleta seus dados através da internet e interações com os usuários, o que pode acarretar plágio e violar os direitos autorais. Portanto, sob pena de tornarem públicos dados de pesquisa, pesquisadores devem evitar carregar trabalhos não publicados ou sensíveis em sistemas de IAG on-line, a menos que haja garantias de que os dados não serão reutilizados. (Sampaio; Sabbatini; Limongi, Op. Cit.). Há também uma preocupação com a qualidade dos trabalhos científicos futuros, uma vez que essa nova tecnologia pode resultar em baixa capacidade crítica, vício tecnológico e perda das habilidades necessárias para o trabalho científico.

É importante ressaltar que um dos principais critérios para publicação em um periódico acadêmico é a novidade e as IAGs ainda não podem se igualar à originalidade humana. Dessa forma, o principal uso para a IA generativa a curto prazo ainda deve ser como assistente de pesquisa, como observam Dwivedi *et al.* (2023).

- f) Preservação da agência humana: Preservar a agência humana significa que as ações humanas devem estar acima das máquinas; é certo que se vive em um mundo digital e onde o futuro da educação é incerto diante do avanço das IAGs. Mas é preciso lembrar que a educação foi e sempre será o pilar da sociedade. Não se deve privar a todos do uso dessas novas tecnologias, mas juntar-nos a elas e usá-las a nosso favor de forma ética, crítica e segura, mantendo o controle sobre essas ferramentas. Para salvaguardar a agência humana, as instituições de ensino e pesquisa devem priorizar o desenvolvimento de habilidades para a pesquisa, usando a IAG como uma ferramenta complementar, não como substituta do aprendizado. Para um jovem pesquisador, por exemplo, uma parte importante do processo de aprendizagem é adquirir habilidades de análise, síntese e discussão dos resultados de pesquisa (Sampaio; Sabbatini; Limongi, Op. Cit.).

Sem dúvidas, a IAG oferece velocidade na construção da pesquisa, mas deve-se priorizar a *autonomia humana*, principalmente dentro da academia, colocando em primeiro lugar os mestres, colegas da turma, com troca de ideias, diálogos construtivos e análise de resultados, fomentando assim a capacidade crítica, alimentando as habilidades necessárias para o trabalho científico.

Dito de outra forma, o objetivo é usar a IAG como uma ferramenta para transformar a pesquisa, ajudando os estudantes a adquirir habilidades de aprendizagem ao longo da vida e a usá-las em suas futuras carreiras para resolver problemas reais em suas tarefas. No entanto, deve-se equilibrar esse uso com o desenvolvimento contínuo das habilidades de pensamento independente e expressão linguística dos futuros

pesquisadores, incentivando-os a avaliar e ser críticos em relação a todo tipo de resultado (output) gerado pelas IAG.

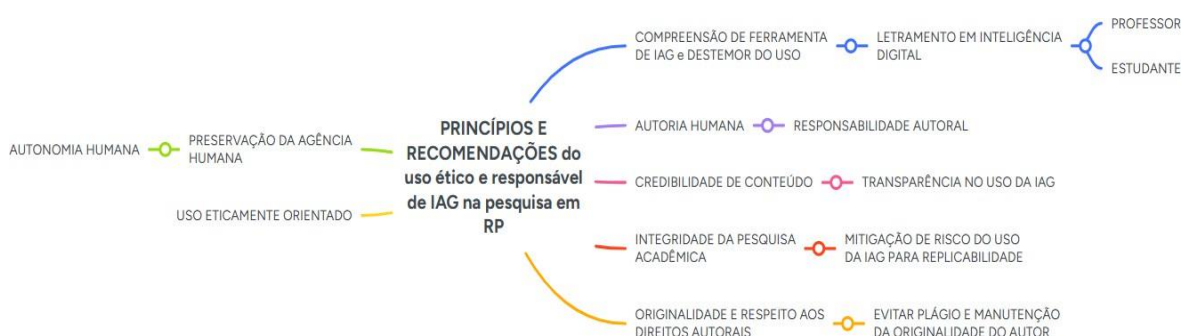
- g) Uso eticamente orientado: Sampaio; Sabbatini; Limongi (2024) ressaltam que os sujeitos de pesquisa têm o direito de serem abordados de maneira respeitosa; têm a garantia do respeito à sua privacidade e identidade; de manifestar o seu consentimento ou não consentimento; de serem informados sobre implicações, riscos e danos decorrentes da participação na pesquisa e sobre estratégias para evitá-los. Logo, o uso ético da IAG vai além das vistorias antes, durante e depois do seu uso. É necessário o conhecimento dos direitos humanos, fomentando a dignidade humana, a diversidade cultural, colocando no centro do processo o ser humano.

As instituições acadêmicas precisam manter vigilância constante sobre o uso e os efeitos de IAG, além de diretrizes claras sobre o seu uso, estimulando debates, encontros com especialistas com o intuito de construir juntos confiança, responsabilidade e transparência no campo científico.

O objetivo é otimizar o potencial da IA Generativa na educação e na pesquisa, ao mesmo tempo em que se implementam medidas eficazes para mitigar os riscos associados à sua adoção (Franco *et al.*, 2023; Liao, Vaughan, 2023; Unesco, 2024; Velez, Rister, 2024).

Os princípios aqui apresentados são os pilares para nossa reflexão nesta pesquisa e são apresentados a seguir.

Figura 4 – Princípios para o uso ético e responsável de IAGs



Fonte: Elaborada pela autora (2026)

Os pilares apresentados até o momento nos levam à seguinte questão: quais os principais desafios éticos que preocupam e/ou que são enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem Inteligência Artificial Generativa no momento inicial da sua prática de pesquisa?

Para responder a essa questão, apresenta-se o objetivo desta pesquisa: identificar os desafios éticos percebidos e/ou enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam o seu cotidiano acadêmico para, posteriormente, produzir recomendações que os ajudem com esses desafios.

3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

Para concretizar o objetivo da pesquisa que é *identificar os desafios éticos percebidos e/ou enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam no seu cotidiano acadêmico para, posteriormente, produzir recomendações que os ajudem com esses desafios*, a estratégia metodológica tem quatro camadas de ações: a primeira composta de pesquisa bibliográfica e de revisão de literatura sobre o uso de IAGs na prática da pesquisa, em que ilustra-se teoricamente sobre os princípios desse uso (ver Figura 2) de tal forma que sirvam para produzir segunda camada da estratégia metodológica. A segunda camada consiste em uma pesquisa empírica por meio da técnica de grupo focal, em que se registram as percepções dos estudantes de Relações Públicas da UFMA sobre os desafios de concretizar tais princípios e o impacto desses desafios em sua vida acadêmica. A terceira camada é a de interpretação das percepções registradas, por meio da adaptação da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), que subsidiará a quarta camada, ou seja, a construção de recomendações próprias para o uso ético e responsável da IAG no nível da prática de pesquisa desses estudantes.

Identificar os desafios éticos (e morais) enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA, ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa no início de sua aprendizagem da prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam o cotidiano acadêmico, é um assunto complexo e atual, demandando uma abordagem metodológica que possibilite revelá-los com mais precisão. Para esta monografia, pretende-se trabalhar com pesquisa qualitativa de caráter exploratório, utilizando como método qualitativo e técnica de grupo focal para coleta das percepções dos estudantes de Relações Públicas.

O grupo focal foi aplicado em dois grupos de estudantes de Relações Públicas que estavam cursando regularmente a disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01) no curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O objetivo foi compreender suas interações e experiências com a inteligência artificial generativa e os desafios éticos envolvidos.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio de interações grupais. Para Kitzinger (2000), o grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada na comunicação e na interação. Para o uso dessa técnica, criou-se um protocolo para esta pesquisa.

3.1 Protocolo do grupo focal

Para Barbour (1999), um dos pontos mais importantes ao se planejar um grupo focal é definir o propósito da sessão. Portanto, é necessário que a problematização esteja clara, favorecendo o levantamento de questões relevantes, além de um roteiro preliminar de trabalho com o grupo. O planejamento dessa atividade exige um conjunto de elementos para a garantia do seu pleno desenvolvimento, conforme se expõe a seguir:

- a) Recursos: teoricamente, deve-se reservar espaço apropriado, sem ruídos ou distrações e de fácil acesso aos participantes. Podendo ser distribuídos em torno de uma mesa retangular, oval ou dispostos em cadeiras arrumadas de forma circular. Neste caso, utilizou-se a sala B202 do Centro de Ciências Sociais da UFMA, que reuniu essas condições. Foram usados dois celulares: um para a gravação das sessões e outro para a filmagem. Além disso, optou-se por arrumar as cadeiras de forma circular.
- b) Número de participantes: A literatura produz orientações distintas nesse quesito. Para Gil (2007), o ideal seria entre no mínimo seis e no máximo dez pessoas. Já para Gatti (2005), deve ser entre seis e doze pessoas. Trabalhou-se com dois grupos de estudantes de Relações Públicas: um grupo com 5 estudantes (Grupo focal 1) e um grupo com 4 estudantes (Grupo focal 2). Cada participante tinha um código (RP 01, RP 02, RP 03, RP 04, RP 05, RP 06, RP 07, RP 08, RP 09). Neste caso, foi instruído que cada um, antes de iniciar sua fala, dissesse o seu código para facilitar a transcrição e preservar a sua identidade.
- c) O perfil dos participantes: Barbour e Kitzinger (1999) recomendam que os participantes convivam com o assunto a ser discutido e tenham conhecimento dos pontos mais pertinentes. Para a capacitação dos participantes, inicialmente, foi realizada uma visita à turma DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRRAFIA (2025.1 - T01) com o objetivo de explicar o objetivo da pesquisa e convidá-los a participar do estudo. Os estudantes, neste caso, já haviam tido contato com IAGs na própria disciplina, portanto, atendiam ao perfil traçado para o estudo.
- d) Papel do Moderador: Nery (2006) afirma que o moderador deve ter uma postura de facilitador diante do grupo, promovendo uma interação entre os participantes. Minayo (2000) ressalta que o moderador deve ter cuidado de não induzir o grupo, de forma consciente ou não, a partir do seu ponto de vista. Nesta pesquisa, a própria pesquisadora foi a moderadora do grupo focal.

No início da sessão, a moderadora, a própria pesquisadora, explicou os objetivos da pesquisa e do grupo focal, assim como o seu tempo de duração (1 hora) e como ocorreriam as discussões. A moderadora deu as seguintes instruções: i) não existe pensamento certo ou errado; ii) se houver discordância sobre a posição do colega, espere o mesmo terminar de falar para que você se posicione; e iii) cada um deve se identificar com o código que escolheu a fim de preservar a própria identidade e a do colega.

Pediu-se a autorização dos participantes para filmar e gravar as sessões. Os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e o Termo de Autorização de Imagem e Depoimento (Apêndice C), resguardando a confidencialidade de sua identidade e o uso dos dados coletados para possível publicação de artigo científico sobre o conteúdo da pesquisa.

Para registrar as percepções dos estudantes de Relações Públicas da UFMA sobre os desafios ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa e o impacto desses desafios em sua vida acadêmica, como já foi mencionado, utilizou-se a técnica de grupo focal em dois grupos de estudantes de Relações Públicas que estavam cursando regularmente a disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01) no curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O objetivo foi compreender suas interações e experiências com a inteligência artificial generativa e os desafios éticos envolvidos.

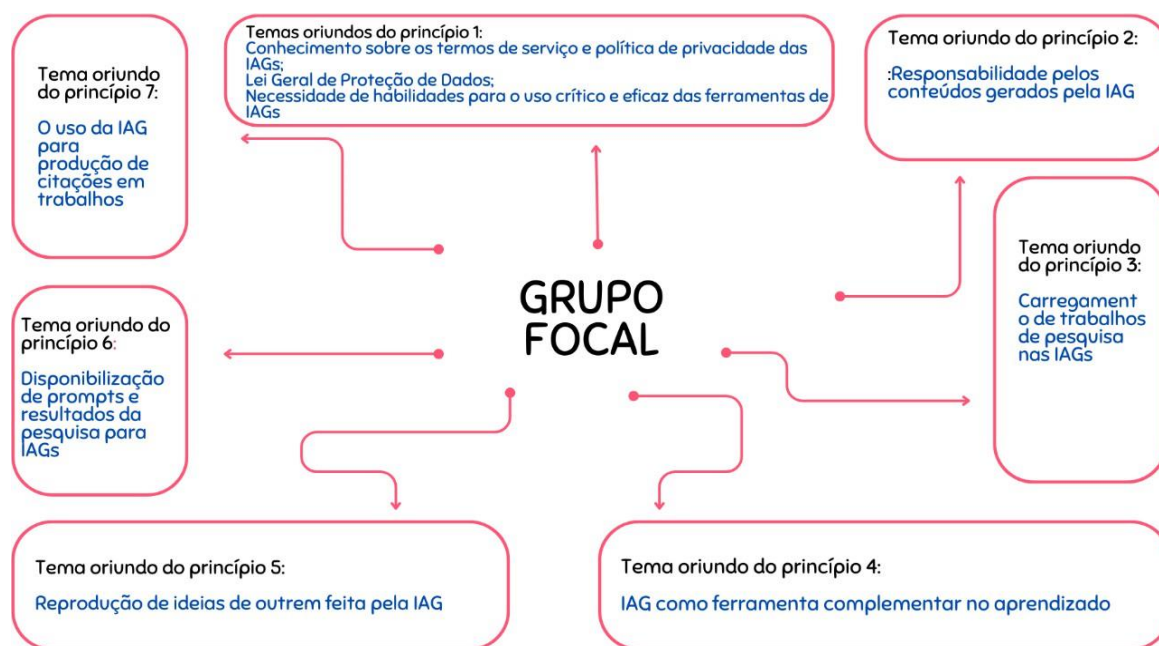
Para elaborar os nove temas para discussão no grupo focal, partiu-se dos seguintes princípios para o uso responsável de IAGs na prática da pesquisa: 1) compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG, 2) autoria humana, 3) transparência no uso de IAG, 4) integridade da pesquisa acadêmica, 5) combate ao plágio, originalidade e direitos autorais, 6) preservação da agência humana e 7) uso eticamente orientado. Desses princípios nasceram os seguintes temas:

- Conhecimento sobre os termos de serviço e política de privacidade das IAGs;
- Lei Geral de Proteção de Dados;
- Necessidade de habilidades para o uso crítico e eficaz das ferramentas de IAGs;
- Responsabilidade pelos conteúdos gerados pela IAG;
- Carregamento de trabalhos de pesquisa nas IAGs;
- IAG como ferramenta complementar no aprendizado;
- Disponibilização de prompts e resultados da pesquisa para IAGs;
- O uso da IAG para produção de citações em trabalhos; e

- Reprodução de ideias de outrem feita pela IAG.

Esses nove temas (ver Figura 5) foram pensados para a realidade vivenciada pelos estudantes e foram sorteados no momento do grupo focal, grupo 1 e grupo 2, descritos nos apêndices C e D.

Figura 5 - Temas para discussão no Grupo Focal



Fonte: Elaborados pela autora (2025)

Cada participante sorteou uma frase dando início à discussão. Cada sessão teve uma hora de duração e nem todas as frases foram sorteadas; porém, todas foram debatidas de forma espontânea pelos participantes, pois os temas se entrelaçaram, o que tornou a discussão leve e espontânea. A partir daqui, seguiu-se com a interpretação das falas.

4. INTERPRETAÇÃO DAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE USO DE IAG NA APRENDIZAGEM DA PRÁTICA DA PESQUISA

A análise dos dados foi realizada a partir da transcrição dos áudios do grupo focal, feita de forma manual, lida diversas vezes, primeiramente sem nenhuma anotação, somente para a familiarização com o material, identificando as falas mais importantes que demonstravam as percepções relevantes para o objetivo da pesquisa. A análise foi estruturada segundo as seguintes categorias sugeridas nesta pesquisa, derivadas dos princípios anteriormente ilustrados: a) letramento em IAG digital, b) responsabilidade autoral, c) transparência no uso da IAG, d) mitigação de risco do uso da IAG para replicabilidade, e) combate ao plágio e manutenção da originalidade do autor, f) preservação da agência humana e g) uso eticamente orientado.

4.1 Sobre compreensão das ferramentas de IAG ou Letramento em Inteligência Digital

Segundo a pesquisa feita em 2024 pelo NordVPN, através dos dados do Teste Nacional de Privacidade (NPT), 37% dos brasileiros não prestam atenção às políticas de privacidade de serviços on-line e aplicativos para não haver perda de tempo com extensas informações jurídicas. Além disso, 63% ignoram as políticas de segurança de dados, 54% ignoram as políticas de partilha de dados com terceiros e 56% nunca leem as políticas de recolha de dados. (iMasters, 2025).

Antes de qualquer tentativa de uso de IAGs, pesquisadores devem compreender adequadamente os termos de serviço, as políticas de privacidade e as implicações de segurança associadas a essas tecnologias. Todos os participantes dos grupos focais 1 e 2 afirmaram nunca terem lido as políticas de privacidade das IAGs, apesar de compreenderem as possíveis implicações do uso da plataforma. Tal atitude pode refletir diretamente na confiança na pesquisa acadêmica, colocando em risco a sua credibilidade e confiança na instituição. Esse aspecto pode ser ilustrado com a seguinte fala do estudante RP 04 quando sorteado o tema *Conhecimento Sobre os Termos De Serviço e Política De Privacidade Das IAGs*:

RP 06: Eu acho que é até uma questão talvez de irresponsabilidade minha e não só com o IAG, mas com outros tipos de plataformas. **A gente só aceita os termos e aí não se preocupa muito com como a nossa privacidade é tratada dentro dessas plataformas.** Então, eu também **nunca tive a curiosidade de saber ou procurar mais sobre esses termos e como essa privacidade é manuseada** por essas empresas. (Grifos nossos).

Da mesma forma que falou RP 06, na fala seguinte, nota-se, também, um comportamento negligente comum no Brasil que afeta significativamente o *Letramento em Inteligência Digital*:

RP 02: Eu, por exemplo, dificilmente vou parar para ler um texto gigante, bem pequenininho; eu só coloco assim, aceito. E aí, eu sei que pode estar dando os meus dados cegamente, mas realmente, eu acredito que, nessa questão, não sei se só eu, mas a maioria dos brasileiros não tem esse cuidado de ficar lendo e relendo as mesmas coisas, e aí a gente acaba só aceitando. (Grifos nossos).

Ao aceitar tais regras sem o real entendimento de como os dados inseridos ali serão tratados, pode até, sem saber, desobedecer à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei nº 13.709/2018, vigente no Brasil, principalmente se tratando de dados de pesquisa compartilhados sem a devida autorização. Nesse sentido, há o Guia de Recomendações de Práticas Responsáveis, desenvolvido pela Academia Brasileira de Ciências, que aborda, como um dos princípios gerais, o cuidado na coleta, armazenamento e tratamento de dados e informações.

Ao serem questionados sobre o conhecimento da LGPD, os estudantes de Relações Públicas da UFMA mostraram desconhecimento sobre o que a lei orienta, o que pode ser ilustrado com a seguinte fala quando sorteado o tema *Lei Geral de Proteção de Dados* nos dois grupos focais, as percepções demonstraram ser a mesma percepção: já ouviram falar sobre a LGPD ou tiveram algum contato, mas não aprofundaram o assunto:

RP 02: Sobre LGPD, eu não tenho tanto o que dizer porque eu li, mas eu li de uma forma bem básica. Eu li mais notícias online, de sites on-line, mas que não se aprofundavam muito. **Eu não cheguei a ler artigos falando sobre, então não sei se eu tenho tanta coisa a argumentar.** Talvez outros colegas possam falar melhor. (Grifos nossos)

RP 09: Eu acho que o que tá acontecendo é que a gente sabe da existência da LGPD, mas nós, enquanto cidadãos, não estamos muito preocupados em tomar conhecimento sobre elas [...] mas a gente não tá muito preocupado em entender exatamente em que ela consiste, o que ela protege, até onde ela vai. E ainda afirmou que, quando se trata dos dados de pesquisa: para fins de trabalho ou para fins acadêmicos nos quais a gente vai ter contato com dados de outras pessoas. (Grifos nossos).

Os estudantes, nos dois grupos focais, no decorrer da discussão, quando foi sorteado o tema IAGs como ferramentas complementares no aprendizado, demonstraram entender a necessidade de um letramento em IAG tanto para alunos como para professores:

RP 03: Em relação a essas habilidades, a gente como futuros profissionais no âmbito da comunicação, a gente está muito imerso no meio disso, então principalmente para quem trabalha, vai trabalhar com redes sociais, **a gente nota muito que a IAG é uma ferramenta muito poderosa, mas você precisa também saber usar, a gente não pode confiar cegamente**, isso já foi uma discussão bem ampla aqui, em tudo que ela propõe, então **a gente também tem que saber como propor aquilo, a gente tem que saber como construir aquilo a nosso favor, obviamente respeitando os limites no ético do bom senso, mas a gente também precisa entender, então quais são as minhas habilidades para usar uma IA?** (Grifos nossos)

RP 09: Então, eu acho que eu acredito realmente que deve existir um letramento tanto para os professores quanto para os alunos, porque as IAGs invadiram tudo. Né? Então, é muito fácil, é muito acessível, digamos assim, então, eu acho que a gente deve, sim, filtrar e delimitar as ferramentas complementares no aprendizado. (Grifos nossos)

Nesse sentido, a UFMG, por exemplo, propõe, em suas diretrizes, o oferecimento de seminários, treinamentos para professores, pesquisadores e técnicos administrativos, a ampliação das informações sobre IA em toda a universidade e discussões em sala de aula, com o objetivo de tornar o uso responsável das IAs. A UFMA, por exemplo, ofereceu a seus servidores, em 2024, cursos de *Inteligência Artificial aplicada à Administração* (40h). Para oferecer um letramento eficaz, Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024, p.26) sugerem o fornecimento de “infraestrutura adequada e acesso equitativo a recursos computacionais”, um dos aspectos importantes para o letramento em inteligência digital.

4.2 Sobre responsabilidade autoral

Não é novidade que as máquinas são alimentadas por vieses e estereótipos, porém, a análise dos conteúdos criados por elas é exclusivamente função do ser humano; é essencial e indispensável a verificação do material criado por IAGs, seja revisão, análise de dados, imagens, vídeos etc. A última aprovação da versão final do produto acadêmico é sempre uma tarefa humana. A fala da aluna RP 04 vai em sentido contrário à afirmação anterior:

RP 04: É interessante porque a responsabilidade é dividida nesse caso. Por mais que a IA faça o seu trabalho de interpretar o prompt que eu estou colocando, dependendo do viés da minha intenção ao fazer aquele prompt, é, sim, responsabilidade minha. É diferente, por exemplo, para um caso recente, onde um coletivo de mulheres negras pediu para o ChatGPT fazer uma logo para o movimento, e aí colocaram a... sem mais. Eles só pediram um prompt de fazer a logo do movimento, com essas cores e tal. E aí, o ChatGPT respondeu com o nome da logo e, em seguida, com uma figura de um macaco. É diferente, por exemplo, de eu estar mal-intencionada e falar: Por favor,

escreva, escreva não. Formule uma imagem para mim e esconda um símbolo nazista, ou disfarça um símbolo nazista. Nesse caso é diferente. Então é muito difícil a gente conseguir separar essas coisas. Né? A maior interpretação do ChatGPT, que é alimentado por pessoas e claramente leva esses preconceitos junto, é o que está em mim, que formulou aquele prompt para que aquela ia entender-se daquela forma. **Então acho que sim, que a responsabilidade é dividida em alguns casos.** (Grifos nossos).

A responsabilidade autoral não é dividida entre seres humanos e IAGs. Ela é exclusiva do ser humano que operou essas ferramentas.

Já o/a estudante RP 04 tem um posicionamento diferente sobre a *responsabilidade pelos conteúdos gerados pela IAG*.

RP 07: Eu sinto também que **essa questão da responsabilidade tem um peso maior pra gente como comunicadora**, porque, por exemplo, a gente trabalha com informação, então a gente tá sempre fazendo essa passagem de informação. [...] **A responsabilidade vai muito além de você usar e de você ser transparente com o que você está usando; é você entender tudo o que isso pode afetar**, sabe? Principalmente quando a gente tá usando esses fins de trabalho, de algo que tu não passas mais com a tua imagem, mas que tu tá carregando é mais de outra difusão do tipo que tu tens, então acho que também tem esse aspecto, alguma responsabilidade. (Grifos nossos).

Sendo mais enfática, a responsabilidade pelos conteúdos gerados pelas IAGs é exclusivamente do ser humano, pois a máquina não tem senso ético, responsabilidade moral, legal e crítica. Dito isto, os autores devem ter total responsabilidade sobre os conteúdos gerados por IAG, como aborda o/a estudante:

RP 05: [...] **a gente tem que ter a responsabilidade de como é que a gente vai utilizar**. Né? E de como a gente vai pensar sendo futuros comunicadores. Né? Então, **a gente vai sempre fazer conteúdo, produzir conteúdo pra sociedade e, se esses conteúdos não forem de qualidade e passarem pelo nosso filtro, então não faz sentido essa universidade, não faz sentido esse curso**. Né?. (Grifos nossos).

Observa-se a importância da responsabilidade autoral na produção de pesquisas em Relações Públicas já na graduação. Uma vez publicados, os resultados da pesquisa podem afetar a sociedade de diversas maneiras, sejam elas com euforia, medo, esperança e alegria, além de contribuir para a formação de opinião no meio político e econômico e conservar uma imagem íntegra e transparente da pesquisa e a credibilidade da comunidade acadêmica. Portanto, é necessário que o pesquisador assuma a responsabilidade total pelo uso de IAGs para melhoria de sua pesquisa. Essas ferramentas jamais podem ser autores. Precisa-se compreender isso.

4.3 Sobre transparência no uso da IAG

A transparência no uso da IAG faz parte da responsabilidade autoral. Essa tecnologia, que está disponível desde novembro de 2022, ocupou um espaço significativo na vida cotidiana, nas organizações e no ambiente acadêmico. O uso dessa ferramenta na pesquisa é, sem dúvida, um grande auxílio para a comunidade científica, afinal, pode, entre muitas funções, ajudar a sintetizar textos, fazer resumos, filtrar ideias, descobrir lacunas, destravar a escrita, otimizar o tempo de análise de dados quantitativos ou qualitativos etc.

Mas segundo os estudantes de Relações Públicas da UFMA, no ambiente acadêmico ainda é uma ferramenta malvista pelos professores:

RP 03: Embora todos os docentes saibam que os alunos obviamente usam, ela ainda é uma coisa malvista. O conhecimento individual é extremamente valorizado aqui. Então, se eu escrever um parágrafo ruim e pedir para a IA melhorar, é muito mais louvável, de certa forma, que eu apresente esse parágrafo ruim e que, por exemplo, eu tire uma nota mais baixa do que pedir para a IA melhorar e tirar uma nota mais alta. Então, mesmo que toda a ideia central seja desenvolvida por você, todos os argumentos sejam desenvolvidos por você, e a IA somente realoque, construa um texto, uma imagem, por assim dizer, não é bem-vista. (Grifos nossos).

RP 07: Eu acho que seria o caminho que precisa ser percorrido, porque muitos desses professores não vão aceitar isso; eles ainda não aceitam que a gente utilize essas inteligências. Então, eu acho que teria que ter uma regulamentação, algo que esteja acima da opinião do professor, algo nesse sentido. Aí no caso, entra um letramento de IAG para professores, não é? Então, quando a gente, sei lá, desenvolve uma pesquisa e apresenta pra FAPEMA, pra PIBIC, dentro das regulamentações, olha, você pode usar até 30% de IAG no seu trabalho pra fazer a coleta de dados...você precisou pesquisar um termo, alguma coisa pro que você colocou tudo bem, desde que esteja dentro dessas regras aqui. É interessante observar que, mesmo diante desse problema de rejeição da ferramenta por parte dos professores, os estudantes têm consciência de que ela é uma ferramenta de auxílio eficaz. (Grifos Nossos).

RP 04: Mas se o texto foi construído por você, a argumentação foi construída por você, às vezes até o layout foi construído por você, **eu creio que a IAG funcionaria como uma forma de organização.** (Grifos nossos)

RP 05: [...] eu também tenho um pouco de medo, eu que já publiquei um pouco na área acadêmica, de talvez o trabalho ser desvalorizado, porque não é tipo, ah, eu escrevi o meu trabalho inteiro com a IAG, mas ela me auxiliou, só que será que se eu colocar isso não vai desvalorizar? Eu acho que tem um pouco desse medo do nosso lado também. (Grifos nossos).

Percebe-se que o medo parece surgir da ausência de orientações para o uso de IAG. Ser transparente no uso é uma atitude viável tanto para estudantes quanto para professores.

Diante de tal problemática, a UFMG, foi primeira universidade brasileira a criar meios para regulamentar o uso de IAG na área da pesquisa, enfatizando a necessidade de transparência, com explicações detalhadas sobre o uso da IA como, por exemplo, a identificação em artigos e relatórios técnicos das etapas realizadas com auxílio dessas tecnologias, além da avaliação cuidadosa de resultados produzidos por tais ferramentas, de modo a evitar conclusões falsas ou enganosas (Site institucional UFMG, 2024).

A instituição deu um passo importante, afinal, “é necessário que o uso dessa ferramenta seja transparente, promovendo a confiança na comunidade científica, permitindo uma avaliação mais precisa do papel da IAG no processo da pesquisa e seus impactos nos resultados obtidos. (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p.20).

Ainda sobre a importância da transparência no uso da IAG, no grupo focal 2, RP 06 afirmou:

RP 06: Então, eu acho que a transparência acaba sendo primordial, porque a gente está num cenário onde as coisas são modificadas virtualmente por essas plataformas, que são divulgadas e geram um problema social, porque as pessoas começam a tratar aquilo como verdade e não buscam entender de onde isso partiu e acaba se tornando mesmo um problema geral. Então, eu acredito que, no caso da transparência, seja um dos principais pontos a se tratar dentro desse assunto. (Grifos nossos)

Nota-se no grupo focal que, apesar dos estudantes de Relações Públicas da UFMA entenderem a necessidade dessa transparência do uso de IAG na pesquisa, eles ainda não sabem como fazê-la:

RP 07: A professora da disciplina falou muito que a gente tem que colocar que estamos usando e ser o mais transparente possível. Só que eu acredito que nós, enquanto discentes, ainda não sabemos fazer isso; acho que é algo que não foi discutido. (Grifos nossos)

Todos os participantes do grupo focal concordaram com essa opinião, mostrando a necessidade dessa discussão dentro da instituição ou em sala de aula.

Detalhando um pouco mais no grupo focal sobre o uso de IAG, ao serem questionados sobre a necessidade de disponibilização dos prompts e de seus resultados, os estudantes de Relações Públicas da UFMA não mostraram resistência, entretanto demonstraram medo de não ter seus trabalhos valorizados e reconheceram o desconhecimento de como tornar transparente o uso de IAGs no processo de pesquisa, como demonstra as seguintes falas:

RP 03: Não. Eu acho que eu não teria problema, mas porque eu utilizo muito dessa ideia central de disponibilizar a sua mente para a IAG construir a imagem, não produzir o conhecimento. (Grifos nossos).

RP 07: Eu acho que é interessante, já que a gente quer ser transparente, porém, não sei como seria na prática, por exemplo, dar o acesso, disponibilizar só o que é preciso para pesquisa. (Grifos nossos).

Hoje, as grandes editoras de periódicos científicos, como a Elsevier, já desenharam suas regras de transparência no uso de inteligência artificial. Essa é uma das regras da Elsevier sobre transparência no uso de IA:

Os autores devem divulgar o uso de ferramentas de IA para a preparação do manuscrito em uma declaração separada, incluída no manuscrito no momento da submissão, e essa declaração também constará na publicação. Os autores devem documentar o uso de IA incluindo o **nome da ferramenta utilizada, a finalidade do uso e o grau de supervisão**. Declarar o uso de ferramentas de IA promove a transparência e a confiança entre autores, leitores, revisores, editores e colaboradores, além de facilitar o cumprimento dos termos de uso da ferramenta em questão. **Verificações básicas de gramática, ortografia e pontuação não exigem declaração**. O uso de IA no processo de pesquisa **deve ser declarado e descrito detalhadamente na seção de métodos**³ (Elsevier, 2026, grifos nossos).

A editora Elsevier, assim como as regras já publicadas em algumas universidades, já dá pistas para recomendações aos estudantes de Relações Públicas da UFMA.

4.4 Sobre mitigação de risco no uso da IAG para replicabilidade

O primeiro passo para mitigação de riscos no uso da IAG começa com o conhecimento sobre os termos de uso de cada inteligência artificial generativa, pois os pesquisadores devem compreender adequadamente os tipos de serviço, as políticas de privacidade e as implicações de segurança associadas a essas tecnologias. Como dito anteriormente, dados coletados e retidos por essas ferramentas, na maioria das vezes, são coletados e retidos sem consentimento, por isso, faz-se necessário o conhecimento dos direitos de propriedade de dados para que não seja violada a Lei Geral de Proteção de Dados, Lei nº 13.709/2018. Conteúdos como vídeos, fotos, áudios e imagens compartilhados podem ser acessados por outras IAGs. Para mitigar riscos, é recomendado evitar compartilhar dados confidenciais ou com implicações de propriedade

³ A citação foi retirada do site da editora Elsevier disponível em: <https://www.elsevier.com/about/policies-and-standards/generative-ai-policies-for-journals>. Acesso em: 5 jan. 2026.

intelectual ao usar ferramentas de IA generativa (Sampaio e Sampaio, 2024, p.19). Ser o mais transparente possível ao usar essa ferramenta nos trabalhos acadêmicos também faz parte do caminho de mitigação de risco, facilitando a aceitação dessa ferramenta por parte dos professores e mantendo a integridade da pesquisa acadêmica.

No quesito *letramento em IA*, os estudantes demonstraram o reconhecer a necessidade de letramento:

RP 03: [...] a IAG é uma ferramenta muito poderosa, mas você precisa também saber usar, a gente não pode confiar cegamente, isso já foi uma discussão bem ampla aqui, em tudo que ela propõe, então a gente também tem que saber como propor aquilo, a gente tem que saber como construir aquilo a nosso favor, **obviamente respeitando os limites ético do bom senso, mas a gente também precisa entender, então quais são as minhas habilidades para usar uma IA?**”. (Grifos nossos).

RP 09: Então, eu acho que eu acredito realmente que deve existir um letramento tanto pros professores quanto para alunos, porque as IAGs invadiram tudo, né [...].

Quando o tema *Lei Geral de Proteção de Dados* foi sorteado, os estudantes dos dois grupos afirmaram desconhecer ou ter lido de forma superficial sobre ela.

RP 02: Sobre LGPD, **eu não tenho tanto o que dizer porque eu li, mas eu li de uma forma bem básica.** Eu li mais notícias online, de sites online, mas que não se aprofundavam muito. Eu não cheguei a ler artigos falando sobre, então não sei se eu tenho tanta coisa a argumentar. Talvez outros colegas possam falar melhor. (Grifos nossos).

RP 09: **Eu acho que o que tá acontecendo é que a gente sabe da existência da LGPD, mas nós, enquanto cidadãos, não estamos muito preocupados em tomar conhecimento sobre elas [as leis],** então, tipo assim, quando alguém vai usar os nossos dados e, peraí, tem a Lei Geral de Proteção de Dados, você tem que guardar os meus dados bem direitinho aí. E aí, tem que ter a caixinha de que, sim, eu tô confirmando, mas você tem que guardar os meus dados, mas a gente não tá muito preocupado em entender exatamente em que ela consiste, o que ela protege, até onde ela vai, sabe. Eu acho que a gente realmente só pensa em entender sobre ela quando a gente vai precisar usar, sei lá, pra fins de trabalho ou para fins acadêmicos nos quais a gente vai ter contato com dados de outras pessoas, mas quando a gente vai oferecer os nossos dados, assim, a gente não tem muita noção e eu acho que é isso. (Grifos nossos).

Segundo Sampaio, Sabbatini e Limongi (2024), para que o uso das IAGs na pesquisa se mantenha alinhado com as questões éticas e cinéticas, também é necessária a documentação, incluindo, de forma detalhada, como a ferramenta foi usada, os prompts e resultados utilizados

ou não no trabalho, a adoção de modelos de código aberto como padrão. Tais recomendações podem garantir a integridade na pesquisa acadêmica, sem deixar de lado o auxílio que as ferramentas de IAG trazem para os trabalhos.

O estudante RP 04, afirma achar interessante o uso da recomendação acima:

RP 04: Então eu acho que seria, sim, muito interessante colocar no final, produzido por IA, imagens principalmente, que já é mais tranquilo de entender, mas principalmente em textos acadêmicos, em produções, ter uma notinha de rodapé, pelo menos explicando, buscando explicar como foi a ideia que foi feita. (Grifos nossos).

Outro ponto importante abordado é sobre o uso da IAG apenas como auxiliadora da pesquisa e não criadora do pensamento, porém muito se peca quando há o carregamento de trabalhos nas IAGs com o objetivo de aprimoramento do trabalho com linguagem acadêmica, pois ainda não sabemos como a inteligência artificial funcionam na prática, como armazenam as informações e fazem as distribuições delas. Diante disso, o número de plágios, fraudes e comportamentos antiéticos tem aumentado, gerando desconfiança no ambiente acadêmico e consequentemente, colocando em risco a sua integridade.

Os estudantes demonstraram ciência da importância do uso auxiliar dessa ferramenta quando sorteado o tema *IAG como ferramenta complementar no aprendizado*:

RP 09: Então, a gente já falou bastante disso, eu acho que a gente precisa delimitar o que seria esse complementar, né e foi como eu falei, a questão é a questão do hábito, **você não pode deixar de lado o hábito de pensar enquanto você está usando um IAG** então, enquanto você pensa, você sei lá, consegue corrigir aquilo consegue colocar suas próprias palavras, né incluir os seus pensamentos é complementar. Mas se você está só copiando e colando, isso não é complementar; é um pouco do teu aprendizado. Na verdade, você não está aprendendo nada, né? Então, eu acho que isso é uma pauta muito importante, principalmente pra galera mais nova que a gente. Então, eu acho que eu acredito realmente que deve existir um letramento tanto pros professores quanto para alguns, porque as IAGs invadiram tudo, né, gente, então, é muito fácil, é muito acessível, digamos assim, então, eu acho que a gente deve, sim, filtrar e delimitar as ferramentas complementares no aprendizado. (Grifos nossos).

Os estudantes demonstraram não estarem cientes de alguns pontos necessários para a mitigação de risco, como a LGPD, necessária para a proteção de dados sigilosos, mas em outros pontos, como transparência, pensamento crítico e letramento, os mesmos já estão mais informados. Porém, para preservar a integridade da pesquisa e mitigar riscos, faz-se necessário o total conhecimento sobre todos os pontos que possam de alguma forma ser um risco à pesquisa.

4.5 Sobre combate ao plágio e manutenção da originalidade do autor

A renomada revista Springer Nature retratou 129 artigos em 2024, após descobrir que foram feitos por IA violando a sua política editorial. A revista também teve um livro (que tratava de riscos éticos do ChatGPT) retirado de circulação, após uma denúncia anônima, no qual afirmava que o mesmo havia sido escrito por IA (ChatGPT).

Figura 6- Post da Universidade.br no Instagram no dia 1 de julho de 2025



Fonte: Página @Universidades.br no Instagram(2025)

Ao ser questionado, o autor não negou o uso de IA na criação do livro e disse ainda que “é muito difícil distinguir texto humano de texto gerado por IA”. Após uma investigação, descobriu-se que um terço das citações eram falsas, trabalhos atribuídos a três autores que nunca o escreveram e referências inventadas (Universidade.br, Instagram). Notícias como essas estão cada dia mais comuns, colocando em risco a credibilidade da pesquisa e da academia.

A UFMA, por meio da Resolução Nº 1892-CONSEPE, 28 de junho de 2019, posiciona-se da seguinte forma sobre plágio:

Art. 94 O plágio acadêmico é a apropriação de forma parcial ou integral das ideias, conceitos ou frases de um autor, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, omitindo-se a fonte.

Parágrafo Único. Caracteriza-se como plágio acadêmico no ato da elaboração de trabalhos e/ou artigos e/ou relatórios e/ou avaliações, a utilização sem referência ao autor ou sem a autorização expressa do mesmo de informações, opiniões ou dados que não são da autoria do estudante.

Art. 95 A identificação do plágio acadêmico é de responsabilidade do docente ou de qualquer membro da comunidade acadêmica, cabendo ao estudante

recurso às instâncias competentes conforme previsão do art. 198 desta Resolução.

Art. 96 Em caso de plágio, o estudante será submetido a processo disciplinar em que lhe será garantido o direito de ampla defesa.

Parágrafo único. As etapas do processo, as sanções e sua aplicação estão definidas na resolução específica que regulamenta o Regime Disciplinar Discente.

Na época da publicação dessa resolução, ainda não havia preocupação com a construção de plágio por meio de IAG. Hoje, acrescentou-se o uso dessa ferramenta a esse problema moral.

Durante a discussão realizada sobre o tema sorteado *reprodução de ideias de outem feita pela IAG*, os estudantes demonstraram a necessidade de usar o pensamento crítico diante das informações disponibilizadas pelas IAGs:

RP 02: [...] A gente tem que ter os nossos meios próprios, porque eu sei que a inteligência artificial generativa ajuda muito, ela otimiza, ela organiza, mas nós somos pessoas, nós temos pensamentos críticos. Nós estamos na academia, na universidade, para discussões, para debates. Então, se eu estou na universidade passando quatro, cinco anos da minha vida, como é que eu não consigo ter um pensamento crítico? Como é que eu consigo debater com alguém? Como é que eu não consigo ter isso? Quer dizer que eu preciso de uma Inteligência Artificial Generativa para poder fazer isso por mim e acabar naquela situação de qual importância a Inteligência Artificial Generativa tem nas nossas vidas. **Então acredito que ela é uma ferramenta de auxílio, mas não de totalidade.** Ela não vai substituir o ser humano na minha concepção. (Grifos nossos).

Ademais, é preciso evitar carregar trabalhos nas plataformas de IAG, analisar os dados, autores, citações, buscando outras fontes para averiguar a veracidade do conteúdo recebido. Nessa percepção, os alunos RP 06 e RP 09 demonstraram ter preocupação diante do problema exposto acima.

RP 06: [...] E aí, a IAG veio e me deu algumas referências, mas quando eu fui conferir mesmo se de fato elas eram válidas, a gente já consegue identificar várias lacunas. Então, a gente tem realmente que ter essa proximidade quando a gente está usando, porque senão a gente consegue entregar um trabalho que vai ser cheio de lacunas em relação a isso. (Grifos nossos).

RP 09: Eu acho que essa questão do pensamento crítico acontece a partir do momento em que a gente se policiar sobre o uso da IAG. (Grifos nossos).

Outro ponto importante é a qualidade dos trabalhos acadêmicos futuros, uma vez que essa tecnologia pode desenvolver vícios de pesquisa, colocando em risco as habilidades necessárias para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica. RP 05, afirma a necessidade de letramento, transparência nos processos e regulação do uso de IAG para manter a qualidade dos trabalhos acadêmicos.

RP 05: (...) se eles forem aplicados e todo mundo seguir, eu acho que tem como fazer a produção acadêmica legal, **mas se o uso continuar desenfreado e as pessoas não tiverem responsabilidade, ética e transparência, aí a tendência é a diminuição da qualidade.** (Grifos nossos).

Para evitar plágios e decadência dos trabalhos acadêmicos, é necessário fazer uso de habilidades humanas sendo crítico com tudo que a IAG produz, restringindo o seu uso a auxiliadora e não como parceiras ou colegas no sentido estrito, pois a IAG ainda não pode se igualar a originalidade humana necessária para a novidade na pesquisa (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p.24,).

4.6 Sobre a preservação da agência humana

Deve-se lembrar que esse é um princípio em que *as ações humanas devem estar acima do comportamento das máquinas*. Ou seja, a autonomia humana é crucial ao desenvolvimento de pesquisas com o auxílio de IAG, portanto, o centro sempre deve ser o conhecimento humano e suas habilidades intransferíveis.

Como abordado anteriormente, a IAG não é um ser pensante, “elas não são seres humanos ou mesmo seres sencientes” (Sampaio; Sabbatini; Limongi, 2024, p.24), faltando à responsabilidade ética e moral diante do mundo. O vício de pesquisadores em relação a essa tecnologia desenvolvida pode levar à perda de habilidades necessárias de que a prática da pesquisa necessita: habilidades de análise, síntese e discussão dos resultados de pesquisa. O uso de IAG sem a devida orientação pode privar o estudante da oportunidade de desenvolver essas habilidades.

Pode-se observar que os estudantes de Relações Públicas da UFMA estavam, em parte, cientes desse problema. Quando foi sorteado o tema *responsabilidade pelos conteúdos gerados pela IAG* nos dois grupos focais, obtiveram-se percepções distintas. O RP 04 tinha uma perspectiva de compartilhamento de responsabilidade entre pesquisador e IAG:

RP 04: É interessante porque a responsabilidade é dividida nesse caso.

Por mais que a IA faça o seu trabalho de interpretar o prompt que eu estou colocando, dependendo do viés da minha intenção ao fazer aquele prompt, é, sim, responsabilidade minha. É diferente, por exemplo, para um caso recente, onde um coletivo de mulheres negras pediu para o ChatGPT fazer uma logo para o movimento, e aí colocaram a... sem mais. Eles só pediram um prompt de fazer a logo do movimento, com essas cores e tal. E aí, o ChatGPT respondeu com o nome da Logo e, em seguida, uma figura de um macaco. É diferente, por exemplo, de eu estar mal-intencionada e falar: Por favor, escreva, escreva não. Formule uma imagem para mim e esconda um símbolo nazista ou disfarça um símbolo nazista. Nesse caso é diferente. Então é muito difícil a gente conseguir separar essas coisas, né? A maior interpretação do ChatGPT, que é alimentado por pessoas e claramente leva esses preconceitos junto, é o que está em mim, que formulou aquele prompt para que aquela ia entender-se daquela forma. Então acho que sim, que a responsabilidade é dividida em alguns casos. (Grifos nossos).

Já o/a estudante RP 07 tem consciência da responsabilidade humana na prática da pesquisa:

RP 07: Eu acho que isso tá muito em volta do que a gente já vem discutindo, de ter essa responsabilidade, de como que a gente tá usando, porque isso vai depender do nível de transparência que a gente quer explicitar num trabalho, isso vai depender do nosso pensamento crítico em relação à IAG, então qual é o fim em que eu estou utilizando essa IAG? Porque eu decidi utilizá-la e até que ponto ela tá contribuindo com o meu trabalho, mas também com a minha habilidade de refletir sobre aquilo, então eu acredito que seja nesse sentido porque **no final tudo isso gera um senso de responsabilidade, mais pra mim e menos para outros.** (Grifos nossos).

E o/a RP 05 estendeu essa preocupação ao contexto profissional:

RP 05: É isso que a RP 07 falou; me lembrou vários stories que eu vi de uma aluna aqui da UFMA, né? Ela é de audiovisual e ela falou justamente isso que era pra pessoas que produzem conteúdos, né? Seja dentro da universidade, seja no trabalho, pare de usar IAG porque ela vai acabar aos poucos com a criatividade da pessoa, né? E os conteúdos já estavam muito padronizados, sabe? Quando os conteúdos eles já são padronizados você já consegue identificar de longe, foi basicamente o que ela quis dizer e eu acho que casa muito com isso aqui com a responsabilidade pelos conteúdos gerados, ele gera mas quando você vai colocar isso pra sociedade seja nas redes sociais, seja no ambiente de trabalho, seja aqui dentro da sala de aula, você tem que ter responsabilidade pra saber passar isso porque foi como a RP 09 falou, se for só um Ctrl-c Ctrl-v, então não é você mais, então já é a IAG. **A gente tem que ter a responsabilidade de como é que a gente vai utilizar. Né? E de como a gente vai utilizar e de como vai repassar sendo futuros comunicadores.** Né? Então, a gente vai sempre fazer conteúdo, produzir conteúdo para a sociedade, e se esses conteúdo não forem de qualidade e passarem pelo nosso filtro, então não faz sentido essa universidade, não faz sentido esse curso. Né? (Grifos nossos).

Quando, em outro sorteio, se discutiu *o uso do pensamento crítico durante o uso da IAG nos trabalhos acadêmicos*, perspectivas preocupantes surgiram. O problema da alucinação das IAGs no momento da pesquisa e o papel do ser humano, por exemplo:

RP 08: Eu acho isso bem interessante, mas eu acho que vai com bom senso. Porque a IAG, ela acaba inventando, às vezes, alguns resultados. Como, por exemplo, alguns trabalhos que eu já fiz e eu já tive essa experiência. De ver que estava tudo certo, se era aquilo que eu queria, mas quando eu ia pesquisar por aquele autor, ele realmente não existia. Então, eu acho isso bem interessante. E é até uma coisa que se pode acusar quando a gente for realmente colocar trabalhos à disposição. Então, eu acho que vai muito naquilo que a RP 07 falou sobre criar uma regulamentação. Como essas realidades podem ser mais transparentes e realizadas. (Grifos nossos).

Depois, o problema da necessidade de pensamento crítico *versus* a compressão do tempo no cotidiano:

RP 07: Eu entendo que a gente está com dificuldade dentro da nossa realidade aqui, na UFMA, que é muito corrida. E eu sei que a gente utiliza muito. E agora que eu, particularmente, e as meninas que a gente está escrevendo TCC, eu sinto que essa é uma dificuldade. Né? Da gente criar o nosso pensamento crítico. E, às vezes, dá muita vontade, realmente, de recorrer à IAG: “Pelo amor de Deus, fala o que eu quero falar”! Então, acho que essa é uma grande batalha ainda pra gente, pra talvez conscientizar os próximos que vão vir depois de mim. Né? Os que vão entrar ainda na faculdade. Porque os jovens, hoje em dia, já estão começando a usar isso na escola. Então, como vão vir à cabeça desses jovens? Eles têm um pensamento crítico? Eles sabem a importância de ter um pensamento crítico? Então, eu acho que tem a ver um pouco com esse assunto. Talvez um pouco de conscientização sobre isso. (Grifos nossos).

RP 06: Eu concordo com o que RP 07 falou. E eu acho que manter esse pensamento crítico nesse cenário de IAG é uma coisa que muitas vezes a gente deixa passar. Né? E aí, na correria do dia, da rotina, a gente deixa isso passar. Mas, depois assim, às vezes a gente para pra refletir e vai e pensa. Né? Nossa, como eu poderia ter feito aquilo diferente? Era algo tão simples que eu acabei tendo que recorrer à máquina. Né? Então, é interessante pensar dessa forma. E falando por uma experiência própria, eu me considero uma pessoa muito criteriosa nesse sentido. No projeto do TCC, que a gente está escrevendo, eu tive que recorrer algumas vezes à IAG para buscar referências. Porque, às vezes, eu queria falar de matemática, mas eu não conhecia. Não era uma temática tão abordada no curso, então eu tive que partir para outras áreas. E aí, a IAG veio e me deu algumas referências, mas quando eu fui conferir mesmo se de fato elas eram válidas, a gente já consegue identificar várias lacunas. Então, a gente tem realmente que ter essa proximidade quando a gente está usando, porque senão a gente consegue entregar um trabalho que vai ser cheio de lacunas em relação a isso. (Grifos nossos).

E, nessa perspectiva da necessidade de preservação da agência humana, os estudantes destacam o problema com a preguiça de pensar ou com a falta de habilidade para pensar:

RP 05: Eu acho que nesse ponto aqui tem várias questões a serem analisadas. **Por exemplo, o ser humano, hoje em dia, está com preguiça de pensar.** Então, como surgiu a IAG, que facilita muito alguns trabalhos. Então, **ele já não vê a necessidade de sentar, ler, estudar, escrever, porque ele sabe que tem uma inteligência que faz isso por ele em poucos segundos, então, ele gera um texto de três laudas em menos de quinze segundos, o que ele levaria horas para fazer.** Para eles, é muito mais simples fazer isso. Mas tem uma questão também: a gente tem que ter inteligência para comandar a IAG. [...]. (Grifos nossos).

RP 09: Eu acho que essa questão do pensamento crítico acontece a partir do momento em que a gente se policiar sobre o uso da IAG. Por exemplo, eu uso a IAG praticamente todo dia, pra perguntar coisas sobre o meu trabalho, coisas sobre a faculdade. **E aí, com esse negócio de copiar/colar, eu fico muito viciada.** [...] Tipo assim, meu Deus, dessa vez eu tenho realmente que corrigi-la ou mandar fazer de novo, e aí eu tenho que gravar áudio. [...] Então, se isso acontece comigo, que já sou uma adulta, eu fico pensando como que isso funciona pro pré-adolescente, sei lá, pra adolescentes e crianças que não têm acesso a isso, sabe? Tipo, elas vão **perdendo cada vez mais o hábito de pensar, entendeu, porque é uma coisa muito simples, muito rápida, muito fácil, e vão deixando as coisas pra depois, e aí a gente vai ver que não quer realmente pensar.** (Grifos nossos).

O que se interpreta dessas falas é que ainda é frágil a compreensão dos estudantes de Relações Públicas de que as ações humanas devem estar acima do comportamento das máquinas e que as habilidades de análise, síntese e discussão dos resultados de pesquisa são da autonomia humana, portanto, intransferíveis às IAGs. É imprescindível que a produção da pesquisa esteja sob o controle humano.

4.7 Sobre uso eticamente orientado das IAGs

A ética na pesquisa é essencial para preservar a integridade acadêmica e a confiança. Respeitar os direitos humanos, não cometer plágios, preservar a privacidade dos envolvidos e não manipular dados são alguns dos principais pontos a serem observados. Diante do avanço tecnológico presente, a facilidade de obter uma informação, principalmente ao usar IAGs favorece o plágio, que continua sendo uma das principais preocupações dos pesquisadores.

Os estudantes demonstraram estar cientes da necessidade de averiguação de citações durante o da IAG na prática da pesquisa, quando sorteado o tema *o uso das IAGs para produção de citação nos trabalhos*.

RP 02: Acho que até falei no início que muitas pessoas pecam em utilizar IAG por não fazer essa verificação, então eu, por exemplo, geralmente

sempre verifico aquilo que está sendo lido porque se eu estou escrevendo um trabalho, fazendo um artigo, eu quero melhorar ele, quero buscar autores que se assemelhem com o meu tema, e aí eu não vou ler o que ele está dizendo, se realmente foi ele que disse, seria confiar cegamente. **Eu acho que a gente não pode confiar cegamente na IAG, a gente tem que utilizar ela como ferramenta de auxílio, de organização, de trazer novas ideias, mas não deixar que ela faça o trabalho pela gente**, porque aí seria até achar demais, até sem ter um senso crítico mesmo, porque nem tudo que ela diga eu posso concordar, pode ter um autor ali que não faz parte daquilo que eu acredito, que eu acho que não se encaixa naquilo que eu estou querendo dizer. Então acho que confiar cegamente na IAG é muito arriscado, principalmente no meio acadêmico em que a gente está, e a gente que está fazendo a disciplina de elaboração de TCC, a gente tem que ter esse cuidado, porque, é claro, o professor que está lendo vai ter essa dimensão, né? (Grifos nossos).

Em outro momento o estudante RP 02 relatou uma experiência durante o uso da IAG na prática da pesquisa:

RP 02: Nós, enquanto pesquisadores condicionados à **questão da reprodutibilidade antiética**, o famoso plágio, acaba entre muitas aspas favorecendo, porque já **aconteceram várias vezes de o autor até existir, mas ele nunca ter dito aquilo. Então, até que ponto a minha pesquisa, o meu estudo também não vai ser dessa forma?** (Grifos nossos).

Segundo o Grupo de Ética em Pesquisa do Fórum de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (FCHSSALLA), os princípios orientadores para as pesquisas são: respeito a liberdade, a diversidade, as características e necessidades das pessoas com deficiência, transparência, honestidade, compromisso com a integridade acadêmica, responsabilidade na condução e execução da pesquisa, entre outros (Fchssalla, 2024, p. 12).

Para manter o uso ético e responsável na pesquisa e desenvolver as habilidades necessárias para o uso, as universidades: Universidade de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e Centro Universitário SENAI Cimatec, criaram guias, resoluções ou normativas e regras para o uso de IA em atividades acadêmicas. Como pioneira nesse quesito, a UFMG montou uma comissão permanente de IA, que, além de criar as regras, também tira dúvidas, propõe eventos e discussões. Até a publicação deste trabalho, a Universidade Federal do Maranhão ainda não havia publicado nenhum tipo de regulamentação para o uso de IA nas atividades acadêmicas.

É fundamental fomentar uma cultura de transparência e responsabilidade, na qual os pesquisadores são encorajados a compartilhar suas experiências e desafios no uso de IA (Limongi, Sampaio e Sabbatine, 2025, p.26).

Porém, os estudantes de Relações Públicas demonstraram não se sentirem seguros para serem transparentes no uso das IAGs, por falta de uma regulamentação da instituição sobre o uso aceitável nas atividades acadêmicas, falta de encorajamento, além da resistência de alguns professores diante dessa tecnologia, o que dificulta o processo de transparência.

RP 04: Seria muito interessante. **Eu acho que a UFMA está de tanto ponto atrasada nesse sentido porque, embora a Inteligência Artificial Generativa seja, assim, algo novo, ela já é uma coisa bem conhecida.** Todo mundo aqui, pelo menos a maioria das pessoas que conhecem, com exceção do RP 01, utilizam o chat GPT ou já utilizaram, então eu acho que seria interessante não ter criado imediatamente uma diretriz para regular essas questões do que é certo e que é errado no uso da Inteligência Artificial no meio acadêmico mas que houvesse, ao menos, mais pessoas falando sobre isso, mas talvez oficina, além das que a gente tem porque eu quero dizer, que saia do óbvio do que é Inteligência Artificial Generativa, porque quando a gente frequenta alguma coisa, algum evento sobre IAG, o que a gente mais vê é o que a gente já sabe. Tem as perguntas óbvias, tem o medo do futuro, tem o medo da IAG roubar seu emprego, enfim, suscita toda essa discussão, mas realmente algo novo para pensar como a gente pode utilizar a Inteligência Artificial Generativa dentro da universidade sem que isso pareça preguiça, sem que isso seja rotulado como falta de capacidade de, por exemplo, fazer um texto, acho que seria bem interessante olhar por esse lado. (Grifos nossos).

Certamente, é possível manter os princípios éticos da pesquisa ao usar IAG nos trabalhos acadêmicos; para isso, é preciso colocar o homem à frente da máquina, tendo em mente os princípios a serem respeitados e o conhecimento das normas da ABNT. O conhecimento técnico sobre a ferramenta, pensamento crítico, atenção precisa, colocando acima os direitos humanos, identificação de vieses, preservação da identidade dos envolvidos, mantendo a transparência no uso das IAGs tornam a pesquisa mais precisa, limpa e ética. Portanto, um regulamento para professores e alunos facilita e direciona esse longo caminho diante da pesquisa.

Diante disso, pode-se perceber através das falas que os estudantes estão cientes do caminho para ter uma conduta ética diante da IAG, mas não são incentivados; muito pelo contrário, se sentem apreensivos ao usá-la, o que compromete a transparência e, consequentemente, o uso ético dessa ferramenta no ambiente acadêmico.

4.8 Sobre o medo do uso das IAGs

Após análise das falas dos grupos focais, identificou-se a necessidade de criar uma nova categoria para discussão: Medo de IAG.

Apesar de declararem usar a IAG para determinadas funções, os alunos ainda demonstram insegurança e medo ao explicar aos professores que usam essa ferramenta.

RP 03: [...] Porém, a IAG, dentro do meio acadêmico, ainda, embora todos os docentes saibam que os alunos obviamente usam, ela ainda é uma coisa malvista. Então, o conhecimento individual é extremamente valorizado aqui. Então, se eu escrever um parágrafo ruim e pedir para a IA melhorar, é muito mais louvável, de certa forma, que eu apresente esse parágrafo ruim e que, por exemplo, eu tire uma nota mais baixa do que pedir para a IA melhorar e tirar uma nota mais alta. Então, mesmo que toda a ideia central seja desenvolvida por você, todos os argumentos sejam desenvolvidos por você, e a IA somente realoque, construa um texto, uma imagem, por assim dizer, não é bem-vista. (Grifos nossos).

O medo de explicar aos professores é presente entre os alunos que preferem omitir o uso, pois acreditam que o trabalho será desvalorizado ou rejeitado caso haja transparência sobre o uso de IAGs:

RP 08: [...] Eu concordo com o que as meninas falaram. Eu acho que também ia ser bem interessante essa disponibilização, mas eu acho que eu estava batendo muito pouco o que a RP 07 falou sobre quando a gente coloca esses dados, que o nosso trabalho acaba sendo um pouco descredibilizado. Eu acho que é isso. E aí, isso vai muito de professor pra professor. Como ele vai aceitar isso? Como ele vai olhar esse trabalho? Eu já acompanhei algumas discussões sobre como são essas informações, que, mesmo que a IAG nos dê essas informações, de qualquer forma, essas informações são dadas por nós. Então, até que ponto a gente vai saber separar o que foi escrito pela IAG, o que é produzido pela gente? (Grifos nossos).

Mesmo ciente de que a IAG é uma ferramenta eficaz de auxílio que otimiza tempo, facilitando processos repetitivos, o/a aluno RP 07 relata a resistência dos professores mediante uso dessa IAG e a necessidade de regulamentação dessa ferramenta:

RP 07: O que ela falou, o que RP 08 falou, me lembra também muito a questão, tipo assim, se a gente está falando que no futuro isso aqui é algo que já vai estar lá, a gente também tem que parar pra pensar em talvez um regimento. Por exemplo, novamente voltando pra discriminação dos trabalhos. Talvez seja legal ter uma recomendação que faça assim: até 30% do trabalho, é aceitável. Cortando, por exemplo, 30%, sem falar na questão de quando você utiliza como ferramenta para, por exemplo, fazer uma leitura de Instagram, de dados, para leitura de dados, porque eu acho que não contabiliza tanto quanto o de IAG. Hoje em dia, a gente já usa muito pra ver quantidade

de posts, quantidade de curtidas, porque manualmente é muito difícil para a gente fazer essa leitura. É algo que já acontece. Eu acho que seria o caminho que precisa ser percorrido, porque muitos desses professores não vão aceitar isso; eles ainda não aceitam que a gente utilize essas inteligências.

Então, eu acho que teria que ter uma regulamentação, algo que esteja acima da opinião do professor, algo nesse sentido. Aí no caso, entra um letramento de IAG para professores, não é? Então, quando a gente, sei lá, desenvolve uma pesquisa e apresenta pra FAPEMA, pra PIBIC, dentro das regulamentações, olha, você pode usar até 30% de IAG no seu trabalho pra fazer a coleta de dados... você precisou pesquisar um termo, alguma coisa pro que você colocou tudo bem, desde que esteja dentro dessas regras aqui.

Essa resistência resulta na negação por parte dos alunos sobre o uso de IAG nos trabalhos acadêmicos, fazendo dessa ferramenta uma forma educacional velada com afirma RP 03:

RP 03: Eu creio que a Inteligência Artificial ainda é uma metodologia educacional um pouco velada (escondida/encoberta). A IAG, enquanto construtora de conhecimento, ainda não é bem vista porque dá a impressão de que você não se esforçou; dá a impressão de que você não consegue pensar com a própria cabeça. (Grifos nossos).

Diante disso, os alunos demonstraram medo ao usarem as ferramentas de IAG, pois além de não terem conhecimento de como usá-la de forma transparente, precisam lidar com a resistência de alguns professores, que acabam não aceitando o uso ou discriminando o trabalho comprometendo a nota do aluno e quem sabe uma imagem distorcida da sua capacidade e inteligência dentro da academia.

5. DISCUSSÃO E RECOMENDAÇÕES PARA O USO ÉTICO E RESPONSÁVEL DE IAG PARA ESTUDANTES DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UFMA

Diante dos desafios éticos discutidos ao longo dessa pesquisa, viu-se a necessidade de orientar os estudantes de Relações Públicas sobre o uso das IAGs nos trabalhos acadêmicos. Assim, com base no referencial teórico apresentado, nos guias apresentados por outras universidades (Apêndice A) e no resultado dos grupos focais foi desenhado um grupo de sete recomendações de acordo com as percepções dos estudantes.

Na *interpretação das percepções dos estudantes sobre uso de IAG na aprendizagem da prática da pesquisa*, percebeu-se que os estudantes de Relações Públicas da UFMA têm uma preocupação tardia com o letramento de inteligência digital; que precisam compreender que o pesquisador deve assumir a responsabilidade total pelo uso de IAGs para melhoria de sua pesquisa; que precisam ser orientados por regras claras para que haja transparência no uso que fazem da IAG; que precisam mitigar riscos ao usarem ferramentas de IAG a partir da consciência desses riscos; que o combate ao plágio é um comportamento moral indispensável no mundo acadêmico; que habilidades de análise, síntese e discussão dos resultados de pesquisa é da autonomia humana, portanto intransferível às IAGs; e que o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa também depende de orientações institucionais. A partir dessas percepções, desenhou-se sete conjuntos de recomendações práticas para o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa em Relações Públicas para o curso da UFMA.

5.1 Recomendações para o uso ético e responsável da IAG na prática de pesquisa na graduação de Relações Públicas

Após as interpretações feitas na seção anterior e as leituras atentas de todas as recomendações já elaboradas por algumas Instituições de Educação Superior e resumidas no quadro do Apêndice A, decidiu-se propor algumas recomendações que ajudassem os estudantes de Relações Públicas da UFMA a usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa no processo de aprendizagem da prática de pesquisa. Essas recomendações estão estruturadas em sete conjuntos, conforme figura a seguir.

Figura 7 – Estrutura de recomendações de uso ético e responsável da IAG na prática de pesquisa na graduação de Relações Públicas



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Em uma linguagem clara e objetiva, apresentam-se as seguintes recomendações práticas:

1ª Recomendação: Buscar o Letramento em Inteligência Digital, compreendendo ferramentas de IAG

Recomendações práticas:

- Compreender adequadamente os termos de serviço, as políticas de privacidade e as implicações de segurança.
- Analisar as implicações éticas e legais da Lei Geral de Proteção de Dados vigente no Brasil, antes da utilização
- Não fornecer dados de terceiros, sem o consentimento do mesmo.
- Evitar compartilhar dados pessoais, confidenciais e de propriedade intelectual.
- Compreender os seus limites e vieses dessa ferramenta.

2ª Recomendação: Assumir responsabilidade autoral na prática da pesquisa

Recomendações práticas:

- O discente deve assumir total responsabilidade sobre os conteúdos gerados e publicados, garantindo a originalidade e integridade acadêmica.
- Fazer revisão criteriosa de todos os conteúdos gerados por IAG, para a identificação de vieses tendenciosas e fontes não existentes, verificando a credibilidade das informações.
- Colocar em primeiro lugar o ser humano com monitoramento contínuo de todas as fases, deixando as ferramentas de IAG com auxiliares e não coprodutoras de conhecimento.

3ª Recomendação: Primar pela transparência no uso da IAG

Recomendações práticas:

- Fazer uma descrição clara sobre quais partes da pesquisa a IAG foi usada e quais foram editadas e elaboradas pelo discente.
- Declarar o uso de IAG sempre que for usada, seja para revisões, criação de imagens ou edições.
- Não apresentar conteúdo gerado por IAG como se fosse apenas de autoria humana.
- Disponibilizar prompts, resultados, o modelo, versão da ferramenta e a data para quando solicitado pelo professor, ajudando na confiabilidade do trabalho.

4ª Recomendação: Mitigar os riscos de uso da IAG na prática da pesquisa

Recomendações práticas:

- Avaliar criteriosamente todos os resultados, corrigindo distorções e erros.
- Garantir a proteção de dados de acordo com a LGPD.
- A supervisão humana deve estar presente na validação de resultados.

5ª Recomendação: Combater o plágio e manter a originalidade da produção científica com o uso da IAG

Recomendações práticas:

- Não “copiar e colar” sem a devida análise e correção do conteúdo gerado.

- Fazer uma revisão criteriosa e comprovação das citações, livros, artigos e toda e qualquer fonte utilizada, evitando possível plágio e fraude.
- O processo criativo e intelectual é de responsabilidade do discente.
- As ferramentas de IAG podem ser usadas para auxiliar e nunca para substituir o esforço autoral.

6ª Recomendação: Preservar a agência humana e sua autonomia ao usar a IAG

Recomendações práticas:

- A IAG jamais deve substituir o pensamento crítico e o julgamento e a criatividade do discente.
- Os discentes devem manter controle sobre o uso de IAG, assim como os seus resultados e sugestões e decisões, evitando a dependência da ferramenta.
- O discente deve tomar para si toda a responsabilidade legal, moral e ética.
- A ferramenta deve ser usada com apoio e não substituída.

7ª Recomendação: Ser ético e responsável no uso da IAG conforme estas orientações

Recomendações práticas:

- Evitar compartilhar dados sensíveis, confidenciais e de autoria intelectual.
- Usar a ferramenta de forma responsável, com a consciência dos riscos advindos.
- Considerar as consequências sociais, políticas e ambientais dessa tecnologia.
- Usar a ferramenta de forma moderada para não haver perda das habilidades humanas necessárias para a pesquisa.
- Respeitar políticas institucionais e as normas internas da instituição com avaliação contínua e monitoramento.
- Respeitar as legislações nacionais, como a LGPD, por exemplo.
- Aderir a princípios éticos como não discriminação, justiça, equidade, integridade e respeito à dignidade humana.

Sabe-se que todas essas recomendações ficarão datadas em breve pela pressão das atualizações das inteligências artificiais generativas, por isso acredita-se que é mais adequado apresentá-las de forma digital – um guia digital - para que também possam ser atualizadas com mais rapidez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste percurso, a preocupação começou com a relação entre a produção científica e o uso das inteligências artificiais generativas. Então, o contexto empírico onde o problema era discretamente observado foi o Curso de Relações Públicas da UFMA, especificamente na disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01). Lá, o uso de IAGs já se fazia presente, assim como todas as aflições oriundas desse momento atual. Saltou aos olhos a questão ética que envolvia a usabilidade. Está-se falando de *ética descritiva*, ou seja, “conjunto de costumes, hábitos e práticas de um povo” (Marcondes 2008). Mesmo que seja de modo implícito, define o comportamento adequado nesta sociedade sobre o uso de tecnologias.

Diante disto, em uma revisão de literatura nada cômoda, definiram-se os princípios que guiariam o olhar sobre o contexto empírico. Desse conjunto de argumentações e informações, chegou-se ao problema que foi enfrentado dentro das possibilidades de tempo e recursos: quais os principais desafios éticos que preocupam e/ou que são enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem Inteligência Artificial Generativa no momento inicial da sua prática de pesquisa?

Para responder a essa questão, desenhou-se o seguinte objetivo: identificar os desafios éticos percebidos e/ou enfrentados pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa, compreendendo como tais desafios impactam o seu cotidiano acadêmico para, posteriormente, produzir recomendações que os ajudem com esses desafios. A questão que se impunha agora era: como fazer isso?

Com o prazo que existia, capturar percepções só seria possível com uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, com a técnica de grupo focal. E assim foi feito, mesmo com todas as falhas próprias do processo.

As percepções dos estudantes de Relações Públicas da UFMA sobre o uso de IAG na prática da pesquisa e sobre os desafios desse uso que impactam o seu cotidiano acadêmico, da disciplina já citada, levaram este trabalho às seguintes conclusões: a) que os estudantes de Relações Públicas da UFMA têm uma preocupação tardia com o letramento de inteligência digital; b) que os estudantes de Relações Públicas da UFMA precisam compreender que o pesquisador deve assumir a responsabilidade total pelo uso de IAGs para melhoria de sua pesquisa; c) que os estudantes de Relações Públicas da UFMA precisam ser orientados por regras claras para que haja transparência no uso que fazem da IAG; d) que os estudantes de Relações

Públicas da UFMA precisam mitigar riscos ao usarem ferramentas de IAG a partir da consciência desses riscos; e) que os estudantes de Relações Públicas da UFMA precisam combater o plágio ao usarem as IAGs, pois este combate é um comportamento moral indispensável no mundo acadêmico; f) que os estudantes de Relações Públicas da UFMA precisam mater suas habilidades de análise, de síntese e de discussão dos resultados de pesquisa, pois faz parte da sua autonomia humana, portanto intransferível às IAGs; e g) que o uso ético e responsável de IAGs na pesquisa pelos estudantes de Relações Públicas da UFMA também depende de orientações institucionais. Além do resultado da pesquisa exploratória sobre a realidade local da área de ensino de Relações Públicas, este trabalho também contribui com sete recomendações práticas sobre o uso ético e responsável das IAGs para a pesquisa científica no ambiente da graduação.

Recomenda-se para as pesquisas futuras trabalhar com turmas distintas, com uma maior quantidade de estudantes, além disso, seria interessante ouvir os professores do curso para analisar as suas percepções, fazendo uma análise de maior alcance e, consequentemente, com dados ainda mais interessantes sobre o tema.

Sugere-se, ainda, que pesquisas futuras aprofundem a discussão sobre o uso ético da inteligência artificial generativa em diferentes aspectos acadêmicos como, por exemplo, a necessidade de recomendações institucionais que orientem discentes e docentes no uso da IAG na instituição.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC). *Recomendações para o avanço da inteligência artificial no Brasil: GT-IA da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2023. Disponível em: <https://www.abc.org.br/wp-content/uploads/2023/11/recomendacoes-para-o-avanco-da-inteligencia-artificial-no-brasil-abc-novembro-2023-GT-IA.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2026.
- ATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.
- BARBOUR, R. S.; KITZINGER, J. *Developing focus group research*. London: Sage, 1999. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CONSECTI. MEC abre consulta sobre uso da inteligência artificial nas escolas e universidades. *Consecti*, 13 out. 2025. Disponível em: <https://consecti.org.br/mec-abre-consulta-sobre-uso-da-inteligencia-artificial-nas-escolas-e-universidades/>. Acesso em: 20 out. 2025.
- COSTA, Anna Helena Reali et al. Trajetória acadêmica da Inteligência Artificial no Brasil. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência Artificial: avanços e tendências*. [Local de publicação não informado]: [Editora não informada], [ano não informado].
- CLARIVATE; CAPES; CNPq. *Panorama das mudanças da pesquisa no Brasil*. São Paulo: Clarivate, 2024. Disponível em: <https://img06.en25.com/Web/ClarivateAnalytics/%7Bf24f33e5-72f1-4c3d-ac1d-4594feae46d3%7D-CLARIVATE-REPORT-BRAZIL.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.
- COSTA, Anna Helena Reali et al. Dos primórdios até os tempos atuais. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência Artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Edgard Blücher, 2021.
- CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAI CIMATEC. *Guia para uso de IA Generativa no Centro Universitário SENAI CIMATEC*. Salvador: SENAI CIMATEC, fev. 2024. Disponível em: <https://universidadesenaicimatec.edu.br/wp-content/uploads/2024/03/GUIA-DE-IA-NA-EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.
- CABRAL, Romilson Marques; CARVALHO, Rafael Rodrigues. *Um guia introdutório para o uso de ferramentas de inteligência artificial (IAs) na elaboração de projetos e dissertações de mestrado*. PROFIAP, abr. 2025. Disponível em: <https://profiap.org.br/um-guia-introdutorio-para-o-uso-de/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- FÓRUM DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, SOCIAIS APLICADAS, LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES – FCHSSALLA. *Diretrizes para a ética na pesquisa e a integridade científica*. Brasília: FCHSSALLA, 2024. Disponível em: https://compos.org.br/wp-content/uploads/2024/03/DIRETRIZES-DE-ETICA-05_03_24-2.pdf. Acesso em: 10 nov. 2025.
- GORZONI, Paula. *Inteligência Artificial: riscos para direitos humanos e possíveis ações*. Disponível em: <https://itsrio.org/wp-content/uploads/2019/03/Paula-Gorzoni.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- GIL, A.C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, SP: Atlas, 2007.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005. (Série Pesquisa em Educação, v. 10).
- IBM. *O que é viés algorítmico?* 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/algorithmic-bias>. Acesso em: 7 fev. 2025.

IP NEWS. Um terço dos brasileiros ignora termos de uso de apps porque não quer perder tempo. *IP News*, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://ipnews.com.br/um-terco-dos-brasileiros-ignora-termos-de-uso-de-apps-porque-nao-quer-perder-tempo/>. Acesso em: 9 out. 2025.

KITZINGER, Jenny. Qualitative research. Introducing focus groups. *BMJ*, v. 311, p. 299–302, 29 jul. 1995. DOI:10.1136/bmj.311.7000.299.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997. ISBN 0761903429.

MARCONDES, D. *Textos básicos de ética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MENDES, Rafael Pereira da Silva. O que é moral? *Brasil Escola*, 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-moral.htm>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MEC abre consulta sobre uso da inteligência artificial nas escolas e universidades. Consecti, [s.d.]. Disponível em: <https://consecti.org.br/mec-abre-consulta-sobre-uso-da-inteligencia-artificial-nas-escolas-e-universidades-2/>. Acesso em: 22 out. 2025.

MIGALHAS. Viés algorítmico e discriminação: como os algoritmos de IA podem perpetuar e amplificar vieses sociais. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/415125/vies-algoritmico-e-discriminacao-ia-pode-amplificar-vieses-sociais>. Acesso em: 30 jan. 2025.

POOLE, David L.; MACKWORTH, Alan K. *Artificial Intelligence: Foundations of Computational Agents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. ISBN 978-1107195394.

REDAÇÃO IMASTERS. Um terço dos brasileiros confessa ignorar termos de uso de apps porque não quer perder tempo. *iMasters*, 27 fev. 2025. Disponível em: <https://imasters.com.br/noticia/um-terco-dos-brasileiros-confessa-ignorar-termos-de-uso-de-apps-porque-nao-quer-perder-tempo>. Acesso em: 7 out. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Por que é imprescindível um manual ético para a Inteligência Artificial Generativa? *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, São Paulo, n. 28, p. 7-24, 2023. DOI: 10.23925/1984-3585.2023i28p7-24. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teccogs/article/view/67064>. Acesso em: 20 out. 2025.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; SABBATINI, Marcelo; LIMONGI, Ricardo. *Diretrizes para o uso ético e responsável da Inteligência Artificial Generativa: um guia prático para pesquisadores*. São Paulo: Editora Intercom, 2024. Disponível em: <https://prpg.unicamp.br/wp-content/uploads/sites/10/2025/01/livro-diretrizes-ia-1.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SIMÕES, Roberto Porto. *Relações públicas: função política*. 7. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1995. ISBN 978-8532304803

TERRA, Carolina Frazon; RAPOSO, João Francisco. *Tópicos avançados em comunicação: para entender as relações públicas e a comunicação contemporâneas: reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2025. ISBN 978-6556755052.

TOKARNIA, Mariana. Sete a cada dez estudantes usam IA na rotina de estudos. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 06 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-08/sete-cada-dez-estudantes-usam-ia-na-rotina-de-estudos>. Acesso em: 02 nov. 2025.

TAILLE, Yves de. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

UNESCO. *AI competency framework for teachers*. Paris: UNESCO, 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/ai-competency-framework-teachers>. Acesso em: 22 out. 2025.

UNICEP. A ética na pesquisa acadêmica: qual o cenário hoje? São Carlos, 17 jan. [ano não informado]. Disponível em: <https://www.unicep.edu.br/post/a-%C3%A9tica-na-pesquisa-acad%C3%AAmica-qual-o-cen%C3%A1rio-hoje>. Acesso em: 23 out. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Comissão Permanente de IA. *Recomendações*. Belo Horizonte: UFMG, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/ia/recomendacoes/>. Acesso em: 9 out. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO). *Diretrizes para uso de inteligência artificial generativa (IAG) na pesquisa, pós-graduação, iniciação científica e tecnológica*. Guarapuava: PROPEP - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, jul. 2025. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/propesp/wp-content/uploads/sites/99/2025/07/DIRETRIZES-IAG-PESQUISA-final.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Recomendações para o uso de ferramentas de inteligência artificial nas atividades acadêmicas na UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, set. 2024. Disponível em: <https://www.ufmg-hml.dti.ufmg.br/ia/wp-content/uploads/2024/09/Uso-de-Ferramentas-de-IA-na-UFMG.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Guia para uso ético e responsável da inteligência artificial generativa na Universidade Federal da Bahia*. Salvador: UFBA, abr. 2025. Elaboração: Adriano de Lemos Alves Peixoto, Bárbara Coelho Neves, Márcia Tereza Rebouças Rangel, Marco Aurélio de Castro Júnior, Paola Barreto Leblanc, Tatiane Nogueira Rios e Vaninha Vieira dos Santos. Disponível em: https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/guia_para_uso_etico_e_responsavel_da_inteligencia_artificial_generativa_na_universidade_federal_da_bahia.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

UNESP — UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. *Resolução UNESP nº 13, de 22 de abril de 2025: dispõe sobre a utilização da Inteligência Artificial na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e dá outras providências*. Diário Oficial do Estado de São Paulo, 16 maio 2025. Disponível em: <https://app.unesp.br/colegiados/publico/agenda.anexo.action?id=189576&key=dc519e3ce55ceeeefa6640150873ca4c>. Acesso em: 15 set. 2025.

VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Orientações de universidades brasileiras sobre o uso de Inteligência Artificial Generativa (IAG) em pesquisas

UNIVERSIDADE/ INSTITUIÇÃO	DOCUMENTOS	JUSTIFICATIVA	PRINCÍPIOS GERAIS	RISCOS DO USO DESCUIDADO DAS IAGs	DIRETRIZES PRÁTICAS e SEUS CUIDADOS
1. INTERCOM/ UNICAMP	Livro: SAMPAIO, R. C.; SABBATINI, M.; LIMONGI, R. <i>Diretrizes para o uso ético e responsável da inteligência artificial generativa: um guia prático para pesquisadores</i> . São Paulo: Intercom, 2024.	Diante dos desafios e preocupações que o uso da Inteligência Artificial Generativa (IAG) tem colocado para a comunidade científica, em termos de integridade acadêmica, originalidade e autoria, privacidade, entre outros, visamos orientar pesquisadores de todos os campos do conhecimento sobre o uso ético e responsável dessas tecnologias." (p. 10)	I. Compreensão das ferramentas de IAG; II. Autoria humana; III. Transparência IV. Integridade da pesquisa acadêmica; V. Plágio, originalidade e direitos autorais; VI. Preservação da agência humana; VII. Uso eticamente orientado; e VIII. Letramento em IA para Pesquisadores	a) infringir direitos autorais e, inclusive, caracterizar plágio. b) experiências de aprendizagem incompletas c) Desinformação d) Discriminação e) Danos a privacidade f) perda da qualidade dos trabalhos acadêmicos. g) perda de habilidades necessárias para a pesquisa.	1 – Exploração inicial de ideias; 2 – Busca de materiais acadêmicos; 3 – Leitura e resumo de materiais Acadêmicos; 4 – Escrita; 5 – Análise e apresentação de Resultados; 6 – Programação; 7 – Transcrição; 8 – Tradução; 9 – Pareceres e avaliações; 10 – Seleção; 11 – Agentes de IA; e 12 – Detecção de IA Generativa.
2. UFMG	Recomendações para o Uso de Ferramentas de Inteligência Artificial nas Atividades Acadêmicas na UFMG chrome-extension://efaidnbmnnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ufmg-hml.dti.ufmg.br/ia/wp-content/uploads/2024/09/Uso-de-Ferramentas-de-IA-na-UFMG.pdf	“Ao se analisar o uso de IA em uma universidade como a UFMG, tendem a vir à tona alguns temores como o risco de plágio e a dificuldade de identificação do mesmo, vieses racistas nas ferramentas e discriminação de grupos vulneráveis. Sem negar a importância dessas questões, entende-se ser restritivo circunscrever o debate somente a riscos, sem atentar para as múltiplas formas como a IA pode impactar positivamente o cotidiano de pesquisa, ensino, extensão e administração de várias maneiras. O domínio das tecnologias de Inteligência Artificial está se tornando cada vez mais importante para impulsionar a inovação no campo da educação e para aprimorar as	I. Transparência II. Privacidade e proteção a dados III. Justiça		1– Enfatizar a necessidade de transparência, explicando detalhadamente como a IA foi usada e refletindo criticamente sobre os riscos inerentes a esse uso, tais como: vieses discriminatório, direitos autorais, privacidade e desinformação. 2– Avaliar com cuidado os resultados produzidos por ferramentas de IA de modo a evitar resultados falsos ou enganosos. 3– Tratar como outras fontes de informação, citando, quando for o caso. 4- Estimular o debate junto a

		práticas de ensino do dia a dia. Por um lado, isso resulta em uma demanda crescente por competências profissionais específicas entre os professores e educadores. Por outro lado, os alunos devem ser preparados com as habilidades digitais necessárias para o futuro do trabalho envolvendo as tecnologias emergentes, como IA e robótica. A Comissão entende que a mera criação de restrições para uso de IA não é um caminho produtivo para discutir o contexto acadêmico em seu atravessamento pelas tecnologias de IA. Tais tecnologias já se encontram em pleno uso em diversas etapas do fazer científico e nas atividades de ensino, fazendo-se necessária uma leitura refinada, sensível, atenta aos efetivos riscos e capaz de projetar estratégias responsáveis, éticas e produtivas de uso da IA. A UFMG tem um papel fundamental de olhar para tais impactos internamente de forma contínua e informada. Ademais, a instituição tem muito a contribuir para um debate mais amplo e crítico, que seja capaz de pensar a utilização da IA em diversos setores da sociedade. Este documento é um primeiro passo para a UFMG avançar no debate público sobre uso de IA em ambientes acadêmicos.” (p. 1 e 2).			publicações internas da UFMG sobre a necessidade de critérios mais claros e coletivos do uso de IA na pesquisa. 5 - Identificar em artigos e relatórios técnicos as etapas do processo de pesquisa realizadas com auxílio de IA.
3. UFBA	Guia para o Uso Ético e Responsável da Inteligência Artificial Generativa na Universidade Federal da Bahia chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/guia_para_uso_etico_e_responsavel_da_inteligencia_artificial_generativa_na_universidade_federal_da_bahia.pdf	(...) Tendo em vista esse cenário, a UFBA entendeu ser importante apresentar à sua comunidade um Guia para o uso ético e responsável da IA generativa na Universidade. Considera-se que o uso ético e responsável é aquele que amplia e potencializa as possibilidades da ação humana e da transformação social, ao mesmo tempo em que oferece meios para reduzir ou eliminar desigualdades, promovendo a inclusão, o	I. Letramento em IA II. Agência e supervisão humana. III. Integridade e responsabilidade. IV. Transparência. V. Avaliação contínua. VI. Privacidade.	Confundir realidade e simulação, produzir e disseminar informações falsas, assim como praticar discriminação contra grupos minoritários ou expressar o ódio se utilizando da hierarquização falaciosa da diferença humana.	1) As diversas unidades universitárias devem incentivar a discussão sobre os possíveis impactos da IA nos seus respectivos campos de domínio e na formação de seus alunos. Ementas e planos de ensino-aprendizagem dos diversos componentes curriculares devem incluir formas de uso e

		respeito aos valores democráticos, à diversidade e o repúdio a toda e qualquer forma de discriminação, fortalecendo o Estado Democrático de Direito e seus fundamentos constitucionais, bem como o respeito às instituições e à legalidade.		discussões éticas sobre a IA generativa. 2) Os planos de ensino devem explicitar se está autorizado ou não o uso de ferramentas de IA, as formas como esse uso pode ser feito pelos estudantes e como esse trabalho será avaliado. 3) Caso o estudante utilize a IA para produzir um texto entregue como produto para avaliação, o docente deve solicitar que tal uso seja explicitamente identificado pelo estudante. Pode solicitar também que seja entregue uma explicação sobre o processo de uso da IA na construção desse produto, incluindo os prompts utilizados, e pode, ainda, incentivar discussões em sala de aula sobre o uso da IA no curso, com reflexões sobre aspectos positivos e negativos do uso destas tecnologias. 4) Caso uma informação produzida por ferramenta de IA seja utilizada em trabalho científico, pode-se tratá-la como uma fonte de informação que pode ser referenciada. Deve-se, no entanto, estimular a definição de critérios objetivos e coletivos quanto ao uso da IA em uma pesquisa. 5) Uma vez que o(a) docente tenha decidido se valer de sistemas de IA na elaboração ou avaliação dos(as)
--	--	--	--	---

					alunos(as) recomenda-se que se explicita o fato para a turma, bem como indique qual(ais) ferramenta(s) utilizou, de que forma e para qual finalidade, quais parâmetros e prompts aplicados, devendo sempre promover criteriosa revisão dos resultados apresentados e dando pleno conhecimento à turma. 6) A tecnologia deve ser usada para apoiar, complementar e potencializar as capacidades humanas, e não para substituí-las indiscriminadamente. As decisões sobre sua implantação na administração universitária devem sempre considerar o impacto sobre os trabalhadores, o acesso e a qualidade do serviço prestado. 7) A adoção de IA deve promover condições de trabalho dignas, evitando sobrecarga e precarização do trabalho. A automação de tarefas deve liberar os profissionais para atividades de maior valor agregado, que exigem julgamento crítico e que permitam o crescimento pessoal e o desenvolvimento de habilidades interpessoais do trabalhador(a). 8) Dado o crescente uso de IA na gestão de dados, é crucial reforçar a importância da segurança cibernética e da
--	--	--	--	--	---

					proteção de dados pessoais. A universidade deve buscar garantir que as tecnologias de IA estejam conforme as legislações sobre privacidade e segurança de dados (como, por exemplo, a Lei Geral de Proteção de Dados-LGPD) deve ser uma prioridade. Algumas orientações práticas: - Use linguagem simples e direta: Escolha palavras que sejam fáceis de entender e evite jargões ou termos ambíguos. - Inclua exemplos: Isso ajuda a esclarecer o que você espera como resposta. - Forneça contexto: Contexto é muito importante para respostas relevantes. - Refine suas perguntas: Não hesite em ajustar suas perguntas com base nas respostas que recebe. - Seja ético: Evite comandos que possam resultar em conteúdos inadequados ou tendenciosos.
4. UNESP	RESOLUÇÃO UNESP Nº 13, DE 22 DE ABRIL DE 2025 Dispõe sobre a utilização da Inteligência Artificial na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) e dá outras providências. chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://a.pp.unesp.br/colegiados/publico/agenda.anexo.action?id=189576Ckey=dc519e3ce55ceeeefa6640150873ca4c	A crescente relevância da Inteligência Artificial (IA) em diversos setores da sociedade, incluindo o educacional; - a necessidade de regulamentar o uso da IA na Unesp, a fim de garantir sua aplicação ética, responsável e transparente, em conformidade com as melhores práticas internacionais e a legislação brasileira, em especial a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) - Lei nº 13.709/2018),	I - ética: a IA deve ser utilizada de forma ética e responsável, respeitando os valores humanos, os direitos fundamentais e a dignidade da pessoa humana, e em consonância com o código de Ética da Unesp; II - honestidade acadêmica: a IA não deve ser utilizada para justificar plágio, fraude ou qualquer outra prática que		I - a IA pode ser usada como ferramenta para apoiar e ampliar as capacidades humanas na execução das tarefas; II - todo resultado proveniente do uso de técnicas ou ferramentas de IA deve ser supervisionado e validado por julgamento humano; III - o uso da IA,

		bem como outras normas vigentes; - a necessidade de proteger os direitos fundamentais, a privacidade e a segurança dos dados, bem como de promover a justiça, a equidade e a não discriminação no desenvolvimento e uso de sistemas de IA; - o potencial da IA como ferramenta inovadora e a importância de promover a sua aplicação para o desenvolvimento da pesquisa, ensino, extensão, gestão e inovação em seus diferentes níveis e dimensões; - a necessidade de promover e intensificar o desenvolvimento de pesquisas na área de IA no âmbito da Unesp, em cooperação com instituições nacionais e internacionais; - o potencial da IA para apoiar o compromisso da Unesp com a construção de um futuro mais sustentável, inclusivo e ético, -	viole a honestidade acadêmica, devendo ser utilizada para promover a originalidade, a integridade e a autoria na produção do conhecimento; III - responsabilidade: os usuários são responsáveis pelas decisões tomadas pelos sistemas de IA; IV - justiça e equidade: a IA deve ser utilizada de forma justa e equitativa, evitando vieses e discriminações, com atenção especial à representatividade dos dados utilizados para o treinamento dos sistemas e à avaliação dos impactos da IA em diferentes grupos sociais; V - soberania humana: a IA deve respeitar a soberania humana, garantindo que as pessoas tenham controle sobre suas decisões e que a IA seja utilizada para complementar, e não substituir, a capacidade humana de tomada de decisão.		quando impactar significativamente a determinação da autoria e criação de produção intelectual e acadêmica, deve ser comunicado publicamente, podendo a não observância desse inciso eventualmente ser considerado plágio; IV - o uso da IA deve ter como base a garantia de que não prejudicará qualquer direito fundamental, tomando-se precauções para minimizar riscos de qualquer natureza para a instituição, para seus membros e para a sociedade; V - a utilização da IA deve ser precedido por uma avaliação dos riscos e seus possíveis impactos, conforme o Artigo 5º desta Resolução; VI - a utilização da IA deve considerar os impactos sociais e ambientais, buscando minimizar o consumo de energia e recursos naturais, e adotar práticas de desenvolvimento sustentável, sempre que possível, sem comprometer a qualidade e a viabilidade da pesquisa em IA;
--	--	--	--	--	--

5. UFDPAr	RESOLUÇÃO CONSUNI N° 157 DE 23 DE ABRIL DE 2025 Dispõe sobre a Política do Uso de Inteligência Artificial no âmbito da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr). chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ufdpar.edu.br/ufdpar/RESOLUCONSUNIN157DE23DEABRILDE2025.pdf	- a necessidade de regulamentar a forma de gerir os projetos de Inteligência Artificial na UFDPAr; - a necessidade de aplicação de boas práticas no uso da Inteligência Artificial no âmbito acadêmico da UFDPAr; - o Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA) 2024-2028, lançado durante a 59 Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação - as Diretrizes da UNESCO sobre Ética em Inteligência Artificial; - a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) - Lei N° 13.709/2018; - o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR) da União Europeia; - as Diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (CNS)	I - centralidade da pessoa humana: o desenvolvimento da IA deve ser controlado pelo homem e centrado nas pessoas; II - legalidade: o uso de IA no âmbito da UFDPAr deve obedecer às leis brasileiras vigentes; III - ética: garantir que o desenvolvimento e a aplicação da IA respeitem os princípios éticos, incluindo a privacidade, a dignidade da pessoa humana e os direitos fundamentais das pessoas; IV - transparência: as aplicações de IA devem ser transparentes, permitindo a compreensão de seus funcionamentos e a rastreabilidade das decisões automatizadas; V - inclusão: a IA deve ser desenvolvida e utilizada para promover a inclusão e evitar discriminação, preconceitos ou impactos negativos sobre grupos vulneráveis; VI - sustentabilidade: o uso da IA deve ser ambientalmente responsável, buscando minimizar impactos negativos sobre o meio ambiente; VII - segurança: garantir que as aplicações de IA sejam seguras, evitando risco à integridade física, mental e digital dos indivíduos VIII - responsabilidade: as partes envolvidas no desenvolvimento e		I - suportar o processo de ensino-aprendizagem, sem substituir o papel central da relação professor-aluno; II - promover a personalização do ensino, respeitando as particularidades de cada estudante; III - ser acompanhado de medidas para evitar o viés algorítmico de discriminação; IV - estar conforme a ética acadêmica, prevenindo o plágio e outras formas de má conduta; V - capacitar os estudantes e docentes para o uso consciente e crítico das ferramentas de IA; VI - complementar e potencializar o aprendizado; VII - permitir que, facilmente, todos consigam realizar pesquisas, criar conteúdo, encontrar respostas para problemas diversos, independente da formação profissional ou conhecimento técnico; VIII - ter prática responsável, com utilização segura e 100% de transparência; e IX - manter a privacidade, segurança, inclusão, responsabilização e imparcialidade. Art. 9° Os docentes devem informar aos estudantes sobre o uso de IA
-----------	---	--	--	--	---

			na aplicação da IA devem ser responsáveis por seus usos e impactos; IX - não-discriminação: a IA deve ser utilizada de maneira a prevenir práticas discriminatórias e promover a equidade em todas as atividades institucionais acadêmicas e administrativas; X - privacidade e proteção de dados pessoais: a utilização de IA deve observar rigorosamente a legislação vigente sobre proteção de dados pessoais; XI - respeito aos direitos humanos: o uso da IA deve ser compatível com a promoção e proteção dos direitos humanos, a dignidade da pessoa humana e a liberdade individual; XII - verificabilidade e replicabilidade: prevê vários mecanismos intimamente relacionados para garantir que os sistemas de IA estejam funcionando como deveriam; XIII - avaliações de impacto: abrange tanto solicitações específicas para avaliações de impacto sobre direitos humanos, quanto chamadas mais gerais para a identificação antecipada, prevenção e mitigação de impactos negativos da tecnologia de IA; XIV - responsabilidade ambiental: a IA, como parte do nosso futuro humano, interagirá		em sala de aula, garantindo a transparência sobre as ferramentas utilizadas. Art. 10. A comunidade acadêmica na UFDPAr pode usar livremente ferramentas de IA consideradas de baixo risco (correção de conteúdo, coletar e processar dados, correção gramatical, tradução, transcrição de áudio para texto, dentre outras).
--	--	--	---	--	---

			necessariamente com preocupações ambientais e os que implementam a tecnologia de IA devem ser responsáveis por seus impactos ecológicos; XV - requisitos de avaliação e auditoria: importância não apenas de construir tecnologias que sejam passíveis de auditoria, mas também de usar os aprendizados das avaliações para retroalimentar o sistema e garantir que ele seja continuamente aprimorado; XVI - capacidade de apelação: refere-se à possibilidade de que um indivíduo que é o alvo de uma decisão tomada por uma IA possa contestar essa decisão; XVII - responsabilidade e responsabilidade legal: necessário garantir que os indivíduos ou entidades responsáveis pelos danos causados sejam devidamente responsabilizados; XVIII - previsibilidade: mecanismo chave para garantir que os sistemas de IA não tenham sido comprometidos por atores externos; XIX - explicabilidade: conceitos técnicos e resultados de decisões em formatos inteligíveis e compreensíveis, adequados para avaliação; XX - dados e algoritmos de código aberto: desenvolvimento de algoritmos comuns da pesquisa com		
--	--	--	--	--	--

			colaborações abertas para apoiar o avanço da tecnologia; XXI - direito à informação: direito dos indivíduos de saberem sobre vários aspectos do uso e da interação com sistemas de IA; XXII - relatórios regulares: as organizações que implementam sistemas de IA devem divulgar sistematicamente informações importantes sobre seu uso; XXIII - não-discriminação e prevenção de viés: articula que o viés na IA seja nos dados de treinamento, nas escolhas de design técnico ou na implementação da tecnologia e deve ser mitigado para prevenir impactos discriminatórios; XXIV - inclusividade: a IA ética e respeitadora dos direitos requer uma participação mais diversa no processo de desenvolvimento dos sistemas de IA; XXV - revisão humana de decisões automatizadas: quando sistemas de IA são implementados, as pessoas sujeitas às suas decisões devem ter a possibilidade de solicitar e receber uma revisão humana dessas decisões; XXVI - precisão: confiança e capacidade da IA para classificar corretamente as informações nas categorias corretas ou sua capacidade de fazer previsões, recomendações ou decisões corretas		
--	--	--	--	--	--

			com base em dados, ou modelos; XXVII - consideração dos efeitos a longo prazo: atenção deliberada aos impactos prováveis, especialmente aos impactos futuros distantes, de uma tecnologia de IA durante o processo de design e implementação; XXVIII - valores humanos e prosperidade humana: desenvolvimento e uso de IA com referência às normas sociais predominantes, crenças culturais e melhores interesses da humanidade; e XXIX - acesso à tecnologia: ampla disponibilidade de tecnologia de IA e os benefícios dela decorrente são elementos vitais para uma IA ética e respeitosa aos direitos do cid		
--	--	--	--	--	--

6. UFRPE	UM GUIA INTRODUTÓRIO PARA O USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IAS) NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS E DISSERTAÇÕES DE MESTRADO https://profiap.org.br/um-guia-introdutorio-para-o-uso-de/	Pesquisas realizadas com a comunidade científica de várias partes do mundo e nas diferentes áreas de conhecimento, revelam as grandes possibilidades para o uso das IAs, ao tempo em que não deixam de ressaltar os possíveis desvios, incongruências, e a necessidade de transparência quanto ao seu uso.		Essas ferramentas devem ser utilizadas com cautela, especialmente porque podem gerar referências fictícias ou conteúdo fora do escopo científico necessário. (CAMPOS, 2024 p. 7).	
7. UNICENTRO	DIRETRIZES PARA O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GERATIVA EM PESQUISA NA UNICENTRO chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www3.unicentro.br/propesp/wp-content/uploads/sites/99/2025/07/DIRETRIZES-IAG-PESQUISA-final.pdf	A Propesp reconhece que as ferramentas de Inteligência Artificial Gerativa (IAG) representam uma tecnologia que pode trazer avanços significativos para o desenvolvimento científico, e ressalta a importância que sua utilização seja orientada por princípios como independência do usuário diante da ferramenta, responsabilidade, ética, reflexão crítica e integridade, envolvendo professores, estudantes e colaboradores de maneira consciente. Seguindo recomendações do “Plano de Diretrizes de Inteligência Artificial na Administração Pública Estadual”, publicado pelo Governo do Estado do Paraná, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação (PROPESP) desenvolveu este documento.	I - Transparência - às políticas das ferramentas de IAG devem estar disponíveis para os usuários, além de serem claras e compreensíveis; II - Rastreabilidade - as fontes utilizadas para geração de conteúdos devem ser informadas pela ferramenta; III - Inclusão - a inclusão social e tecnológica deve ser permitida pela ferramenta, que não deve ser motivo de exclusão; IV - Não-discriminação - os sistemas e ferramentas de IAG devem ter políticas e mecanismos que inibam a geração, promoção e replicação de conteúdos com vieses que gerem ou potencializem qualquer forma de discriminação; V - Segurança e Privacidade - esses sistemas devem ser usados de forma a respeitar a privacidade dos usuários e a segurança cibernética da Instituição. I - Responsabilidade - a responsabilidade sobre os conteúdos gerados e publicados		a) Uso de IAG na exploração inicial de ideias de pesquisa: 1- Focar na qualidade dos dados e prompts fornecidos à ferramenta de IAG. 2- Considerar que podem haver limitações e distorções nos resultados apresentados pela ferramenta de IAG, buscando discernir informações importantes de conteúdo superficial gerado como resposta. 3- Priorizar o uso de fontes tradicionais, complementando com a análise do próprio pesquisador. 4- Utilizar a IAG para complementar o pensamento crítico, não para o substituir. b) Uso de IAG na busca de materiais acadêmicos. - Utilizar ferramentas acadêmicas de IAG especializadas, refinando as buscas, por meio do uso consciente da ferramenta.

			é exclusiva do usuário; II - Centralidade do Ser Humano - os sistemas de IAG devem ser usados como apoio ao desenvolvimento cognitivo e social, à formação integral dos cidadãos e profissionais, colaborando para a imprescindibilidade do ser humano.		- Verificar sempre a qualidade das fontes das informações, combinando com indexadores tradicionais, como SciELO, Scopus, Web of Science, entre outros. c) Uso de IAG na leitura e resumo de materiais acadêmicos - Evitar compartilhar na ferramenta de IAG materiais inéditos ou sensíveis sob algum aspecto. - Validar sempre as informações presentes nos resumos e sínteses retornados pela ferramenta de IAG. - Manter como passo essencial a leitura completa dos materiais acadêmicos. e) IAG na análise e apresentação de resultados acadêmicos. - Evitar compartilhar na ferramenta de IAG dados sensíveis de participantes da pesquisa. - Certificar as informações apresentadas pela IAG usando métodos tradicionais, corrigindo, se necessário, as “alucinações”. - Refletir sobre transparência e replicabilidade dos resultados apresentados pela IAG g) Uso de IAG na transcrição de áudio e vídeo.
--	--	--	---	--	---

					- Não utilizar dados sensíveis e garantir privacidade dos dados dos participantes, especialmente voz (dado biométrico) - Verificar a precisão das transcrições retornadas pela IAG, especialmente quando se tratar de gravações complexas com múltiplos falantes. - Considerar elementos não-verbais importantes presentes em áudios e vídeos. h) Tradução - Revisar cuidadosamente a tradução gerada pela IAG. - Buscar precisão e contextualização na tradução gerada. - Evitar traduções literais. i) Pareceres e avaliações - Não utilizar a ferramenta de IAG para dados inéditos e sensíveis. - Utilizar preferencialmente como pré-avaliação, no sentido de apoio. - Seguir diretrizes aplicáveis.
8. Guia para uso de IA Generativa no Centro Universitário SENAI CIMATEC	Disponível em: https://universidadeseaiaicimatec.edu.br/wp-content/uploads/2024/03/Guia-DE-IA-NA-EDUCACAO.pdf		- Transparência - Centralidade na Pessoa Humana - Preservação de dados sigilosos:		- Professores e pesquisadores devem explorar o potencial da inteligência artificial e estimular o seu uso, porém, de forma ética e responsável, em atendimento às regras aplicáveis a

					cada situação e aos princípios estabelecidos em 4.1. O uso da IA em pesquisas e trabalhos acadêmicos deve ser acordado pelo estudante com o professor/orientador, mantendo-se registro das autorizações de uso. • O uso da IA deve estar adequado às competências que se quer desenvolver e que o aluno precisa demonstrar. Desta forma, o professor deve definir no planejamento das aulas e avaliações quais usos de ferramentas de IA são ou não são permitidos aos estudantes. • A autoria dos trabalhos deve estar creditada sempre às pessoas e não à IA, visto que o trabalho deve ser escrito pelo autor, podendo à IA ser utilizada para pesquisa e ajustes na escrita. • Os comandos utilizados (prompt) e o material original gerado com o uso de IA Generativa devem ser anexados aos trabalhos ou referenciados como material suplementar. • Deve-se primar pela transparência, descrevendo no método do trabalho acadêmico quais, como e para que as ferramentas de IA foram utilizadas na pesquisa. • Dados sigilosos de pesquisa, assim
--	--	--	--	--	---

					como dados sensíveis de participantes das pesquisas ou de clientes não podem ser inseridos em ferramentas de IA, a menos que explicitamente autorizados. • Professores e pesquisadores precisam estar atentos e cumprir a determinação de clientes, quando trabalhando em contratos com empresas, quanto à possibilidade ou não de uso da IA na pesquisa ou trabalho acadêmico.
--	--	--	--	--	--

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante

Sou aluna do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão. Estou realizando uma coleta de dados para a minha monografia: Relações Públicas no contexto da Inteligência Artificial Generativa: desafios éticos enfrentados pela profissão.

A sua participação consistirá em integrar um grupo focal com duração de 1 hora, onde irá se discutir experiências, percepções e opiniões sobre os desafios éticos e morais enfrentados pelos alunos de Relações Públicas da UFMA ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa, compreendendo como tais desafios impactam no cotidiano acadêmico e profissional. O seu nome será mantido em sigilo e receberá um código para análise dos dados. A participação nesta pesquisa é voluntária, caso queira decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

A conversa será gravada em áudio para análise posterior pela pesquisadora. Na publicação de resultados nesta pesquisa, a sua identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Participando da pesquisa, você contribuirá para definir os indicadores de inovação à luz das perspectivas da Comunicação e Informação e do Desenvolvimento Econômico e para a produção de conhecimento científico no Maranhão.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora do projeto, Ester Martins de Araújo, via e-mail araujoestermartins@gmsil.com e pelo celular/whatsapp (98) 98356-7869.

Assinatura: _____

Data: / /

APÊNDICE C- Termo de Autorização de Imagem e Depoimento***TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO***

Eu _____, CPF _____
_____, RG _____, AUTORIZO o uso da minha imagem/voz
coletados durante o grupo focal para fins exclusivamente acadêmicos, contribuindo para o
trabalho de conclusão do curso e publicações científicas que possam surgir a partir da pesquisa.
O grupo focal será conduzido pela ESTER MARTINS DE ARAÚJO, estudante do Curso de
Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

_____, _____ de _____ de 2025

Proprietário da imagem cedida

Ester Martins de Araújo

APÊNDICE D - Grupo Focal 1

Para registrar as percepções dos estudantes de Relações Públicas da UFMA sobre os desafios ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa e o impacto desses desafios em sua vida acadêmica, utilizou-se a técnica de grupo focal em dois grupos de estudantes de Relações Públicas que estavam cursando regularmente a disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01) no curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O objetivo foi compreender suas interações e experiências com a inteligência artificial generativa e os desafios éticos envolvidos. Este é o primeiro grupo composto por quatro estudantes (RP 01, RP 02, RP 03 e RP 04).

Para elaborar os nove temas para discussão no grupo focal, partiu-se dos seguintes princípios para o uso responsável de IAGs na prática da pesquisa: 1º) compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG, 2º) autoria humana, 3º) transparência no uso de IAG, 4º) integridade da pesquisa acadêmica, 5º) combate ao plágio, originalidade e direitos autorais, 6º) preservação da agência humana e 7º) uso eticamente orientado. Desses princípios nasceram os seguintes temas:

- CONHECIMENTO SOBRE OS TERMOS DE SERVIÇO E POLÍTICA DE PRIVACIDADE DAS IAGs;
- LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS;
- NECESSIDADE DE HABILIDADES PARA O USO CRÍTICO E EFICAZ DAS FERRAMENTAS DE IAGs;
- RESPONSABILIDADE PELOS CONTEÚDOS GERADOS PELA IAG;
- CARREGAMENTO DE TRABALHOS DE PESQUISA NAS IAGs;
- IAG COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR NO APRENDIZADO;
- DISPONIBILIZAÇÃO DE PROMPTS E RESULTADOS DA PESQUISA PARA IAGs;
- O USO DA IAG PARA PRODUÇÃO DE CITAÇÕES EM TRABALHOS; e
- REPRODUÇÃO DE IDEIAS DE OUTREM FEITA PELA IAG.

Esses nove temas foram pensados para a realidade vivenciada pelos estudantes e foram sorteados no momento do grupo focal. Segue a descrição das falas do grupo focal 1.

MODERADORA: Boa tarde! Meu nome é Ester Martins. Sou graduanda de Relações Públicas. Hoje a gente vai fazer um grupo focal para discutirmos os desafios éticos e morais enfrentados por vocês ao utilizarem IAGs no ambiente acadêmico.

Não existe um pensamento certo ou errado; vocês são livres para falar se vocês sabem; vocês falam; se vocês não conhecem, não têm o domínio; não sei; nunca pesquisei; não tem problema nenhum. Vocês podem discordar do pensamento do colega ao lado também; não tem problema nenhum. Mas eu só peço que, caso discordem, esperem o colega terminar de falar, para ele poder finalizar o pensamento dele, logo após você falar.

E eu também peço que vocês usem os códigos RP 01, RP 02, RP 03 e RP 04 para não expor o nome do colega, tá? Porque eu não vou identificar vocês na pesquisa, vai ser tudo por codificação. Vocês já assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A nossa sessão está sendo gravada e filmada.

Na monografia eu não vou expor a filmagem só para o uso meu mesmo, na hora de interpretar os dados e a gravação também. Então ninguém além de mim vai ter acesso a esses dados. Não vou divulgar fotos de vocês; não vou divulgar nada; tudo vai ser por codificação, tá bom?

Então eu vou pedir que vocês sorteiem um tema. Alguém quer começar? Podem sortear um papelzinho aqui e a gente vai discutir em cima desse tema. Na verdade, vocês vão discutir a partir dele.

1º tema sorteado: IAG COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR NO APRENDIZADO

RP 04: A IAG é muito útil. Eu faço uso de IAG com material complementar para o estudo. Quando eu preciso sintetizar um livro e estou com pouco tempo para alguma atividade, eu recorro à IA para me dar uma sinopse, pegar, fazer e assim consigo ter êxito no meu trabalho. Então, para mim, ajuda bastante, até no trabalho também.

MODERADORA: Alguém mais?

RP 02: Compartilho o mesmo pensamento e eu utilizo tanto no trabalho quanto na UFMA. Em relação à bastante coisa, eu acho que ela dá um caminho mais fácil, então ao invés de a gente passar horas fazendo uma coisa, a gente consegue minimizar o nosso tempo, aí a gente consegue fazer coisas mais rápidas, então o que levaria horas a gente pode fazer em vinte minutos ou meia hora, então acredito que auxilia sim, no nosso aprendizado.

RP 01: Isso eu faço no Google mesmo. Na primeira pesquisa que aparece, é um texto que surge de algum site; fica um pouco mais rápido na pesquisa. Só isso que uso.

MODERADORA: Alguém mais? Podem sortear o próximo tópico.

2º tema sorteado: CARREGAMENTO DE TRABALHOS DE PESQUISA NAS IAGs

RP 02: Por um lado, é bastante eficaz porque, por exemplo, quando você produz um texto, você quer dizer alguma coisa; você acaba ficando condicionada àquilo que você queria dizer, mas nem sempre aquilo que você conseguiu dizer. Então, aí, nesse sentido, eu uso muito o ChatGPT. Então, aí, nesse sentido, ela me ajuda muito. Porém, essa questão de que o meu pensamento pode ser redistribuído sem o meu conhecimento, às vezes tirado de contexto, às vezes usado de uma forma que não era a minha forma originária de pensamento, é sim uma questão a ser debatida, principalmente se a gente está nesse âmbito de pesquisa. Por exemplo, a questão de mercado é um pouco mais complicada. Fazer isso porque às vezes as atitudes, os posicionamentos, às vezes são sequenciais.

Então, porque uma marca faz, a outra atende, mesmo que coloque um pouquinho ali da sua personalidade, da sua individualidade, às vezes ainda é o mesmo sentido. Mas, por exemplo, do lado da pesquisa propriamente dita, a gente, tanto quanto pesquisadores condicionados, a questão da reprodutibilidade antiética, o famoso plágio, aí acaba ficando entre muitas aspas favorecendo, porque já aconteceram várias vezes de um autor, o autor até existir, mas ele nunca ter dito aquilo. Então, até que ponto a minha pesquisa, o meu estudo, também não vai ser dessa forma?

RP 03: É, concordo com o que RP 02 falou, e até a parte que a professora da disciplina até comentou. Ela comentou isso com a gente em relação de que a gente pode utilizar ferramentas de inteligência artificial para melhorar o nosso aprendizado, como a gente iniciou aqui falando, mas tomando certos cuidados, porque até que ponto está certo ou está errado. Então, tem pessoas que utilizam cegamente. Ah, e aí vamos fazer uma pesquisa.

E aí, lá na pesquisa, ela vai botar várias fontes, vários autores, mas a pessoa não checa. Realmente aquele autor falou isso, ele fez realmente uso daquelas palavras? Então, acho que a gente tem que utilizar e saber utilizar. Não é só colocar qualquer coisa, esperar receber qualquer coisa e botar um Ctrl C e Ctrl V. Acho que a gente precisa ler, analisar, se a gente tiver dúvida, realmente pegar aquele texto, colocar no Google ou... a gente está aprendendo a utilizar a base de dados também, então a gente pode ter outras formas também de saber utilizar. Então, acho que também tem muito disso. E a questão do plágio, a professora da disciplina falou de um caso. Eu não sei se foi, eu não me lembro se foi do mestrado em que uma pessoa perdeu, que na verdade foi doutor, que ela perdeu o título de doutor por usar tanto IA, que o texto dela na verdade era totalmente um plágio. Então, também tem todas essas questões, porque, imagina, você passa muito tempo da sua vida estudando para você perder isso por mau uso. Então, tem esses cuidados também que eu acho.

MODERADORA: Alguém mais? Próximo sorteio.

3º tema sorteado: CONHECIMENTO SOBRE OS TERMOS DE SERVIÇO E POLÍTICA DE PRIVACIDADE DAS IAGs

RP02: Essa é aquela questão que é aquele texto gigante, que ele está minuciosamente ali e ninguém tem vontade de ler, e aí a gente acaba clicando sim, eu concordo, eu aceito os termos, e na verdade a gente nem lê.

Eu, por exemplo, dificilmente vou parar para ler um texto gigante, bem pequenininho, eu só coloco assim, aceito. E aí, eu sei que pode estar dando os meus dados cegamente, mas realmente, eu acredito que nessa questão, não sei se só eu, mas a maioria dos brasileiros não tem esse cuidado de ficar lendo e relendo as mesmas coisas, e aí a gente acaba só aceitando. E aí os nossos dados podem estar aí, e aí eles podem ser vendidos ou simplesmente colocados, e aí a gente nem sabe como esses dados estão sendo utilizados, por empresas, por outras plataformas, então fica muito também dessa questão. Mas eu particularmente, eu tenho conhecimento, mas eu não leio tudo.

RP 03: Eu acho que é muito da linguagem desses termos e serviços não ser de uma forma dinâmica, de uma forma didática. Então, são termos de que a gente às vezes não tem conhecimento; a gente, dentro de uma universidade, às vezes não tem conhecimento. Então imagina uma pessoa leiga, uma pessoa que às vezes não tem aquele ciclo educacional completo. A gente também tem que analisar por esse lado. Às vezes, sim, é uma preguiçinha ali de leitura, porque às vezes são termos extensos, mas também às vezes é uma linguagem que não é acessível a todos os públicos. Então eu creio que isso também é uma forma de encobrir certos tipos de coisa.

É muito mais fácil você falar de uma forma difícil, alguma coisa que seja prejudicial, que é alguma forma para outra pessoa, do que você falar de uma forma fácil, para a pessoa ter consciência do que ela está fazendo e acabar não aceitando. Então, essa questão da dúvida de você, essa questão da dúvida do que eu estou assinando, isso aqui está certo, prejudicaria muito mais e talvez não tivesse esse boom tanto que a gente tem das reais.

RP 01: Eu também não leio. Encontrei algumas matérias falando sobre o assunto. Salvei para ler, mas nunca li.

RP 04: Eu penso que também a urgência de ter aquela coisa, aquele aplicativo, aquele programa, ela acaba falando mais alto quando a gente liga e clica direto. O brasileiro não é tão famoso assim por prestar atenção minuciosamente nas letras miúdas, porque tem essa pressa, essa coisa de logo fazer, logo, e não se importar direito se seus dados estão sendo vendidos ou não, porque não sabe a dimensão do problema que é ter dados vazados até que esses dados realmente vazem. A gente só sabe o tamanho do problema quando passa por uma situação parecida. Quando não, a gente nunca acha que vai acontecer com a gente. Eu nunca acho que, ao aceitar termos de um site duvidoso, vai acontecer comigo de colar meus dados, pegar dados no cartão, fazer compras. Então, a partir do momento em que isso acontece comigo, porque uma vez já aconteceu, eu fiquei mais de olho aberto, então já presto mais atenção, já leio as letras miúdas por medo.

RP 01: Eu também lembrei de um podcast, não sei se encaixou isso aí. Quando a gente cede um CPF nas farmácias, elas pegam nossos dados e têm conhecimento de todos os medicamentos que a gente usa. Pode ser de coisa sexual, de deficiência mental. A gente tem vários valores de dados e não é 100% seguro.

MODERADORA: Próximo sorteio.

4º tema sorteado: **DISPONIBILIZAÇÃO DE PROMPTS E RESULTADOS DA PESQUISA PARA IAGs**

RP 03: Eu creio que a IA dentro do âmbito acadêmico... Eu falo do meio acadêmico porque é onde eu estou me inserindo. E na minha época de ensino médio a gente ainda não tinha, ou se a gente tinha ou desconhecia questões de inteligência artificial.

Porém, a IA dentro do meio acadêmico, embora todos os docentes saibam que os alunos obviamente usam, ainda é uma coisa mal vista. Então, o conhecimento individual é extremamente valorizado aqui.

Então, se eu escrever um parágrafo ruim e pedir para a IA melhorar, é muito mais louvável, de certa forma, que eu apresente esse parágrafo ruim e que, por exemplo, eu tire uma nota mais baixa do que pedir para a IA melhorar e tirar uma nota mais alta. Então, mesmo que toda a ideia central seja desenvolvida por você, todos os argumentos sejam desenvolvidos por você, e a IA somente realoque, construa um texto, uma imagem, por assim dizer, não é bem vista.

Então, eu creio que poucas são as pessoas que, por exemplo, produziram uma imagem pela IA e a colocariam, feita através da inteligência artificial. Em partes, de certa forma, eu até posso vir a concordar, porque o texto daquela imagem foi você que construiu. Obviamente, se nada foi construído por você, aí sim, a gente tem que dar alguns créditos. Mas, se o texto foi construído por você, a argumentação foi construída por você, às vezes até o layout foi construído por você, eu creio que a IA funcionaria como uma forma de organização.

Então, ainda é o seu conhecimento, ainda é o conhecimento humano e ainda é uma ética humana, mas ele é construído por uma IA. É a mesma coisa de fazer, por exemplo, imagem no Canva. A única diferença é que eu vou ter todo um trabalho de encontrar um layout, de onde usar. O Canva não é classificado como inteligência artificial; é um aplicativo de edição. Mas, então, se eu pegar um layout já pronto e só colocar as minhas ideias, não é teoricamente a mesma coisa, porque eu pegar algo, mesmo com o comando, as mesmas ideias, a mesma harmonização, colocar no ChatGPT e entregar a imagem pronta, a única diferença é que o ChatGPT te entrega isso em um minuto.

O Canva, você gasta uma, duas, três horas a mais fazendo a mesma coisa, às vezes, e às vezes pelo chat até, além de ser mais rápido, mais fácil. Porque, dependendo do comando, você até coloca as cores que você quer. Você coloca o layout que você quer.

Então, se você quer uma coisa espaçada, você coloca ali: eu gostaria de uma coisa espaçada em tal lugar; gostaria de uma divisão em tal lugar. Obviamente, erros acontecem, mas ainda são os seus alimentos, ainda são suas ideias e ainda é a sua personalidade ali, mesmo que de uma forma robotizada.

MODERADORA: Então, você não teria problema em disponibilizar os prompts de IAG no fim do artigo?

RP 03: Não. Eu acho que eu não teria mais problema porque eu utilizo muito dessa ideia central de disponibilizar a sua mente para a IAG construir a imagem, não produzir o conhecimento. Como uma ferramenta de organização, de alinhamento e não como uma ferramenta de conhecimento.

RP 04: Eu tenho algo a dizer sobre a fala do RP 03. Eu penso que se eu, como professora, pego um artigo e que tenha lá no finalzinho a visão do feito por inteligência artificial, eu acho que só o seu feito/produzido por ele não dá conta da forma como a IA foi usada. Ela pode ter sido usada desse modo que o RP 03 falou, que é como uma ferramenta mesmo de auxílio para organizar. Ela pode ter sido utilizada fazendo todo o trabalho, construindo todo o texto, que já tem uma diferença muito clara entre o que você faz e o que a IA faz. Então eu acho que seria, sim, muito interessante colocar o seu no final, produzido por IA, imagens principalmente, que já é mais tranquilo de entender, mas principalmente em textos acadêmicos, em produções, ter uma notinha de rodapé, pelo menos explicando, buscando explicar como foi a ideia que foi feita. As palavras, feitas por, organizadas por esses termos que explicam melhor do que só geradas por inteligência artificial, me parece que gerado é todo gerado, e não o que me ajudou a fazer.

MODERADORA: Alguém mais? Podem sortear o próximo.

5º tema sorteado: O USO DA IAG PARA PRODUÇÃO DE CITAÇÕES EM TRABALHOS

RP 02: Acho que até falei no início que muitas pessoas pecam em utilizar IAG por não fazer essa verificação, então eu, por exemplo, geralmente sempre verifico aquilo que está sendo lido porque se eu estou escrevendo um trabalho, fazendo um artigo, eu quero melhorar ele, quero buscar autores que se assemelham com o meu tema, e aí eu não vou ler o que ele está dizendo, se realmente foi ele que disse, seria confiar cegamente. Eu acho que a gente não pode confiar cegamente na IAG, a gente tem que utilizar ela como ferramenta de auxílio, de organização, de trazer novas ideias, mas não deixar que ela faça o trabalho pela gente, porque aí seria até achar demais, até sem ter um senso crítico mesmo, porque nem tudo que ela diga eu posso concordar, pode ter um autor ali que não faz parte daquilo que eu acredito, que eu acho que não se encaixa naquilo que eu estou querendo dizer. Então acho que confiar cegamente na IAG é muito arriscado, principalmente no meio acadêmico em que a gente está, e a gente que está fazendo a disciplina de elaboração de TCC, a gente tem que ter esse cuidado, porque, é claro, o professor que está lendo vai ter essa dimensão, né?

Então o professor vai ter essa dimensão daquilo que a gente está escrevendo, então ele consegue perceber se aquilo foi realmente feito por mim, aluno ou por IAG, então se a gente não faz essas verificações, a gente peca, a gente acaba errando, querendo a gente acabar tendo que reescrever aquilo, porque está errado, então vai ser um trabalho dobrado, então eu prefiro checar para ver se está ok, do que ter o trabalho dobrado depois, entendeu? Ter que me preocupar e ter que refazer tudo o que eu poderia ter feito antes, eu penso assim.

RP 03: Eu creio que a gente volta para aquela conversa inicial de IA usar os dados, por exemplo, carregar um artigo na IA, e ela se valer dele depois para alguém com a mesma temática.

Nem sempre aquele artigo é um referencial teórico passível, então, por exemplo, eu, eu enquanto estudante de graduação, estou aqui escrevendo um artigo para uma disciplina, para somente avaliação, não para tentar publicar, não sei que a professora também não vai querer publicar, mas só vou escrever qualquer parte da minha nota, e aí eu vou lá e peço o CHAT: revisa esse texto para mim, por favor. Ele vai lá, ok, revisou o texto perfeito, apresentei, dois, três anos, outra pessoa vai lá, eu queria falar sobre essa temática, e aí cai uma citação minha, não tenho doutorado, não tenho mestrado, a pessoa nem vai saber se eu terminei uma graduação, mas vai ter lá de acordo com o sobrenome, ano 2025, tal, tal, tal, então que tipo de referencial teórico adotado seria? Porque quando a gente vai fazer um estudo, a gente precisa de referenciais teóricos eficazes, comprovados, de renome, a gente não coloca um referencial teórico de uma pessoa que tem um nível ali parecido com o seu, ou que nunca estudou profundamente o nosso, e eu creio que seja a partir desse pressuposto, então a questão de citações, de textos, eu volto a bater no teclado de que a gente pode sim melhorar nosso texto através da Inteligência Artificial, principalmente aprimorando por linguagens, então às vezes eu não tenho uma linguagem tão acadêmica assim, reforçada, mas o meu texto é bom, mas eu preciso de uma linguagem acadêmica, porque é necessário, e aí a IAG te traz isso, mas pedir para a IAG escrever do zero, sem você checar, sem você ler, sem você humanizar aquilo, eu acho que ainda é um passo que a gente não está disposto a dar, e também acho que não é um passo que a IAG consegue dar ainda.

MODERADORA: Alguém mais? Podem sortear.

6º tema sorteado: RESPONSABILIDADE PELOS CONTEÚDOS GERADOS PELA IAG

RP 04: É interessante porque a responsabilidade é dividida nesse caso.

Por mais que a IA faça o seu trabalho de interpretar o prompt que eu estou colocando, dependendo do viés da minha intenção ao fazer aquele prompt, é, sim, responsabilidade minha. É diferente, por exemplo, para um caso recente, onde um coletivo de mulheres negras pediu para o ChatGPT fazer uma logo para o movimento, e aí colocaram a... sem mais. Eles só pediram um prompt de fazer a logo do movimento, com essas cores e tal, tal. E aí, o chat respondeu com o nome da logo e, em seguida, uma figura de um macaco. É diferente, por exemplo, de eu estar mal-intencionada e falar: Por favor, escreva, escreva não. Formule uma imagem para mim e esconda um símbolo nazista, ou disfarça um símbolo nazista. Nesse caso é diferente. Então é muito difícil a gente conseguir separar essas coisas, né?

A maior interpretação do chat, que é alimentado por pessoas, e claramente leva esses preconceitos junto, é o que está em mim, que formulou aquele prompt para que aquela ia entender-se daquela forma. Então acho que sim, que a responsabilidade é dividida, em alguns casos.

MODERADORA: Alguém mais?

7º tema sorteado: REPRODUÇÃO DE IDEIAS DE OUTREM FEITA PELA IAG

RP 02: Eu acho que é aquilo que a RP 03 falou, né? Do saber checar e também de entender, por exemplo, que ela estava fazendo um artigo e não necessariamente uma pesquisa aprofundada, ou que ela fosse colocar, publicar em um congresso ou algo do tipo, mas sim algo mais específico para aquela disciplina. Então acredito que a pessoa tem que ter essa noção, tem que ter esse senso crítico, porque ela também está pesquisando, se eu também estou pesquisando, eu não posso, como a gente já havia falado, confiar cegamente na Inteligência Artificial Generativa.

A gente tem que ter os nossos meios próprios, porque eu sei que a inteligência artificial generativa ajuda muito, ela otimiza, ela organiza, mas nós somos pessoas, nós temos pensamentos críticos. Nós estamos na academia, na universidade, para discussões, para debates.

Então, se eu estou na universidade passando quatro, cinco anos da minha vida, como é que eu não consigo ter um pensamento crítico? Como é que eu consigo debater com alguém? Como é que eu não consigo ter isso? Quer dizer que eu preciso de uma Inteligência Artificial Generativa para poder fazer isso por mim e acabar naquela situação de qual importância a Inteligência Artificial Generativa tem nas nossas vidas. Então acredito que ela é uma ferramenta de auxílio, mas não de totalidade. Ela não vai substituir o ser humano na minha concepção.

RP 03: Eu acho que a gente também precisa de algum debate bastante importante. Por exemplo, em relação à codificação de informações. Quando você faz um trabalho, uma pesquisa que envolve crianças, você precisa codificar, porque não pode colocar as informações de menores de idade. E quando você joga isso no ChatGPT para codificar, acaba o resultado vindo, de maneira eficaz, obviamente, mas aquelas informações ficam ali. E a gente enfrenta grandes percalços relacionados à exploração infantil, à pedofilia e principalmente à pedofilia digital. Então, até que ponto a gente consegue, até que ponto essas informações não precisam passar por um crivo em relação a essas coisas.

RP 02: Aproveitando o que a RP 03 falou. E eu acho que está um pouco difícil de você saber, por exemplo, a questão das crianças. A gente está na academia, a gente está na universidade, a gente tem esse espaço para debater, mas, como a RP 03 falou em outras discussões, tem pessoas leigas, por exemplo, esse grupo de pessoas que estavam fazendo uma logo. Teve outras mulheres que talvez não tivessem tanto conhecimento, queria algum auxílio. Então, as pessoas mais leigas que não têm tanto conhecimento, pensamento crítico, não têm tantos estudos assim, acabam utilizando de uma forma cegamente, não, porque elas querem, mas às vezes elas só não sabem. E a gente sabe que hoje o conhecimento é poder. Mas aí a gente tem que também saber pensar o outro lado. Até que ponto aquela pessoa sabe realmente manusear a Inteligência Artificial Generativa?

Será que aquelas pessoas têm um conhecimento maior? Talvez não tenham. Onde essas pessoas vivem? Qual é a realidade dessas pessoas? Então, acho que a gente também tem que abrir espaço para esse tipo de discussão, porque a gente sabe que existem pessoas e pessoas, mas nem todo mundo tem as mesmas oportunidades, as mesmas chances. Então isso também pesa muito nessa utilização.

Diferente de, por exemplo, nós aqui utilizarmos a Inteligência Artificial Generativa para uma pessoa que tem outra realidade, que a gente, que talvez não tenha nem terminado o ensino médio, mora em uma situação completamente diferente da nossa. Então também tem esse espaço de debate que eu acho que ainda tem muito o que se dizer.

A gente fala assim bem rasa, porque nós não temos tantos conhecimentos sobre as realidades das pessoas, mas que se a gente fosse realmente parar para pesquisar, a gente conseguiria até fazer uma pesquisa sobre isso também, né? Então é isso.

RP 04: Eu vi recentemente um vídeo de um rapaz explicando que a maioria das pessoas pensa em um futuro distópico: inteligência artificial, robôs, destruindo a Terra, dominando os humanos, enfim. Mas que a verdadeira dominação já começou; isso não é papo de ficção científica nem nada, porque, parando para pensar, o René Descartes já tinha dito isso: eu existo enquanto um ser pensante.

A partir do momento que eu deixo que uma máquina tome decisões por mim, ou pense por mim, ou escolha, isso é uma crítica para mim também, ou escolha a melhor forma de escrever o e-mail, porque eu estou com preguiça de escrever o e-mail, ou me resenhe um livro porque eu estou com preguiça de ler esse livro, ela já ganhou alguma coisa sobre mim porque ela tem o que eu não tenho, conhecimento armazenado.

Então eu penso que essa dominação, essa coisa toda, faz sentido se a gente pensar que a cada vez que a gente utiliza essas ferramentas sem o devido controle ou cuidado, a gente acaba eixando porque o nosso conhecimento atrofia, ele diminui, ele fica na mão de uma outra oisa, não viva. Então é um perigo parar para pensar nessa configuração da modalidade em que a gente se encontra, que tudo a gente caminha, a gente corre para o ChatGPT resolver alguma coisa que a gente não sabe. Eu mesmo já me peguei várias vezes tentando resolver uma conta simples de matemática, um problema simples de matemática que eu conseguiria tranquilamente se eu estudasse, ou se eu revisasse, mas é muito mais cômodo, muito mais rápido ir até o chat GPT para formular um texto pequeno com uma mensagem de aniversário, uma conta que eu não lembro como isso faz, resolver matrizes, enfim, regras de rês, enfim, é interessante pensar e assustador também.

RP 01: Eu não sei se tem muito a ver com a discussão, mas o que RP 04 está falando hoje é uma coisa muito antiga: essa questão de as pessoas usarem a tecnologia. Sócrates não queria escrever nem usar escrita porque ele achava que iria fazer mal à memória dele. Se ele passasse assim, ele ia ter que usar como uma boleta. Essa coisa acontece até hoje. A gente gravou vários números de celular no telefone; tem vários números, mas a gente não lembra de nenhum dos amigos. O próprio uso de automóveis, ele teve a gente ir a lugares bem distantes, mas como consequência a gente perde o senso de comunidade, a gente não vai comprar algo perto da nossa casa, vai ficar na minha casa, aí não passa por um vizinho, não ajuda como me alocava, então a gente ganha por um lado, mas perde por outro.

MODERADORA: Podem sortear o próximo tópico.

8º tema sorteado: NECESSIDADE DE HABILIDADES PARA O USO CRÍTICO E EFICAZ DAS FERRAMENTAS DE IAGs

RP 03: Em relação a essas habilidades, a gente como futuros profissionais no âmbito da comunicação, a gente está muito imerso no meio disso, então principalmente para quem trabalha, não vai trabalhar com redes sociais, a gente nota muito que a IAG é uma ferramenta muito poderosa, mas você precisa também saber usar, a gente não pode confiar cegamente, isso já foi uma discussão bem ampla aqui, em tudo que ela propõe, então a gente também tem que saber como propor aquilo, a gente tem que saber como construir aquilo a nosso favor, obviamente respeitando os limites no ético do bom senso, mas a gente também precisa entender, então quais são as minhas habilidades para usar uma IA?

Isso vai ser um diferencial para o mercado de trabalho? Ou então, o que é que o mercado de trabalho, ao adicionar a IA à sua rotina de trabalho, está exigindo?

Então é uma mudança muito particular, acho que vai muito de empresa para empresa, de organização, de campo ou área, mas eu acho que a gente precisa começar se empenhar, se consolidar e principalmente se profissionalizar enquanto usuários de Inteligência Artificial Generativa, e isso vai muito além da graduação de relações públicas, amplia muito isso para que tivesse outros tipos de graduação, tivesse outros tipos de mercado.

RP 02: Inclusive falando sobre isso, nós vamos fazer um painel, chamado Soft Skills, que é a pra disciplina de eventos, e dentre as Soft Skills que o profissional precisa ter, a gente incluiu também como plano, digamos assim, a Inteligência Artificial, então a gente vai convidar o painelistas, uma pessoa que já estuda isso há um tempo, para ensinar para as pessoas de graduação, ou as pessoas que já se graduaram recentemente, ou aquelas pessoas que querem aprender como você pode utilizar a Inteligência Artificial de forma eficiente, como você pode utilizar a IAG para você melhorar enquanto profissional, então acredito que além de ter o uso da plataforma, da ferramenta, a gente tem que saber utilizar, e para saber utilizar a IAG, a gente precisa, querendo ou não, beber de fontes que já estão ali estudando, já estão ali se aprofundando, então a nossa ideia foi justamente fazer esse painel, trazendo as Soft Skills, que são importantes, mas também trazer o uso da IAG, porque a gente querendo não estar inserido nesse meio, então seria também uma forma nos ajudar com isso.

RP 01: O professor de determinada disciplina, já me contou uma história, quando ele começou a trabalhar no Jornal, ele trabalhava com fotografia, e tinha um profissional que revelava as fotos, mas com o passar do tempo esse profissional deixou de existir, porque surgiram as fotos digitais. Ele contou a história também que ele trabalhava com televisão, tinha um profissional que trabalhava com a edição das fitas, que guardava as fitas, aí veio o contato com os computadores e esse profissional parou de existir, quem manteve o seu emprego foi quem aprendeu a usar o Windows, alguns não quiseram aprender, em seis meses foram demitidos, ele concluiu mais ou menos assim, ele não é contra a tecnologia, mas a gente tem que aprender a usar ela para ficar atualizado.

MODERADORA: Uma coisa importante que você falou, RP03, foi sobre o medo aqui na academia, sobre como utilizar a IAG, vocês percebem esse medo entre os alunos, entre os professores também, qual é a forma certa de utilizar a IAG, como é que a gente usa a IAG de forma correta para o meio acadêmico, ou quais são os impactos que essa ferramenta vai trazer para o nosso âmbito aqui de pesquisa científica, de aprendizagem, vocês percebem esse medo, vocês estão por dentro de alguma diretriz, a UFMA já trouxe uma diretriz para os alunos sobre a IAG, sobre como os alunos vão poder usar essas IAGs?

RP 03: A UFMA ainda não trouxe nenhuma diretriz; eu acho que pelo menos não tornou nenhuma pública, nenhuma diretriz a respeito do uso, até porque as diretrizes são as que são consolidadas pelo próprio MEC; então, a questão do plágio, a questão da autoria, a questão de citação, enfim, essas diretrizes mais gerais. Eu creio que a Inteligência Artificial ainda é uma forma educacional, uma metodologia educacional um pouco velada, então a gente é muito fácil de chegar aqui e dizer: não fiz aquilo através da Inteligência Artificial Generativa, mas, na verdade, você fez sim; você se valeu sim, pelo menos de alguma forma. A IAG enquanto construtora de conhecimento, ela ainda não é bem vista, porque dá a impressão de que você não se esforçou, dá a impressão de que você não consegue pensar com a própria cabeça, porém através de trabalhos mecânicos a não utilização da IAG é considerada uma burrice e perda de tempo, então eu quero saber quantos gráficos tem em um artigo, eu joguei esse artigo no ChatGPT, o chat tudo bem, quantos gráficos tem em um artigo e chega, ó, tem tantos gráficos dessa forma, então, ah, é um trabalho simples, então pra trabalho simples de

contar trabalhos quantitativos, né, é muito bem vista, né, porque você otimiza aquele tempo, então é como se você parasse de perder tempo com o básico e começasse a se preocupar com o que realmente importa.

Eu tinha uma amiga que, tem, né, eu tenho uma amiga que ela é muito boa com números, muito boa com números mas ela é péssima de interpretação textual, então colocar um gráfico pra ela averiguar é muito mais fácil do que botar ela pra escrever um parágrafo, então ela se vale ao contrário nesse pensamento, ela usa muito da tradição oficial pra construir um parágrafo, pra colocar o parágrafo ali dentro do meio acadêmico, da linguagem acadêmica, mas ela é muito boa de interpretar gráficos, então interpretações de gráficos dela são muito boas, então, por vezes ela já diz que tem um certo receio de não ser classificada enquanto capaz por causa disso, porque segundo dela, a palavra de alguns professores, o que ela faz é um trabalho muito mecânico, então é um trabalho que uma máquina conseguiria fazer. Mas o pensar é muito atribuído à produção de conhecimento, sendo que a gente esquece que às vezes o pensar é também sobre codificação de resultados, sim, e tá tudo certo.

RP 01: Teve um encontro recente, o APLICOM. Eu fui e o professor de determinada disciplina estava discutindo sobre IA, e, na verdade, eu não tive a oportunidade de conversar com o pessoal assim da turma. Eu não uso IAGs de jeito nenhum; eu estou atrasado nesse sentido, mas tento me manter informado através de jornalistas de tecnologia. Eu ouvi recentemente que um dos criadores do ChatGPT que trabalhava na OpenAI, que é a empresa que fez a chat ele comentou que daqui a alguns anos as pessoas vão aprender a usar as IAGs, e as pessoas vão perceber que muitas dos empregos que eram dados as pessoas que acabavam de sair da faculdade, isso não de Estados Unidos, na realidade os chamados colarinhos brancos as pessoas vão perceber que esses profissionais não vão ser mais necessários, vai ter muitos desempregos. Tem a ver com essa questão muito grande: tem medo de causar muito ressentimento nas pessoas; vai ter consequência política; vão estar ouvindo políticas que são mais populistas, que vão dar mais respostas fáceis e deixar as coisas cada vez mais complexas.

RP 02: Eu posso fazer uma pergunta para o RP 01?

MODERADORA: Sim.

RP 02: Por que você não utiliza a Inteligência Artificial se você sabe que, no contexto atual, as pessoas estão utilizando ela e que, se você não se adapta a isso, você pode acabar, como você mesmo disse, ficando atrasado. Se você tem todas essas noções, por que você não a utiliza?

RP 01: Eu sempre fui atrasado na tecnologia, nunca tive Orkut, eu tinha MSN, demorei Para ter Facebook, eu demorei para ter WhatsApp. Eu demorei para ter. Sempre gostei muito da parte analógica, de ler. Sei que, de meio, parece burrice não usar; eu queria aprender a usar, mas eu acho que essa questão de usar chat, inteligência artificial para resumir textos, essas coisas, facilita para o lado, mas vai tirar muitas das pessoas, principalmente em termos de pensamento crítico. Realmente, eu tenho que me falar mais, me atualizar mais.

MODERADORA: Alguém mais?

RP 04: Voltando até a pergunta inicial que era sobre diretriz, estamos falando aqui um pouco sobre o que a RP03 falou... Seria muito interessante. Eu acho que a UFMA está de tanto ponto atrasada nesse sentido porque, embora a Inteligência Artificial Generativa seja, assim, algo novo, ela já é uma coisa bem conhecida. Todo mundo aqui, pelo menos a maioria das pessoas que conhecem, com exceção do RP 01, utilizam o chat GPT ou já utilizaram, então eu acho que seria interessante não ter criado imediatamente uma diretriz para regular essas questões do que é certo e que é errado no uso da Inteligência Artificial no meio acadêmico mas que houvesse, ao menos, mais pessoas falando sobre isso, mas talvez oficina, além das que a gente tem porque eu quero dizer, que saia do óbvio do que é Inteligência Artificial Generativa, porque quando a gente frequenta alguma coisa, algum evento sobre IAG, o que a gente mais vê é o que a gente já sabe. Tem as perguntas óbvias, tem o medo do futuro, tem o medo da IAG roubar seu emprego, enfim, suscita toda essa discussão, mas realmente algo novo para pensar como a gente pode utilizar a Inteligência Artificial Generativa dentro da universidade sem que isso pareça preguiça, sem que isso seja rotulado como falta de capacidade de, por exemplo, fazer um texto, acho que seria bem interessante olhar por esse lado.

MODERADORA: Podem fazer o próximo sorteio.

9º tema sorteado: **LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS**

RP 02: Sobre LGPD, eu não tenho tanto o que dizer porque eu li, mas eu li de uma forma bem básica. Eu li mais notícias online, de sites online, mas que não se aprofundavam muito. Eu não cheguei a ler artigos falando sobre, então não sei se eu tenho tanta coisa a argumentar. Talvez outros colegas possam falar melhor.

RP 01: Você poderia explicar um pouco mais sobre proteção de dados?

MODERADORA: Os nossos dados na internet estão cada vez mais expostos. Então, o intuito da Lei Geral de Proteção de Dados é responsabilizar a empresa que trata os dados das pessoas, dos seus clientes, de forma que, como eu posso dizer, possa causar mais na frente algum prejuízo a ela. Então, a Lei Geral de Proteção de Dados é preparada para proteger e responsabilizar as empresas que não tratam da forma adequada os dados dos seus clientes.

Porque ele tem que entrar no princípio, isso é uma discussão sempre um pouquinho mais complexa. Eu acredito que, trazendo para a IAG, seria vocês, por exemplo, fazerem uma pesquisa e vocês utilizarem os dados das pessoas, que, por exemplo, utilizarem aqui os dados de vocês, jogarem lá e pedirem para ela fazer um gráfico para mim, uma análise.

Vocês não sabem que eu peguei os dados de vocês e joguei lá e pedi para ela fazer alguma coisa, sendo que ela retém os dados. Então, por exemplo, eu sou uma empresa, eu pego aqui os dados de vocês para fazer uma análise do mercado e aí eu joga lá para ela, peço para ela fazer alguma coisa, sem autorização de vocês. Onde é que fica a Lei de Proteção de Dados nesse quesito? Uma vez que ela retém esses dados e depois ela transmite sem autorização.

RP 03: Eu acho que a Lei de Proteção de Dados é uma coisa muito boa, muito prática, uma coisa ética. Mas, na prática, muitas empresas disfarçam a venda desses dados através daquele toquezinho que a gente coloca ‘autorizo o compartilhamento dos meus dados a fim de análise do centro de alguma coisa’. Então, é muito... Na teoria, é muito bom, é incrível, mas, na prática, as empresas começaram a burlar isso. Então, a gente tem uma lei, mas a gente também tem o famoso jeitinho brasileiro. A gente, obviamente, não deve se orgulhar desse termo, mas é o coloquial.

Teoricamente, como eu disse, é uma lei muito boa, protege você enquanto cidadão, dentro da internet. É muito simples a gente encontrar casos em que os seus dados são violados. É muito simples. Eu só tenho uma conta em banco e todo santo dia eu chego a um e-mail de um banco oposto no meu e-mail. Como é que ele conseguiu aquele e-mail? De que forma? Então, a gente começa a pensar isso.

A gente vive num mundo globalizado, a gente vive em um mundo de conectividade. Porém, a gente também vive em um mundo em que a gente mesmo com toda a atenção, com a atenção redobrada em relação à nossa proteção dos nossos próprios dados a gente está suscetível a esse tipo de coisa graças a uma só confirmação, graças a um confirmo em letras muito miúdas que vi os termos e lá num termo, lá na letra menor ainda está lá. Então, é muito fácil a gente falar sobre uma lei de proteção de dados, mas também é muito mais fácil a gente falar sobre a maioria das empresas, sites, organizações que burlam isso de alguma forma ilegalmente, totalmente legal, eu autorizei, mesmo que eu não tenha ciência, mas eu autorizei.

RP 04: Para ser muito honesta, eu nem havia pensado na possibilidade da IAG no caso, no chat de GPT, ser regulamentar, não regularizar um seu termo completo por essa lei.

Então, para mim realmente era algo que não existia para ela porque o que a gente mais lê é mais algo de dado, já que ele retém. É muito esquisito para eu pensar que há essa lei de proteção de dados voltada para a IA porque ainda não vi isso em ação acontecendo de verdade. Estou bem surpresa. Tem mesmo?

MODERADORA: Não tem, porque a Lei Geral de Proteção de Dados é uma lei brasileira. Então, na teoria, nós devemos ter os nossos dados protegidos a todo custo. Mas isso não funciona. Então, ao utilizar a IAG, a gente também precisa ter essa visão desse conhecimento

sobre a Lei Geral de Proteção de Dados, porque a gente está manipulando; podemos manipular dados de outras pessoas acima desses da IAG. A IAG manipula dados também de outras pessoas. Então, de certa forma, é necessário esse conhecimento sobre essa lei aqui do Brasil.

RP 01: Eu vejo preocupações, sim, dos dados das pessoas na Inteligência Artificial Generativa porque já são usados, por exemplo, a empresa farmacêutica que pega os nossos dados e vende para a empresa de publicidade e também no mesmo local onde eu vi essa matéria sobre as empresas farmacêuticas usando nossos dados, também tem matéria de sites ilegais que as pessoas pagam, às vezes, uma mensalidade aí você coloca o seu nome lá, o nome de qualquer pessoa ela pega todos os dados que tem nessa pessoa tem endereço antigo, número de telefone antigo e é de parente da pessoa, o jornalista colocava o nome dele pegou o número do celular da tia e era um site todo ilegal como no Brasil tem muita corrupção esses dados são até, às vezes, roubados de instituições públicas. Existe uma pessoa que cede os nossos dados que deveriam ser protegidos, na verdade. Qual a informação que a IAG pega se isso for corrompido? Pode ser ainda pior, porque usam para dar golpe e tal.

MODERADORA: Alguém mais? Não?

Vocês gostariam de fazer alguma consideração? Gostariam de falar alguma coisa?

Pois então nós chegamos ao fim do nosso grupo focal de hoje. Eu quero muito agradecer a vocês pela disponibilidade. Muito obrigada!

APÊNDICE E - Grupo Focal 2

Para registrar as percepções dos estudantes de Relações Públicas da UFMA sobre os desafios ao usarem as ferramentas de inteligência artificial generativa em sua prática de pesquisa e o impacto desses desafios em sua vida acadêmica, utilizou-se a técnica de grupo focal em dois grupos de estudantes de Relações Públicas que estavam cursando regularmente a disciplina DECS0318 - ELABORAÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL/MONOGRAFIA (2025.1 - T01) no curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O objetivo foi compreender suas interações e experiências com a inteligência artificial generativa e os desafios éticos envolvidos. Este é o segundo grupo composto por cinco estudantes da disciplina (RP 05, RP 06, RP 07, RP 08 e RP 09).

Para elaborar os nove temas para discussão no grupo focal, partiu-se dos seguintes princípios para o uso responsável de IAGs na prática da pesquisa: 1º) compreensão das ferramentas de IAG/Letramento em IAG, 2º) autoria humana, 3º) transparência no uso de IAG, 4º) integridade da pesquisa acadêmica, 5º) combate ao plágio, originalidade e direitos autorais, 6º) preservação da agência humana e 7º) uso eticamente orientado. Desses princípios nasceram os seguintes temas:

- CONHECIMENTO SOBRE OS TERMOS DE SERVIÇO E POLÍTICA DE PRIVACIDADE DAS IAGs;
- LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS;
- NECESSIDADE DE HABILIDADES PARA O USO CRÍTICO E EFICAZ DAS FERRAMENTAS DE IAGs;
- RESPONSABILIDADE PELOS CONTEÚDOS GERADOS PELA IAG;
- CARREGAMENTO DE TRABALHOS DE PESQUISA NAS IAGs;
- IAG COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR NO APRENDIZADO;
- DISPONIBILIZAÇÃO DE PROMPTS E RESULTADOS DA PESQUISA PARA IAGs;
- O USO DA IAG PARA PRODUÇÃO DE CITAÇÕES EM TRABALHOS; e
- REPRODUÇÃO DE IDEIAS DE OUTREM FEITA PELA IAG.

Esses nove temas foram pensados para a realidade vivenciada pelos estudantes e foram sorteados no momento do grupo focal. Segue a descrição das falas da moderadora e do grupo focal 2.

MODERADORA: Boa tarde! Meu nome é Ester Martins. Sou graduanda de Relações Públicas. Hoje a gente vai fazer um grupo focal para discutirmos os desafios éticos e morais enfrentados por vocês ao utilizarem IAGs no ambiente acadêmico.

Não existe um pensamento certo ou errado, vocês são livres para falar se vocês sabem, se vocês não conhecem, não têm o domínio, não sei, nunca pesquisei, não tem problema nenhum. Vocês podem discordar do pensamento do colega ao lado também. Mas eu só peço que, caso discordem, esperem o colega terminar de falar, para ele poder finalizar o pensamento dele, logo após você falar.

E eu também peço que vocês usem os códigos RP 05, RP 06, RP 07, RP 08 e RP 09 para não expor o nome do colega, tá? Porque eu não vou identificar vocês na pesquisa, vai ser tudo por codificação. Vocês já assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento e também o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. A nossa sessão está sendo gravada e filmada.

Eu não vou expor a filmagem na apresentação da monografia. Ela é só para o meu próprio uso na hora de interpretar os dados, assim como a gravação. Então ninguém além de mim vai ter acesso a esses dados. Não vou divulgar fotos de vocês; não vou divulgar qualquer dado audiovisual. Tudo será por codificação, tá bom?

Então, eu vou pedir que vocês sorteiem um tema. Alguém quer começar? Podem sortear um papelzinho aqui e a gente vai discutir em cima disso. Na verdade, vocês vão discutir em cima disso.

1º tema sorteado: CONHECIMENTO SOBRE OS TERMOS DE SERVIÇO E POLÍTICA DE PRIVACIDADE DAS IAGs

MODERADOR: Você nunca pesquisou sobre, nunca teve vontade de conhecer quais são os termos de privacidade dessa ferramenta?

RP 07: Pior que não. A única que eu utilizo é o ChatGPT, a única em que eu pesquiso as coisas e tal. Mas eu realmente nunca tive a curiosidade de perguntar sobre como ela funciona, a questão da privacidade, a questão de como eles vão tratar os nossos dados, as nossas informações. Então, nesse ponto bem que eu vou ficar devendo, porque eu ainda não fui curiosa o suficiente para pesquisar sobre.

MODERADOR: Alguém mais?

RP 06: Eu acho que é até uma questão de irresponsabilidade minha e não só com a IA, mas com outros tipos de plataformas; a gente só aceita os termos, e aí não se preocupa muito em como a nossa privacidade é tratada dentro dessas plataformas. Então, eu também nunca tive a curiosidade de saber ou procurar mais sobre esses termos e como essa privacidade é manuseada por essas empresas.

MODERADOR: Podem sortear outro tema.

2º tema sorteado é um dos princípios para o uso de IAG: TRANSPARÊNCIA NO USO DE IAG – necessidade de transparência no uso dessa ferramenta quando utilizada nos trabalhos acadêmicos

RP 06: Eu acho que a gente, até como já foi falado nas aulas, em algumas aulas passadas, essa questão da transparência, ela vem se tornando um ponto que é essencial hoje em dia, porque eu acho que esse boom das IAGs começou aqui em 2021 por aí, e desde lá tudo se desenvolveu muito rápido. Então, hoje em dia é muito fácil você inserir a IAG ou utilizar a IAG para fazer algo e fazer a divulgação desse produto, desse projeto, com a IAG, mas você acaba não explicitando que houve ali um uso. Então, eu acho que a transparência acaba sendo primordial, porque a gente está num cenário onde as coisas são modificadas virtualmente por essas plataformas, que são divulgadas e geram um problema social, porque as pessoas começam a tratar aquilo como verdade e não buscam entender de onde isso partiu e acaba se tornando mesmo um problema geral. Eu acredito que, no caso da transparência, seja um dos principais pontos a se tratar dentro desse assunto.

RP 07: Então, dentro do âmbito acadêmico, por exemplo, quando a gente publica... a professora da disciplina, falou muito pra gente que a gente tem que colocar que estamos usando e ser o mais transparente possível, só que eu acredito que nós enquanto discentes ainda não sabemos fazer isso, é algo que não foi discutido. Talvez, por essa tecnologia ser tão nova, porque as pessoas ainda não sabem explicar, ainda não tem essa dinâmica com a gente e eu também tenho um pouco de medo, eu que já publiquei um pouco na área acadêmica, de talvez o trabalho ser desvalorizado, porque não é tipo, ah, eu escrevi o meu trabalho inteiro com a IA, mas ela me auxiliou, só que será que se eu colocar isso não vai desvalorizar? Eu acho que tem um pouco desse medo do nosso lado também.

RP 05: E isso que RP 07 falou é justamente o que acontece dentro da academia, porque por mais que as pessoas tenham consciência de que ela é uma arma poderosa, muita gente ainda mente dizendo que não usa. E eu acredito que não vai desvalorizar, como ela falou, o trabalho dela, ela pode até otimizar a questão da entrega de resultados. Eu não sei como é aqui dentro, mas lá onde eu trabalho, eles se incentivam muito à questão do uso, mas o uso consciente da inteligência artificial: você tem que saber dar o comando, saber o que ela vai te dar, e tu saber codificar o que ela vai te dar. E eu acho que dentro da universidade é justamente isso também, ter transparência de saber que ela é poderosa, que ela te dá muitos auxílios. Quando a professora falou que dentro da disciplina que a gente poderia utilizar, e que tinha muitas ferramentas que poderiam melhorar o nosso trabalho, eu fiquei até surpresa, porque tem professor que é muito chato na questão de utilização de inteligência artificial, tem professor que é muito contra, mas acredito que já faça parte de uma realidade nossa, então acho que não vai sair mais. A questão é se adequar e se atualizar, então acho que esses professores não aceitam. Por exemplo, eu fiz uma disciplina de férias, que o professor ele pediu meio que uma dissertação, e quando ele ia identificando plágio, ele ia desconsiderando os trabalhos, era zero, zero por uma frase, por uma citação, ele simplesmente dava zero, eu acho que é falta de flexibilidade, porque a pessoa está sendo transparente, mas ele não está aceitando, então vai de cada um.

MODERADORA: Alguém mais? Próximo sorteio.

3º tema sorteado: [DISPONIBILIZAÇÃO DE PROMPTS E RESULTADOS DA PESQUISA PARA IAGs](#)

RP 07: Eu acho que é interessante, já que a gente quer ser transparente, porém não sei como seria na prática, por exemplo, dar acesso, disponibilizar só o que é preciso para pesquisa.

RP 05: Um tema ele vai puxando o outro, né? Essa disponibilização desses prompts e resultados na pesquisa casa com a questão da transparência. Se você quer ser uma acadêmica transparente, você tem que fazer os processos transparentes. E como a gente está nessa era de IA, muito se falando, já vai ter até um curso sobre IA na UNDB, é algo dentro da nossa realidade, então daqui a um tempo, isso daqui eu acho que já vai ser obrigatório, dentro de um artigo, dentro de alguma pesquisa, porque não tem como, hoje em dia, não tem como uma pessoa dizer que não usou, por mínimo de auxílio. Eu estou querendo muito, por exemplo, usar no meu, para delimitar o meu tema, para escolher o meu tema da monografia, e ele foi muito bom nesse sentido, porque ele te dá vários caminhos, e aí tu vês qual o caminho que tu deves seguir, e eu acho que, dentro da universidade, ele é importante, né? Então ele já faz parte, e eu acho que isso daqui a um tempo vai ser obrigatório mesmo, tu apresentares os resultados que eles te deram, né? Então, ah, eu pesquisei o conceito de, sei lá, conceito de inovação, de RP internacionais, sabe? Ele te deu alguma coisa, então ele participou do teu processo criativo, então nada mais justo do que tu fazer essa disponibilização. Créditos IAG.

RP 06: Eu acho que nessa questão, a disponibilização dos prompts e desses resultados... porque já é uma realidade. Né? Esse uso, então, no futuro, eu acredito que isso vai servir até com uma forma de validar aquela pesquisa, então o pesquisador, ele reconheceu o uso que ele fez, e ele deixou aquilo muito claro na pesquisa dele, então a gente sabe que aquela pesquisa, além do embasamento científico, ela vai ter aquele embasamento da IAG, independente se tá certo ou errado, mas foi explicitado, né, pra ser validado por quem está avaliando.

RP 08: Eu concordo com o que as meninas falaram. Eu acho que também ia ser bem interessante essa disponibilização, mas eu acho que eu estava batendo muito pouco o que a RP 07 falou sobre quando a gente coloca esses dados, que o nosso trabalho acaba sendo um pouco descredibilizado. Eu acho que é isso.

E aí, isso vai muito de professor para professor. Como ele vai aceitar isso? Como ele vai olhar esse trabalho? Eu já acompanhei algumas discussões sobre como são essas informações, que, mesmo que a IAG nos dê essas informações, de qualquer forma, essas informações são dadas por nós. Então, até que ponto a gente vai saber separar o que foi escrito pela IAG, o que é produzido pela gente?

E também eu vi uma notícia recente que fala sobre o ChatGPT Pro, se a gente quiser usar. Somos nós que ganhamos esse crédito por autores, mas se for aquele grátis, já vai ser ele que vai levar o crédito, então fica muito aí essa discussão, de até que ponto a gente pode separar isso.

RP 07: O que ela falou, o que RP 08 falou, me lembra também muito a questão, tipo assim, se a gente está falando que no futuro isso aqui é algo que já vai estar lá, a gente também tem que parar pra pensar em talvez um regimento. Por exemplo, novamente voltando pra discriminação dos trabalhos. Talvez seja legal ter uma recomendação que faça assim: até 30% do trabalho é aceitável. Cortando, por exemplo, 30%, sem falar na questão de quando você utiliza como ferramenta para, por exemplo, fazer uma leitura de Instagram, de dados, para leitura de dados, porque eu acho que não contabiliza tanto quanto o de IAG. Hoje em dia, a gente já usa muito pra ver quantidade de posts, quantidade de curtidas, porque manualmente é muito difícil para a gente fazer essa leitura. É algo que já acontece. Eu acho que seria o caminho que precisa ser percorrido, porque muitos desses professores não vão aceitar isso; eles ainda não aceitam que a gente utilize essas inteligências.

Então, eu acho que teria que ter uma regulamentação, algo que esteja acima da opinião do professor, algo nesse sentido. Aí no caso, entra um letramento de IAG para professores, não é? Então, quando a gente, sei lá, desenvolve uma pesquisa e apresenta pra FAPEMA, pra PIBIC, dentro das regulamentações, olha, você pode usar até 30% de IAG no seu trabalho pra fazer a coleta de dados...você precisou pesquisar um termo, alguma coisa pro que você colocou tudo bem, desde que esteja dentro dessas regras aqui.

MODERADORA: Alguém mais? Querem sortear outro?

4º tema sorteado: **O PRINCÍPIO DA PRESERVAÇÃO DA AGÊNCIA HUMANA – Uso do pensamento crítico durante o uso da IAG nos trabalhos acadêmicos**

RP 08: Eu acho isso bem interessante, mas eu acho que vai com bom senso. Porque a IAG, ela acaba inventando, às vezes, alguns resultados. Como, por exemplo, alguns trabalhos que eu já fiz e eu já tive essa experiência. De ver que tava tudo certo, se era aquilo que eu queria, mas quando eu ia pesquisar por aquele autor, ele realmente não existia. Então, eu acho isso bem interessante. E é até uma coisa que se pode acusar quando a gente for realmente colocar trabalhos à disposição. Então, eu acho que vai muito naquilo que a RP 07 falou sobre criar uma regulamentação. Como essas realidades podem ser mais transparentes e realizadas.

RP 07: Eu entendo que a gente está na dificuldade dentro da nossa realidade aqui, UFMA, que é muito corrido. E eu sei que a gente utiliza muito. E agora que eu, particularmente, e as meninas que a gente está escrevendo TCC, eu sinto que essa é uma dificuldade, né? A gente criar o nosso pensamento crítico. E por vez de dar muita vontade, realmente, recorrer com a IAG. Pelo amor de Deus, fala o que eu quero falar!

Então, acho que essa é uma grande batalha ainda pra gente, pra talvez conscientizar os próximos que vão vir depois de mim, né? Os que vão entrar ainda na faculdade. Porque os jovens, hoje em dia, já estão começando a usar isso na escola. Então, como vão vir à cabeça desses jovens? Eles têm um pensamento crítico? Eles sabem a importância de ter um pensamento crítico? Então, eu acho que tem a ver um pouco com esse assunto. Talvez, um pouco de conscientização sobre isso.

RP 06: Eu concordo com o que RP 07 falou. E eu acho que manter esse pensamento crítico nesse cenário de IAG é uma coisa que muitas vezes a gente deixa passar, né? E aí, na correria do dia, da rotina, a gente deixa isso passar. Mas, depois assim, às vezes a gente para pra refletir e vai e pensa, né? Nossa, como eu poderia ter feito aquilo diferente? Era algo tão simples que eu acabei tendo que recorrer à máquina, né?

Então, é interessante pensar dessa forma. E falando por uma experiência própria, eu me considero uma pessoa muito criteriosa nesse sentido. No projeto do TCC, que a gente está escrevendo, eu tive que recorrer algumas vezes à IAG para buscar referências. Porque, às vezes, eu queria falar de matemática, mas eu não conhecia. Não era uma temática tão abordada no curso, então eu tive que partir para outras áreas.

E aí, a IAG veio e me deu algumas referências, mas quando eu fui conferir mesmo se de fato elas eram válidas, a gente já consegue identificar várias lacunas. Então, a gente tem realmente que ter essa proximidade quando a gente está usando, porque senão a gente consegue entregar um trabalho que vai ser cheio de lacunas em relação a isso.

RP 05: Eu acho que nesse ponto aqui tem várias questões a serem analisadas. Por exemplo, o ser humano, hoje em dia, está com preguiça de pensar. Então, como surgiu a IAG, que facilita muito alguns trabalhos, então ele já não vê a necessidade de sentar, ler, estudar, escrever, porque ele sabe que tem uma inteligência que faz isso por ele, e em poucos segundos, então ele gera um texto de três laudas em menos de quinze segundos, porque ele levaria horas para fazer, para eles é muito mais simples fazer isso. Mas tem uma questão também: a gente tem que ter inteligência para comandar a IAG.

Não é, ah, eu quero que tu me fales quando foi a independência do Brasil; tu tens que saber o comando que tu vais dar pra ela te dar uma resposta robusta que faça algum sentido pra ti. E aí, eu lembro que eu estava assistindo ao TikTok. Eu vi justamente um vídeo de um humorista que fazia o papel da IAG, e ele recebendo as perguntas que a gente mandava pra ele, tipo assim, ah, escreva um e-mail pra eu mandar pro meu chefe. Tipo, coisas básicas que o ser humano não é capaz de fazer, porque somos racionais, mas ela faz mais rápido e pra gente é muito mais simples escrever lá um parágrafo, explicando pra ela o que ela tem que fazer, que agora tem a opção também de áudio, então tu podes conversar com ela que não precisa mais digitar.

De vez em quando, quando eu estou com preguiça, eu vou lá; então eu preciso disso, disso, disso, disso, disso. É muito mais simples; ela te dá muitos recursos que, se fosse parte de ti, iam demorar muito mais tempo. Aí, tu pensa por um lado, tu tens a otimização de tempo, tu consegues fazer muitas coisas em pouco tempo, mas tem isso que RP 06 falou: tu não tens uma veracidade de 100% do que ele está produzindo pra ti; é verdade. Aí fica esse questionamento, né? Até que ponto tu segues cegamente o que ela te fala e como é que tu consegues manter esse teu pensamento crítico dentro de tantas informações que ela te fornece?

RP 09: Eu acho que essa questão do pensamento crítico acontece a partir do momento em que a gente se policiar sobre o uso da IAG.

Por exemplo, eu uso a IAG praticamente todo dia, pra perguntar coisas sobre o meu trabalho, coisas sobre a faculdade. E aí, com esse negócio de copiar/colar, eu fico muito viciada. Então, às vezes, a gente chega tipo assim, aí, o que você acha da escolha do grupo para representação na COP30? Aí ele fala, aí, eu acho isso, isso, isso, isso.

Aí eu fico tipo, aí eu não sei se eu concordo completamente com isso, mas eu vou copiar aqui, jogar no documento e aí depois eu ajeito. Aí eu fico assim, aí, mas ele escreveu tão bonitinho, né? Eu acho que na hora lá, eu falo também o que eu achei, e aí, tipo assim, o documento, tá aquilo, e aí eu vou deixando pra depois, e aí fica nessa de copia e cola, copia e cola, copia e cola, aí eu fico tipo, aí, eu não tô totalmente errada, né?

Mas assim, para as coisas mais sérias, quando eu realmente preciso ativar o meu senso crítico, eu acho completamente exaustivo. Tipo assim, meu Deus, dessa vez eu tenho realmente que corrigi-lo ou mandar fazer de novo, e aí eu tenho que gravar áudio. Não, você não entendeu. Eu quero isso, isso, isso, isso. Ah, desculpe, você quer isso? Eu quero isso.

É muito difícil depois que a gente se acostuma a copiar e colar. E aí depois a gente vai ter que, não, peraí, agora eu realmente tenho que pensar. Senão, né, não vai dar bom. Então, se isso acontece comigo, que já sou uma adulta, eu fico pensando como que isso funciona pro pré-adolescente, sei lá, pra adolescentes e crianças que não têm acesso a isso, sabe? Tipo, elas vão perdendo cada vez mais o hábito de pensar, entendeu, porque é uma coisa muito simples, muito rápida, muito fácil, e vão deixando as coisas pra depois, e aí a gente vai ver que não quer realmente pensar.

5º tema sorteado: LEI GERAL DE PROTEÇÃO DE DADOS

RP 05: Lei, não é comigo. E eu já fiz um trabalho sobre isso; foi até em opinião pública que a menina deu essa opção de a gente escrever um artigo sobre a Lei Geral de Proteção de Dados, mas eu não vou ter um embasamento muito profundo pra dar pra vocês.

RP 06: Eu estava junto com o RP 05, nessa cadeira, e a gente realmente fez um projeto, né, de pesquisa de opinião sobre o uso de dados que são coletados por empresas comerciais, né, e aí a gente realmente teve que se embasar um pouco nessa lei, mas quando a gente fez, era uma lei que estava bem recente, então, eu acho que isso já faz uns dois, um ano, dois anos por aí, então, hoje em dia eu também não tenho tanto embasamento em relação a essa lei, mas é uma coisa que eu vejo que está sendo muito presente, porque eu percebo muito isso geralmente em formulários em que a gente tem que ceder autorização, né, então, sempre tem lá este questionário embasado na lei geral de proteção de dados e tal, então, eu vejo essa presença, mas também não tem tanta profundidade na questão.

RP 09: Eu acho que o que tá acontecendo é que a gente sabe da existência da LGPD, mas nós, enquanto cidadãos, não estamos muito preocupados em tomar conhecimento sobre elas [as leis], então, tipo assim, quando alguém vai usar os nossos dados e, perai, tem a Lei Geral de Proteção de Dados, você tem que guardar os meus dados bem direitinho aí. E aí, tem que ter a caixinha de que, sim, eu tô confirmando, mas você tem que guardar os meus dados, mas a gente não tá muito preocupado em entender exatamente em que ela consiste, o que ela protege, até onde ela vai, sabe. Eu acho que a gente realmente só pensa em entender sobre ela quando a gente vai precisar usar, sei lá, pra fins de trabalho ou para fins acadêmicos nos quais a gente vai ter contato com dados de outras pessoas, mas quando a gente vai oferecer os nossos dados, assim, a gente não tem muita noção e eu acho que é isso.

6º tema sorteado: **RESPONSABILIDADE PELOS CONTEÚDOS GERADOS PELA IAG**

RP 07: Eu acho que isso tá muito em volta do que a gente já vem discutindo, de ter essa responsabilidade, de como que a gente tá usando, porque isso vai depender do nível de transparência que a gente quer explicitar num trabalho, isso vai depender do nosso pensamento crítico em relação à IAG, então qual é o fim em que eu tô utilizando essa IAG? Porque eu decidi utilizá-la e até que ponto ela tá contribuindo com o meu trabalho, mas também com a minha habilidade de refletir sobre aquilo, então eu acredito que seja nesse sentido porque no final tudo isso gera um senso de responsabilidade, mais pra um e menos para outros.

RP 07: Eu sinto também que essa questão da responsabilidade tem um peso maior pra gente como comunicadora, porque, por exemplo, a gente trabalha com informação, então a gente tá sempre fazendo essa passagem de informação. Por exemplo: Certo deputado, estive em tal evento, por favor, me dê uma citação de algo que ele falou nesse evento. Aí ela me dá uma fala que possa comprometer ele, que às vezes tá na entrelinha, que eu não percebo, coloco isso nas redes sociais do meu trabalho ou de qualquer coisa, sabe?

A responsabilidade vai muito além de você usar e de você ser transparente com o que você tá usando; é você entender tudo o que isso pode afetar, sabe? Principalmente quando a gente tá usando esses fins de trabalho, de algo que tu não passa mais com a tua imagem, mas que tu tá carregando é mais de outra difusão do tipo que tu tem, então acho que também tem esse aspecto, alguma responsabilidade.

RP 05: É isso que a RP 07 falou; me lembrou vários stories que eu vi de uma aluna aqui da UFMA, né? Ela é de audiovisual e ela falou justamente isso que era pra pessoas que produzem conteúdos, né? Seja dentro da universidade, seja no trabalho, pare de usar IAG porque ela vai acabar aos poucos com a criatividade da pessoa, né? E os conteúdos já estavam muito padronizados, sabe? Quando os conteúdos eles já são padronizados você já consegue identificar de longe, foi basicamente o que ela quis dizer e eu acho que casa muito com isso aqui com a responsabilidade pelos conteúdos gerados, ele gera mas quando você vai colocar isso pra sociedade seja nas redes sociais, seja no ambiente de trabalho, seja aqui dentro da sala de aula, você tem que ter responsabilidade pra saber passar isso porque foi como a RP 09 falou, se for só um Ctrl-c Ctrl-v, então não é você mais, então já é a IAG. A gente tem que ter a responsabilidade de como é que a gente vai utilizar, né? E de como a gente vai utilizar e de como vai repassar sendo futuros comunicadores, né? Então, a gente vai sempre fazer conteúdo, produzir conteúdo para a sociedade, e se esses conteúdos não forem de qualidade e passarem pelo nosso filtro, então não faz sentido essa universidade, não faz sentido esse curso, né?

MODERADOR: Alguém mais? Podem sortear outro.

7º tema sorteado: CARREGAMENTO DE TRABALHO DE PESQUISA NAS IAGS

RP 07: Eu acho que tem muitas questões, porque ele retém, né? No meu TCC, no meu projeto, eu tenho muito medo disso. Foi engraçado que teve uma trend no TikTok que era tipo assim: deu esse prompt pro GPT e peça pra ele falar coisas que ele pensou pra ele fazer uma animação dele, como se ele fosse real e você e vocês dois conversando. Gente, os nossos balões de conversa eram tudo meu trabalho. Ele falou todos os meus temas, todos os meus temas de TCC! E aí eu tenho essa questão de não hoje, não amanhã, mas daqui a alguns anos alguém pegar, tipo assim, querer fazer um trabalho sobre o assunto e aparecer lá o meu projeto inteiro pra pessoa: Olha, pegue, de presente pra você.

Então, é realmente algo muito complicado, mas eu, particularmente, tenho muita dificuldade com a parte gramatical, tipo, às vezes, sabe de fazer correções simples que eu falo, meu Deus, eu tenho que parar, ler, ler, ler Então eu uso muito ele pra isso.

Só que é, né, muito difícil porque você tá dando o seu trabalho para qualquer pessoa; pode ser alguém, um tema parecido, muito similar ao meu; ele vai dar, sei lá, um parágrafo inteiro do meu trabalho pronto pra pessoa.

RP 08: Isso me lembra muito essa questão de um debate que a gente teve aqui em sala de aula com a professora Luciana, que foi justamente o que ela falou que algumas universidades estão perdendo qualidade e que alguns pesquisadores foram descobertos e teve o uso de IAG, então por causa que alguns parágrafos em trabalho acabaram aparecendo em outros trabalhos em outro grupo. Isso é muito preocupante, porque apesar de sabermos disso que a gente não estava buscando essas informações, então a gente acaba sendo muito refém disso, eu acho muito interessante que a gente devia mesmo parar pra pensar como as informações elas podem ser divulgadas que isso pode afetar muito, futuramente, principalmente os nossos trabalhos, porque a gente não sabe onde vai parar, como estão sendo armazenadas as informações.

RP 09: Eu jamais colocaria um trabalho meu na IAG, né? Eu acredito na revolta das máquinas, rs. A gente fala assim, eu tenho uns pensamentos muito intrusivos sobre isso e, por exemplo, tem os pacotes pagos, eu fico pensando, meu Deus, eu vou dar o meu trabalho de graça pra ele e aí alguém de repente chega e quer um trabalho sobre comunicação interna, e essa pessoa paga por isso, e ele simplesmente vende o meu projeto, eu acho que isso é louco se eu soubesse de uma coisa dessa, eu ia ficar muito revoltada.

Então, assim, eu tenho um certo cuidado com isso, eu tenho realmente algumas paranoias, sempre que eu troco as palavras. É isso, né, e também, por exemplo, eu não tenho paciência de montar referência pra colocar no final, então eu chego tipo assim aí, olha, monta essa referência aqui desse livro do ano tal tipo assim. Gente, se fosse pra eu fazer manualmente, eu não saberia fazer as referências porque eu fui tipo, um o segundo nome primeiro e uma maiúscula, e depois tipo, uma minúscula ... gente, fazer referência...

Então, tipo assim, esses processos que eu acho insuportáveis, vão ficar cada vez mais distantes de mim. Eu fico pensando, meu Deus, se de repente a IAG, sei lá, morre, eu vou ter que aprender a fazer isso com 30 anos, gente. Fico muito desesperada. Vai ter tanta gente assim.

MODERADOR: Alguém mais? Podem sortear outro.